

NOVOS RUMOS

ANO V — Rio de Janeiro, 8 a 14 de novembro de 1963 — N° 246

Remessa de Lucros: Pilhagem Dos Trustes Tem Que Ser Sustada

Reportagem na 8ª página

PSD e UDN unem-se à manobra do líder do Governo

Sindicatos Reagirão Contra Projeto Que Libera os Aluguéis

Reportagem na 2ª página

O GRANDE OUTUBRO

Uma nova era se abriu diante da humanidade quando, há 46 anos, Vladimir Ilitch Lênin dirigia-se aos trabalhadores da velha Rússia anunciando que a revolução triunfara, que o poder passara para as mãos da classe operária e do povo trabalhador oprimido. inaugurava-se a era do socialismo e do comunismo. Nas vastidões da Rússia deixava de existir a exploração do homem pelo homem, pela primeira vez o Poder do Estado era exercido pelos trabalhadores. O Grande Outubro libertou os povos da Rússia e desbravou os caminhos da paz, da liberdade e da felicidade para todos os homens.

Toda a humanidade progressista festeja a Revolução de 1917 com entusiasmo, alegria e confiança no futuro — confiança que resulta, principalmente, da consciência das profundas transformações por que passou o mundo nesses 46 anos, ao influxo do Grande Outubro. Hoje, já é um terço da humanidade que vive sob o socialismo. Hoje, já não é o imperialismo, e sim o socialismo, o fator determinante do desenvolvimento da humanidade. Hoje, o comunismo está sendo concretamente construído na URSS. Hoje, o que vivemos, em escala mundial, é a derrota do capitalismo e o triunfo das ideias de Marx, Engels e Lênin.

NOVOS RUMOS participa das comemorações da Revolução de Outubro, ao lado dos trabalhadores e todas as pessoas progressistas de nosso País, publicando o suplemento que é distribuído juntamente com esta edição.



PAULISTA FOI À GREVE

Os acordos foram assinados. O aumento concedido a todas as categorias foi de no mínimo 80%. Já não há mais greve na indústria paulista. Mas, houve, E, como. Durante quatro dias o proletariado de São Paulo (capital e interior) paralisou quase que totalmente o trabalho nos principais setores da produção. Enfrentando e reagindo às violências, desbaratando todo o sistema policial de repressão montado pela quadrilha de Ademar, os trabalhadores levaram o movimento até a vitória, contando para isso com a solidariedade valiosa de todos os operários do Brasil, a começar pela CNTI que comandou a greve paulista. Na foto ao lado, aspecto de uma manifestação realizada na Capital durante os dias de paralisação. Reportagem na 7ª página.



Ianque Mata e Sorri

Mudaram os titeres. Um golpe militar no Vietnã do Sul derrubou o ditador daquela infeliz nação. Uma junta militar que já se anuncia anticomunista e pró-Occidente, assumiu o poder. Os norte-americanos, naturalmente, depois de se desfazerem de um aliado que já criava problemas, apoiaram agora os esforços do novo governo em sua ação contra o comunismo. Isto quer dizer que continuará a repressão contra o povo vietnamita, os assassinatos e massacres brutais cometidos durante todos estes anos pelos mercenários e pela soldadesca ianque que se apossou daquele país. Mudaram os homens no poder mas não mudará a fisionomia do Vietnã do Sul. O ianque continuará a matar e a sorrir, como o da foto ao lado. Reportagem na quarta página.

Data Nacional da União Soviética

O Instituto de Intercâmbio Cultural Brasil-URSS convida os seus associados e o povo em geral a comparecer ao ato comemorativo da data nacional da URSS. A manifestação terá lugar no próximo dia 8, às 20 horas, no auditório do Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Na ocasião será exibido o filme soviético «Léguas de Fogo».

Capuava: Greve Continua

Os trabalhadores da refinaria de Capuava, cerca de 500, permanecem ainda em greve pela conquista de aumento salarial e a encampação da empresa. O movimento, deflagrado no dia 25 de outubro, vem recebendo a solidariedade de todos os trabalhadores paulistas e brasileiros, notadamente dos do setor de petróleo. Estes estão mobilizados através das suas organizações em todo o País, que vêm mantendo contatos com as autoridades federais e o próprio presidente da República no sentido de ser encontrada uma solução satisfatória para o problema.

(Reportagem na 2ª pag.)

Estão Tentando Ressuscitar em São Paulo Cadáver da «Aliança Para o Progresso»

Em São Paulo, na chamada "Vila Panamericana", 600 homens bem protegidos, vindos de quase toda a América Latina — exceto de Cuba —, assistidos por um nutrido grupo de americanos, debruçam-se sobre um cadáver. Curiosamente, estes legistas não procuram identificar a "causa mortis", mas sim ressuscitar o morto. "Aliança para o Progresso" — eis o nome desse "cadáver insepulto", como o chamou na Câmara o deputado Marco Antônio. Em reportagem que publicamos na 3ª página, os leitores encontrarão detalhes do que está sendo a reunião do Conselho Interamericano Econômico e Social, assim como novos aspectos do fracassado programa lançado há dois anos em Punta del Este.

Aos Leitores de Minas

Por motivos alheios à nossa vontade, determinados pela não entrega em tempo da matéria pela empresa aérea que a transportou, deixa de circular hoje a edição mineira de NOVOS RUMOS.

Na próxima semana, normalmente, esperamos restabelecer a circulação de NR mineiro, que tanto apoio tem recebido do público em Belo Horizonte e outras cidades do Estado.

7 de Novembro: Comemoração em São Paulo

No próximo dia 8, às 20 horas, na sede do Centro do Professorado Paulista, à avenida da Liberdade, 928, realizar-se-á ato público comemorativo do 46.º aniversário da Revolução de Outubro na URSS. A comissão patrocinadora da manifestação, durante a qual falarão os professores Mário Schenberg e Paulo Singer, e o universitário Miguel Ignatius, está assim constituída: Caio Prado Junior, Paulo Dantas, Suzana Sampaio, Antônio Chamorro, Vilanova Artigas, João Batista Moraes de Andrade, Camal Schaim, Ramiro Luchesi, Ibiapaba Martins, Raimundo Pascoal, Moisés Vinhas, Remo Forli, Fúlvio Abramo e Lindolfo Silva.



A Lição da Semana

Molsés Vinhas



RUMANIA COM AÇÚCAR

A antiga fábrica de açúcar de Tirgu Mures na Rumania, foi completamente reconstruída e modernizada, e opera com 3.000 toneladas de beterraba açucareira por dia. É hoje uma fábrica nova a maioria do país. Projetada por engenheiros rumenos, a nova empresa ocupa aproximadamente 20 hectares e se destaca pelo elevado grau de mecanização e automatização. Fundamenta automaticamente a dosagem de concentração do açúcar, do calor e evaporação e as operações de refino. Os menores defeitos são eliminados por aparelhos óticos. A carga de açúcar, entre outras, já é hoje uma operação mecanizada.

ÁCIDO NA POLÔNIA

No combinado químico de Tarnobrzeg, Polônia, foram instaladas duas linhas para a produção de ácido sulfúrico. A primeira, com capacidade para 4.450 toneladas, já pôde ser inaugurada a segunda fábrica de ácido sulfúrico, com capacidade para produzir 100.000 toneladas por ano. Na local, há duas jazidas de enxofre, cuja extração se processa a céu aberto. As jazidas apresentam 22 a 24% de enxofre puro. Além das jazidas de ácido sulfúrico, o combinado abrange uma central elétrica, oficinas de reparos, usinas e um bairro residencial, com capacidade para 7.000 pessoas, com teatro, escola, etc. Atualmente, são estudados novos métodos que permitam um maior desenvolvimento do combinado, inclusive com a extração de minérios de enxofre das jazidas situadas a maior profundidade.

POLITIZAÇÃO ARTIFICIAL

Um aparelho eletromagnético, construído na Bulgária pelo inventor L. Demosiev, é utilizado para a politização artificial dos leucemas, esta produção é considerada efeitos econômicos. O aparelho difere bastante dos aparelhos semelhantes utilizados no estrangeiro, e acelera muitas vezes o recolhimento e a retirada do pólen das flores. É composto de um eletroímã, onde se acha fixado um disco metálico com várias dezenas de prendedores, dispostos em espiral. Em cada prendedor se coloca uma flor masculina, já madura. Mediante um forte impulso elétrico, o eletroímã atrai o disco e o pólen das flores é expelido e recolhido posteriormente em provetas.

COMPRAS E VENDAS

O volume de intercâmbio comercial bilogístico com o estrangeiro aumentou nos primeiros sete meses deste ano de 1953, em relação a igual período do ano passado (as exportações em 25% e as importações em 18%). O maior aumento da exportação registrou-se na indústria têxtil, com aumento de 3.000 milhões de dólares, seguida da indústria de material elétrico, com mais 2.800 milhões. Itália, Alemanha ocidental e União Soviética foram os três países que apresentaram maiores índices de intercâmbio com Belgrado.

RDA CRESCER EM 64

Em 1964, todas as ferreas e todos os meios, serão concentrados nos ramos principais da economia nacional da República Democrática Alemã: a indústria química, a energética e os setores da siderurgia. O plano de Economia Nacional prevê que o produto social bruto da RDA aumentará de 157 bilhões de marcos alemães para 164 bilhões de marcos em 1964. A renda nacional aumentará 3 bilhões, alcançando assim 82,7 bilhões. As investições básicas previstas ponderáveis melhorias no nível de vida, inclusive um aumento do salário real de 4,5% em relação a 1963. Em recente decreto do Conselho de Estado sobre o plano para 1964, estão assinaladas as principais tarefas, nas quais se concentrarão os esforços para o desenvolvimento da indústria, agricultura, transporte, telecomunicações, investimentos, moradias, vida cultural e social, melhoria do abastecimento, etc.

CIGARROS SOB RECEITA

Em breve, nas charutarias soviéticas serão postos à venda cigarros preparados por métodos científicos com uma utilização hipotética, afeições, afeições, afeições, afeições. Há 25 anos, os cientistas soviéticos demonstraram que a nicotina tem um efeito primário no sistema das raízes da planta e só depois passa às folhas. Baseando-se nessas investigações, os técnicos na Bulgária nos últimos anos, o cultivo do tabaco sem nicotina. Foram plantadas sementes de estramonium (Solanum nigrum),erva cujas raízes contêm atropina. Quando a planta chegou a 15-20 centímetros, enviava-se um ramo de tabaco. A análise química demonstrou que a nicotina havia quase desaparecido da planta, formando-se ao invés dela, atropina. Hoje, na Azerbaidjã perto da cidade de Zakanli, está sendo cultivado esse tipo de tabaco.

A FESTA DA ÁRVORE

Em todas as regiões da República Popular da Coreia realiza-se com entusiasmo o plantio da árvore da primavera. Novos boques surgem por lindos jardins. Neste ano, as áreas de talas-broques serão aumentadas de 30.000 hectares. A tarefa de reflorestamento mobiliza trabalhadores e técnicos e muitas pessoas em lugares especiais e remotas para as regiões onde se criam novos bosques. Cuidos especiais estão sendo ministrados ativamente ao pessoal encarregado do reflorestamento em Pyongyang e províncias. A campanha do plantio, no entanto, não se limita a alguns centros, mas também o programa de governo mobiliza toda a população, assinando a manutenção do movimento que visa à criação de 400 milhões de árvores e outros recursos econômicos.

A UNIDADE:

Desde 1952, o operário paulista vem aprimorando sua unidade de ação e organização na base das reivindicações e da ação reivindicatória. Os fatos que se deram em 1953, 1954 e 1955, com reivindicações e greves vitórias. Os fatos que se deram em 1953, 1954 e 1955, com reivindicações e greves vitórias. Os fatos que se deram em 1953, 1954 e 1955, com reivindicações e greves vitórias.

A unidade do movimento operário e os erros cometidos pela vanguarda sindical, determinando o fracasso das lutas e o de caráter estadual, isto prejudicou o movimento sindical nas suas relações com os exploradores que são poderosos.

A formação do "Pacto de Acao Conjunta" foi um erro importante. Reuniu, pela primeira vez, sindicatos e federações, apresentando uma tabela de reivindicações comuns e realizou gestões unitárias junto aos patrões e a Justiça. fez assembleias inter-sindicais imediatas; entretanto em greve juntos, negaram os acordos juntos e saíram da luta, unidos, conquistando importantes reivindicações. São exemplos notáveis que abrem perspectivas favoráveis aos trabalhadores de São Paulo. É certo que não dá representatividade ao atendimento da representação da CNTI junto a Justiça. Era uma questão nova que foi colocada na ordem do dia. Ganhou a votos de jovens progressistas. Este ponto de vista pode vir a ser utilizado, não pratica, o papel da CNTI foi resultado da direção do movimento. Também é certo que não se

conseguiu uma data base única e algumas outras reivindicações. Mas estas também podem ser conquistadas no processo. É uma questão de força do proletariado e de tempo, que trabalha a seu favor.

A SOLIDARIEDADE

Importante fato a assinalar é o novo nível de solidariedade. A esmagadora maioria do proletariado tomou posição e alinhou-se em favor da greve, como os ferroviários da Santos e Jundiaí. A solidariedade foi muito superior ao divisionismo e individualismo do estágio e do isolamento estão sendo batidos no meio sindical, no processo da luta.

PIQUETES E ORGANIZAÇÃO LOCAL

Todavia, notou-se fraqueza e em outro setor em luta e pouca organização local de delegados e conselheiros sindicais nas indústrias.

No entanto, houve maior número de paralisações em ação de piquetes. O piquete, porém, e um direito do trabalhador no sentido de levar à prática a decisão democraticamente aprovada pela maioria da categoria, ganhando os trabalhadores desinformados e cogidos pela reação.

OS ALIADOS DO PROLETARIADO:

O proletariado recebeu certo apoio de setores aliados como das organizações camponesas, intelectuais, feministas, estudantes. Estes últimos não contribuíram economicamente em outras oportunidades, — a aliança operário-

estudantil pode ser restabelecida. As forças políticas que mais apoiaram o movimento foram os socialistas, libertários e comunistas — certamente há diferenças na ação. O que se estranhou foi a ausência, nos momentos necessários dos deputado nacionalistas de São Paulo, dos estaduais com raras exceções. Também se notou a ausência de certos líderes populares. Muitos não compreenderam a falta do pronunciamento pelos professores e militares, que tem recebido apoio permanente do proletariado na sua luta. No entanto, professores e veteranos, em alguns lugares, levaram a solidariedade positiva aos trabalhadores. A ação de solidariedade de algumas organizações pode ser melhorada.

A ATUAÇÃO DA REAÇÃO:

A reação concentrou-se em frações do movimento e derrotou. Usou em muita força a propaganda; obteve a maior parte das massas e impediu o alastramento do movimento. Visou também justificar a repressão e tirar proveitos políticos. A propaganda revelou-se muito importante. Em algumas cidades do interior, que não foram atingidas pela propaganda do movimento, com sua reação lograda, pressionou o Tribunal de Justiça do Trabalho, etc.

A direção do movimento teve a feliz ideia de conseguir a Rádio Marconi. Desempenhou papel importante na informação verdadeira à opinião pública, de desmentir a enxurrada de calúnias que penas e BOCAS

a serviço dos golpistas e traidores da pátria lançaram sobre o justo movimento operário. Ajudou igualmente o MOVIMENTO O SEMANÁRIO, NOVOS RUMOS, que circulou extraordinariamente em solidariedade aos trabalhadores. Todavia, a propaganda, instrumento decisivo na luta, não foi suficientemente utilizada pela direção do movimento. Existem todas as condições nos próximos combates de aprimorar e ajustar seus meios de propaganda à atualidade, a dinâmica de São Paulo. Também a reação, usou a todo o vapor o aparelho de repressão. O Estado gastou bilhões, arrancados do estômago do povo, para reprimir as justas lutas do mesmo. As milhares de prisões, espancamentos mostram as perspectivas deste governo e destes senhores exploradores — as reivindicações para eles voltam a ser "caso de polícia", desvalorizada e a organização legal, defensiva os derrotou. Ninguém de bom senso dá crédito a um jornal ou rádio a serviço do opressor estrangeiro. Na verdade, a greve, pela primeira vez, atingiu mais de 40 cidades do Estado e milhões de operários. Se a reação insistisse em não atender os trabalhadores, o movimento teria a alastrar-se de forma contundente. A reação foi derrotada há poucos dias nas lutas da linha ferroviária, pelo Partido Ferroviário, pelos Professores e agora mais nesta.

O governo do sr. Ademar de Barros, ao contrário de não impedir a sua unidade e organização, para fortalecer as lutas decisivas. Os

atos terroristas são inelutavelmente de sua responsabilidade. Inclusive o ataque desesperado a Rádio Marconi, que com isso ganhou mais simpatia entre os trabalhadores. E o sr. Ademar de Barros o principal responsável pela resistência patronal, que contou com o apoio do seu aparelho repressor e é o responsável pelo acirramento de contradições e odios. Como sempre, nestes combates a sua alma é a derrotada. A justiça trabalhista se comportou com justiça de classe. Ressalva-se a atuação de Juizes progressistas, mas a sua constante e servir as classes exploradoras, que se dobram na face das lutas organizadas e unidas do proletariado.

O governo federal considerou a greve justa e legal, o que foi positivo, bem como sua interferência na elaboração de presos. Todavia assistiu passivamente a ação terrorista do sr. Ademar, desrespeitando a ação pacífica dos piquetes.

A PERSPECTIVA:

Os aspectos positivos apresentados no entanto, a certeza continua subindo a inflação não cessará. A crise de estrutura se agrava. A prática prova que somente a unidade do proletariado, em ação comum com todas as forças nacionalistas e democráticas imporia as reformas de estrutura e no próprio governo, para renovar as causas da carência e das mazelas em geral.

O proletariado paulista, em sua maioria, não tem condições de ampliar e consolidar a sua unidade e organização, para fortalecer as lutas decisivas.

As substituição por jovens e mulheres, a quem pagam menores salários. A miséria é tamanha que o número de suicídios aumentou assustadoramente. Basta dizer que de 931 casos ocorridos em 1959 em Saigon, 665 tiveram como causa o desemprego. As doenças, epidemias, a fome, a miséria, grassam em todo o território, dizimando a população.

Enquanto os vietnamitas do Sul recebem salários de fome, os preços sobem sem cessar diante da desenfreada inflação, da completa deterioração da economia, da crescente submissão aos interesses norteamericanos. O salário mínimo de 1956 e o local de hoje, pois os titeres locais impõem uma dura política de congelamento de salários. Ao congelamento de salários, em 1955 para 8.409,9 milhões em 1961.

MAS HA LUTA

Na no entanto, as massas lutam no Vietnã do Sul, os que não estão nas guerrilhas, levantam-se nas empresas, nas plantações, contra o regime de exploração. Apesar das terríveis repressões, no período de 1955 a 1960, houve 2.419 greves no país. E não se limita às reivindicações econômicas a luta dos vietnamitas do Sul. São frequentes as manifestações de massa, greves, desfiles, passeatas e concentrações, pela desmoralização das tropas estrangeiras, pela liquidação da ditadura. A Frente Nacional de Libertação está a frente dessas manifestações, difundindo seu programa e organizando as massas para a conquista de um governo efetivamente democrático. Do seu programa, constam também: a cessação da intervenção dos EUA, com a expulsão das tropas lanques; a entrega das bases existentes do território do Vietnã; a cessação das hostilidades com os patriotas; e a constituição de um governo de união nacional, que leve a prática uma política de independência e de paz.

Só Mudaram os Titeres no Vietnã do Sul: Continua Colônia Dos EUA

Como já se previa, os Estados Unidos resolveram derrubar a camarilha de Ngo Dinh Diem e entregar o governo do Vietnã do Sul a uma Junta Militar. Entretanto o governo e a força de expressão, pois desde 1954 aquele país não passa de uma colônia norteamericana, com 14 milhões de habitantes num regime de brutal escravidão, fome, repressão e miséria crescente. A quadilha de Ngo, seu irmão e sua cunhada já não podia servir aos interesses lanques. Estavam por demais desmoralizados, impopulares e punham em perigo a repressão contra os patriotas que lutam pela libertação do país. Era preciso substituí-los e o Departamento de Estado não teve — como alias sempre faz com seus titeres — qualquer complacência: promoveu sua derrubada e mesmo sua liquidação física, o que, até certo ponto, veio ao encontro dos desejos da população, que desejava profundamente os sangüinários ditadores.

UMA COLÔNIA

Os Estados Unidos dominam o Vietnã política, militar e economicamente. Sob os ordens dos generais lanques, uma feroz repressão tem sido uma constante na vida do país. Sabe-se que os EUA gastam mais dólares no Vietnã do Sul do que em toda a América Latina. Ali mantêm um exército de mais de 18 mil homens, fortemente equipado, além de dirigir um outro exército, com 500 mil soldados. Nessas forças se apoia a repressão. Um general lanque confessou há pouco que a população do Vietnã do Sul está assim dividida: 30% está nas guerrilhas, lutando pela libertação; 30% simpatiza com as guerrilhas; 30% é indiferente a situação; e 10% são contra as guerrilhas.

Grupos norteamericanos são os donos das empresas, são os donos das plantações, são os donos daquilo que se convencionou chamar de país, mas que não passa de uma colônia na prática.

DESEMPREGO E MORTE

Já passa de um milhão e meio o número de desempregados no Vietnã do Sul, o que significa que por cada grupo de 8 habitantes, um está sem trabalho. Empresas fecham com frequência, dando lugar a "dumplings" de certos produtos importados pelos americanos. Um imposto tipo e o da indústria têxtil Os lanques destruíram o país de produtos importados, o que se refletiu no desemprego de 80% dos operários têxteis.

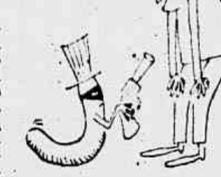
Os salários são miseráveis, para os poucos que conseguem trabalho. A jornada é de 11 horas e é no trabalho que os norteamericanos empregam o que clinicamente chamam de "regeneração das células": a dispensa dos operários mais velhos e

substituição por jovens e mulheres, a quem pagam menores salários. A miséria é tamanha que o número de suicídios aumentou assustadoramente. Basta dizer que de 931 casos ocorridos em 1959 em Saigon, 665 tiveram como causa o desemprego. As doenças, epidemias, a fome, a miséria, grassam em todo o território, dizimando a população.

Enquanto os vietnamitas do Sul recebem salários de fome, os preços sobem sem cessar diante da desenfreada inflação, da completa deterioração da economia, da crescente submissão aos interesses norteamericanos. O salário mínimo de 1956 e o local de hoje, pois os titeres locais impõem uma dura política de congelamento de salários. Ao congelamento de salários, em 1955 para 8.409,9 milhões em 1961.

MAS HA LUTA

Na no entanto, as massas lutam no Vietnã do Sul, os que não estão nas guerrilhas, levantam-se nas empresas, nas plantações, contra o regime de exploração. Apesar das terríveis repressões, no período de 1955 a 1960, houve 2.419 greves no país. E não se limita às reivindicações econômicas a luta dos vietnamitas do Sul. São frequentes as manifestações de massa, greves, desfiles, passeatas e concentrações, pela desmoralização das tropas estrangeiras, pela liquidação da ditadura. A Frente Nacional de Libertação está a frente dessas manifestações, difundindo seu programa e organizando as massas para a conquista de um governo efetivamente democrático. Do seu programa, constam também: a cessação da intervenção dos EUA, com a expulsão das tropas lanques; a entrega das bases existentes do território do Vietnã; a cessação das hostilidades com os patriotas; e a constituição de um governo de união nacional, que leve a prática uma política de independência e de paz.



É UM CORPO ESTRANHO

Os estudantes da Universidade do Peru acabam de exigir do governo que dê um prazo aos agentes do chamado Corpo de Paz dos Estados Unidos, que ocupam importantes cargos na capital e em outras partes do país. A Federação dos Estudantes do Peru apóia a exigência e nota nesse sentido foram dirigidas também aos norteamericanos, por intermédio de um professor. Há aproximadamente quatrocentos agentes lanques — que penetram no país com o consentimento do governo — distribuídos pelas escolas rurais. Esse "Corpo" também atua em suas atividades e seus integrantes estão atuando no governo Lacerda na sua obra de extinção das lavras, que alias, segundo diz o Sr. Sandra Cavalcanti, sofreram um substancial aumento na gestão do Carlos.

UMA VELHA AMIZADE

Está em Portugal o nazista Volkmar Hopf, secretário do Ministério da Guerra de Bonn, que se entrevistará com o Ministro da Defesa de Salazar, general Gomes de Arago. O principal assunto da pauta dessas conversações é o treinamento de pilotos de aviões a jato em Portugal. Três generais da Alemanha ocidental acompanham Hopf. Recordou-se que, há alguns dias, Salazar anunciou que a aviação militar da Alemanha ocidental poderia utilizar uma base aérea em Portugal, para fins de treinamento. São excelentes, como se vê, as relações entre as duas grandes democracias ocidentais, o que ocorre, diga-se de passagem, desde os memoráveis tempos de Adolf Hitler.

FUGA E VOCAÇÃO

O sr. Alves Pinheiro, que tanto louviu — quase sempre de forma alambicada, e melosa — o regime português e seus homens, acaba de informar, através de "O Globo", que preocupa as autoridades lusitanas o problema da emigração clandestina, "o aspecto mais grave e impressionante do problema" que se dirige sobretudo para a França. Diz ele que os portugueses "são seduzidos pelos salários altos com que os franceses os atraem e, por mais vigilantes que se mantenham as autoridades lusas, aumentam dia a dia a fuga (literalmente), sobretudo do homem das Beiras, para os campos da França". E o Alves aponta o caminho justo, aconselhando que a imigração se enquadre, "de urgentemente, da Metrópole para o Ultramar". Esta sim — conclui — é que é a marcha da recuperação e do futuro". O título da matéria é "Vocação Lusitana..."

EM BUSCA DA PAZ

Nos últimos quinze dias, pediram assilo às autoridades da República Democrática Alemã 481 pessoas, entre as quais 68 soldados do exército da Alemanha ocidental. Alados, entre 15 de julho e 15 de outubro, 124 soldados e oficiais desertaram das tropas de Bonn e cruzaram a fronteira da RDA. Mas não são apenas militares alemães que tomam essa decisão. De setembro a outubro, seis soldados norteamericanos e britânicos pediram assilo político. Um dos mais destacados foi o capitão Alfred Svenson, de 31 anos, do 2.º Batalhão da 3.ª Divisão de tanques dos EUA que cruzou a fronteira lanques e com seu veículo militar. Suas primeiras declarações foram as seguintes: "Primeiramente não serve ao interesse do povo norteamericano, mas de determinados grupos financeiros. Por isso, decidi separar-me dele e contribuir à paz mundial". Não é preciso acrescentar que essa notícia não foi encontrada em "O Globo".

LIVROS SOVIÉTICOS NOVIDADES EM ESPANHOL

TEORIA DE KRESCINO: SOCIALISMO E COMUNISMO. Um dos mais importantes meios teóricos e práticos. 190 págs. br. 200

SOBRE O MOVIMENTO COMUNISTA E OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO. Problemas fundamentais. Livro de questões nos países capitalistas. 126 págs. br. 130

SOBRE O MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO NACIONAL. Problemas fundamentais. Os caminhos da luta nos países da Ásia, África e América Latina. 95 págs. br. 100

COM TAREFA A GUERRA MUNDIAL. A atual correlação de forças mundial, a correlação pacífica etc. 192 págs. br. 200

O IMPERIALISMO, O MINGO DOS POVOS, INTELIGÊNCIA. 192 págs. br. 200

OUTRAS NOVIDADES

A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL. de G. Delbois. Livro político-militar. 576 págs. br. 1.100

SOBRE A EDUCAÇÃO COMUNISTA. de N. Krupnik. 429 págs. br. 429

O ANTI-IMPERIALISMO NA URSS. de Z. Zolotarev. 230 págs. br. 230

OUTRAS ESCOLHIDAS DE LÊNIN:

Vol. 1. 912 págs. Em 1.500

Vol. 2. 858 págs. Em 1.500

ECONOMIA POLÍTICA. de P. Kaban. 404 págs. br. 850

CRISES SEM DIREÇÃO. de A. Rife e A. Vida Sok. Livro de Pichonov. Em 1.500

SOBRE A AGENCIA INTERNACIONAL DE PAZ. de A. G. G. 228 págs. br. 228

SÃO PAULO. Postal.

TEORIA E PRÁTICA — apolônio de carvalho

A estrutura partidária nos países do sistema socialista

(Resposta ao leitor L. A. Alves Soares, de Racheulo, Estado da Guanabara)

— 1 —

A propaganda revolucionária procura apresentar ao socialismo um novo regime caracterizado pelo poder proletário e exclusivo dos comunistas e pela supressão violenta de todos os demais partidos políticos. É uma ideia, a maioria das correntes de tendências ideológicas ditadas pelo proletariado e, neste caso, a ideia e sua missão. Entretanto, como forma superior e final de construção. O evento mais importante foi a construção do Partido Socialista.

Não me lembro a Revolução Socialista do Outubro pode alcançar a vitória com uma rápida extração, principalmente porque, contra o curso de anos das lutas populares, os partidos lanques, o Poder do Estado passava às mãos da classe operária e de seus aliados, através dos 40 milhões de soldados em atividade no país. Os 40 delegados dos Sovietes a seu Segundo Congresso Geral, reunido na mesma noite abrangiam o bloco dos comunistas (mais de 80% dos soviets revolucionários de espionagem e dos membros dos partidos lanques, além de outras correntes partidárias). Em tais momentos atos do Poder do Estado — o Direito sobre a Terra — foram por base os 242 mandatos e reivindicações formuladas anteriormente pelos camponeses ao Partido Socialista-Revolucionário — apesar de que, em parte, eles se chocavam com o programa agrário dos bolcheviques. Somente um governo democrático — de caráter único — não poderia ter as reivindicações da família do povo, mesmo quando essas reivindicações são contrárias à prática da vida, os partidos comunistas e revolucionários não se deixam levar por elas. Na prática da vida, os partidos comunistas compreendem onde está o verdadeiro sentido de uma luta popular, os membros dos partidos comunistas e revolucionários, lançados em tais circunstâncias e socialistas, dirigidos de direita — abandonaram, eles mesmos, o caminho.

Antes, não depois, são os social-revolucionários de esquerda que tomam a luta contra o Poder Socialista. A partir de julho de 1918, notando as tentativas dos camponeses pobres, eles sendo a base da reação interna e somam, sem as suas alianças e os crimes dos exércitos norteamericanos da Frente. Na Siberia, na Ucrâ-

As Aventuras de Ripió Lacraia ou o Nascimento de um Herói

TÓPICOS TÍPICOS — Pedro Severino

João das Neves

"A estória que vão ver foi feita de causa em causa, cada causa por seu causa, foi feita de lance em lance, estória faz de causa em causa, causa faz de lance em lance"

Quem dá o lance dos causas? Quem fecha o lance nos causas? Quem junta os causas na estória?

E' seu Ripió Lacraia a figura principal? Um cabra muito herói com por cento nacional?

E, como todo herói que se prega, Ripió traz consigo a alegria. Tão pronto a sua estória termina deixa por terra os inimigos, e a uma única feita para comemorar o feito. Assim, você precisa o requinte de fazer primeiro a festa e, só então, vencer os seus opositores. E aí estão os dois aspectos que nos parecem fundamentais na estruturação da peça de Francisco de Assis, que o elenco do TNC está apresentando:

A criação de um herói a partir da vida que o povo tem dos heróis por ele consagrados, consagração que acaba por se transformar em "contribuição", tal é o número de feitos atribuídos ao herói pela inexaurível fantasia popular (particularmente vem-nos a memória uma "cucua" chilena em que se relatam as aventuras de Manuel Rodríguez, herói da independência, e os inúmeros disfarces por ele usados — tal como Ripió Lacraia — para enganar aos seus inimigos) e a narração das suas façanhas de maneira festiva, imprimindo aos incidentes um ritmo vivo, de uma alegria quase esufriante, a ponto de fazer com que o espectador saia do teatro com a sensação de quem ganhou a copa do mundo pela terceira vez.

Para tanto, o autor não hesitou em utilizar-se de um esquema, diante do qual muitos leriam dado meia volta: tomando como ponto de partida a poesia de cordel dos cantadores nordestinos, enriqueceu-a de diversos elementos, quer radio-novelscos, quer cenográficos, cenográficos e musicais, característicos das nossas danças dramáticas, tais como o reisado, as cheganças, os caboclinhos, etc.

E no meio de tudo isso jogou um herói popular, um

herói que é herói em toda a extensão da palavra: valente, esperto e bom. Ripió Lacraia é valente como Lampião, esperto como João Grilo e bom como o Padre Cleão Rumão Batista, ou melhor, bom como Ripió Lacraia mesmo, que bondade igual a deie nunca ninguém viu. Nem eu, Ripió não tem defeitos, simplesmente porque não poderia ter-os quem foi feito

"Como se alguém juntasse de cada homem de bem os pontos de sua vida os mais melhores e belos o menor do mais melhor de cada homem de bem"

E os homens de bem? Quem são? São os que morriam de sei a sei, os que se curvam sobre a terra fecundando-a, apesar de cegos. E por que, cegos? Porque não colhem o fruto do seu trabalho, porque não tomaram consciência de que o "santo patrão" quem lhes vende os ovos e põe no seu furo aos seus filhos, pois, "tem tanto costume de enxada que nem precisam de visão". E homens de bem porque um dia retiraram a venda que lhes cobre os olhos, e juntos saíram a procura do tesouro, que ira libertá-los da condição de escravos. E onde está o tesouro? No próprio trabalho, que, de meio de opressão, faz-se instrumento de libertação a partir do momento em que os camponeses veem com os próprios olhos a imagem do "santo patrão" que aparece retratado como um coronel Manganga dos livros de cordel de Francisco Sales, Arreda: baixo, gordíssimo e sorridente) e "este mundo de Deus".

Mas, para que adquiram esta consciência, e necessária a presença do herói. E surge Ripió. E Ripió? Quem é? "E todos e também não é ninguém. E o herói sem o mito. O herói que é formado com a parcela de heróica essência encontrada em cada um dos que na peça de F. A. são explorados, o herói que representa essencialmente o salto qualitativo dado pelas consciências singulares dos camponeses em compreenderem que a sua união, e só ela, poderia levar a um mundo melhor, a um mundo de liberdade e de justiça plena e real de sua condição de seres humanos. Ripió é o herói

símbolo: símbolo da tomada de consciência de uma coletividade; das lutas que empreendem a partir de então e da certeza de que sabe que, finalmente, chegara a vitória e, que, por isso mesmo, traz de si uma visão de mundo otimista: visão de festa, de alegria de viver e construir na luta o presente e o mundo futuro, alegria de dar, com a vida, a melhor resposta à vida.

No entanto, um trabalho que conta com tantos elementos dispersos não poderia estar isento de falhas. E, claro que elas não escapam do "esquematismo" adotado, como queiram os nossos críticos ate-paristas. O esquematismo aqui, e preciso que se compreenda, representa uma tomada de consciência no autor. De um autor que, como diria Mário de Andrade, "deixa muito já que perdeu o raciocínio e a lucidez da perfeição". Foi contrário. E justamente nos momentos em que a riqueza do material manipulada tende a impedir a perfeita realização daquele esquema, que se encontram as deficiências a serem meditadas nas futuras realizações do autor.

A tentativa de utilização dos elementos radio-novelscos, por exemplo, foi quase sempre frustrada, excetuando-se a cena do enterro sublinhada pela bellissima "canção do último caminho". As outras entram, provocando uma visível quebra do ritmo inicialmente proposto. Seria a radio-novela incompatível com a literatura de cordel? Em princípio não nos parece. Apenas as cenas fugiram ao controle do autor, com a agravante de que, na transposição das mesmas para o espetáculo, a direção incorreu num erro bastante grave na distribuição dos papéis. Com efeito, Terça Raquel, em que pese ser uma das nossas melhores atrizes, nunca deveria ter sido escolhida para o papel de Rosinha, personagem que exige, antes de mais nada, a completa adequação do tipo físico da atriz. Também Arthur Costa Filho e Francisco Milani estão fora de lugar, e o segundo de quem já tem visto bons trabalhos, acha-se visivelmente constrangido.

Estas, entretanto, são pequenas restrições que não chegam a afetar o conjunto de uma obra de caráter experimental e realizada com a coragem de quem sabe onde quer chegar, e não teme os possíveis erros que possa vir a cometer.

O espetáculo do TNC é, de longe, a sua melhor realização. Não porque seja formalmente o melhor espetáculo da companhia oficial, mas por ser o primeiro que abre perspectivas realmentes compatíveis com a função desta companhia, que, com Ripió Lacraia, abandona os espetáculos "quadrados", com os quais fazia



Cena de Ripió Lacraia

concorrência ingloria as companhias particulares, para lançar-se a uma campanha de popularização do teatro, dando a este a função social que deve ter todo o empreendimento patrocinado pelo Estado. A direção de José Renato, agora o senão acima registrado, nos traz de volta um grande diretor, que acabou perdido em trabalhos menores, mas, que a partir de "O Círculo de Oz Caucassano" voltou a ocupar o lugar que lhe compete entre os nossos encenadores. No elenco, queremos destacar as atuações de Ary Christine, o contador, de Milton Gonçalves, Alberto Bruno e Henrique de Almeida nos papéis principais, de Agildo Ribeiro, Acácio, meu velho, va ser engraçado assim no inferno. Quanto a Terça Raquel, o fato de não jogarmos um trabalho muito aquém de suas reais possibilidades, é a melhor homenagem que podemos prestar a grande atriz que ela é.

A "musiquinha" de Geni Marcondes e os cenários e figurinos de Anísio de Medeiros são dois pontos altíssimos do espetáculo. A primeira ressaltando toda a singularidade e vivacidade dos nossos temas populares e folclóricos, e o segundo com um trabalho que vai muito além da simples reafirmação de um grande cenógrafo. Aponta um novo caminho para a cenografia brasileira, que andava pauperrima em matéria de visão criada, a beleza simples dos diversos ambientes criados, com mudanças a vista do público, que de tão inteligentemente resolvidas, quase não se fazem sentir, a exata noção de síntese cenográfica que, ao mesmo

tempo que fornece elementos para a compreensão do espetáculo como um todo, valoriza a posição do ator em cena, valendo como uma aula. Uma grande aula de um grande mestre em um momento privilegiado da sua atividade criadora.

Ripió Lacraia é um herói criado a partir da memória do povo, deste povo ao qual, certamente, esta revista a peça que o TNC está apresentando, e que sabemos identificar nas lutas e vitórias de Ripio as suas próprias lutas e vitórias. É na grande festa final, o anúncio de uma grande festa da qual participaram os Ripios nascidos e por nascer por este Brasil afiora.

"Quem é? Seu Ripió? É o grão de milho. É o amor de uma mãe. É o canto do caboclo. É um galo de caia.

Quem é? É um beijo, uma trapaça. É uma vontade de viver. É um gole de cacaua. É uma criança a nascer.

E é mais ainda. "As Aventuras de Ripió Lacraia" é a primeira grande afirmação de um movimento, que, partindo das experiências do teatro de Arena de São Paulo e da ação conjunta de estudantes e intelectuais ligados às lutas de vanguarda do proletariado, procura fazer do teatro uma arte não só acessível, mas também instrumento de esclarecimento e libertação do povo brasileiro. É significativo que esta afirmação tenha se dado em uma festa na qual se fazem presentes várias componentes das formas de expressão tradicionalmente utilizadas por nosso povo. Isto parece estar a nos indicar um caminho a aprofundar, que, não sendo evidentemente o único e, contudo, um dos mais promissores. Significativo também que este espetáculo tenha sido montado pela companhia oficial, a frente da qual está o Sr. Roberto Freire, um homem afinado com o trabalho de cultura popular, e mais significativo ainda que a crítica da chamada imprensa "séria", a exceção honrosa de Van Michalsky, tenha reagido com desmedida violência ao espetáculo e à peça de F. A. A maioria, que se queixa da totalidade da nossa crítica especializada, acha-se inteiramente superada pelo processo de transformações por que atravessa o teatro brasileiro, e as voltas com fenômenos que a

sua sensibilidade e incapaz de aprender e compreender. Daí o desespero que qualquer pesquisa, qualquer sopro de renovação provocam. Houve até os que dissessem, levados por sua desorientação, que não entendiam porque Gilberto Braga ficava, passos de "danças russas" na coreografia. A "dança russa" e a muito conhecida dança do sapo dos "caboclinhos", bailado folclórico do Rio Grande do Norte. A esses críticos recomendamos a leitura de "Danças Dramáticas do Brasil", de Maria de Andrade, mas, na suposição de que não vão ler mesmo, transcrevemos um pequeno trecho. "Com movimento de pes, que e todas essas danças se baseiam no passo contem de andar. E' muito mais na liquidação do corpo que está a coreografia. Numa dança, por exemplo, a que me pareceu mais curiosa, e me chocou profundamente pela recordação da Rússia que trazia, todos os dançarinos se punham de costas e ora estendiam pra frente uma perna, ora a outra, esse movimento de flexão e distensão de pernas, obrigando necessariamente o corpo a pequenas oscilações de salto. Era a "Dança do Sapo", me explicaram — em que reproduziam com notável similitude, e certamente nenhuma influência, o conhecido passo usado pelos escravos em mazurcas e outras danças deles os gritos são nossos).

O que nos causa espanto, é que esses críticos conheçam muito mais as danças russas que os bailados folclóricos brasileiros. Val ver são comunistas...

"danças dramáticas do Brasil" — Tomo 2, pag. 191, Martins).

O que nos causa espanto, é que esses críticos conheçam muito mais as danças russas que os bailados folclóricos brasileiros. Val ver são comunistas...

O que nos causa espanto, é que esses críticos conheçam muito mais as danças russas que os bailados folclóricos brasileiros. Val ver são comunistas...

Livros que o Povo Aguardava:

- 1 — Como o Brasil Ajuda os E.U.A. — De Arnaldo Ramos
- 2 — A Terceira Guerra — de Lúcio Machado
- 3 — Em Agosto Getúlio Ficou Só — De Almir Matos
- 4 — Inflação, Arma dos Ricos — De Fausto Cupertino

COLEÇÃO «REPORTAGEM»

Do Centro Popular de Cultura da U.N.E.
Preço por exemplar: Cr\$ 300,00
Pedidos pelo reembolso postal à EDITORA ALIANÇA DO BRASIL LTDA.
Rua Leandro Martins, 71-1º andar
Rio de Janeiro — GB

EDICÕES PAZ

E SOCIALISMO

o que há de mais útil e oportuno nos folhetos

a força do comunismo está em sua unidade	Cr\$ 150,00
o leninismo em ação	Cr\$ 250,00
pela independência nacional	Cr\$ 350,00
a estrutura da classe operária dos países capitalistas	Cr\$ 450,00
problemas da frente única ant imperialista	Cr\$ 350,00
torno a novas vitórias do movimento comunista mundial (N. S. Kruschlov)	Cr\$ 125,00

Em espanhol e francês * Atende-se pelo reembolso * Pedidos e valores e nome de H. Cordeiro, Rua da Assembleia 34, alares 204 e 304, rio — gb

nr romance

Um Dia na Vida de Ivã Denissovitch

Alexandr Soljenitsin
Tradução de B. Albuquerque

Não se vê por ali nenhum dos cantadores de fora nem o auxiliar de encenação. Os papéis foram todos os próprios de cada um.

Já abriram a porta. De dentro vêm então a música barba de quadrante ritmos de passos, cantando de novo entre o silêncio da escola e o outro.

— Um, dois, três...

Se a conta desta vez sair, bem tirado os inimigos das atalhas.

E, que poderia de trecho abita não de andar, em toda a extensão da zona, desde as atalhas dos extremos. Somente quando sai o último presidente da aula de trabalho e se comprova que a conta está certa e que restaram para as atalhas para que usarem. Se o chefe da escola tem bem sentido logo que em matéria a escola, sabendo que os passos não podem fugir e que os das atalhas sempre acabam a última. Mas se é um inimigo e treceira que vem a falar homens contra os passos, espera.

Um desses belos filhos do chefe de lance. Continuar esperando.

Os redutos estão realmente todos cercados com o rio que passaram durante o dia. E, não há ninguém mais perto, não há interior ali, de se fazer, depois do trabalho. Contudo, o

que mais sentem não é o frio, mas a falta de que se tenha perdido um pouco de tempo. Quando chegam ao campo já não lhes sobra tempo para nada.

— E como o senhor conhece não a história a vida da maioria dos alunos? — pergunta uma voz tão alta como o vento.

— Porque vivi quatro meses em um campo de trabalho. E, quando cheguei aqui, já estava cheio de gente. E, quando cheguei aqui, já estava cheio de gente. E, quando cheguei aqui, já estava cheio de gente.

— Mas, agora, vamos ver quem pode com quem? Já não estamos correndo? Ninguém fala com ninguém, não há ninguém mais perto de nós. Mas, agora, vamos ver quem pode com quem? Já não estamos correndo? Ninguém fala com ninguém, não há ninguém mais perto de nós.

Quem muito corre pode desfalecer de ser terminar sua pena no campo, e depois de morrer.

— Assim, pois, vai andando muito, não, bom trabalho, não, bom trabalho, fazendo tanto a não fazer nada. Um conversou com um outro, outro com um outro. Simplesmente de andar e não de fazer nada. Um conversou com um outro, outro com um outro. Simplesmente de andar e não de fazer nada.

— Mas, agora, vamos ver quem pode com quem? Já não estamos correndo? Ninguém fala com ninguém, não há ninguém mais perto de nós. Mas, agora, vamos ver quem pode com quem? Já não estamos correndo? Ninguém fala com ninguém, não há ninguém mais perto de nós.

— Quem muito corre pode desfalecer de ser terminar sua pena no campo, e depois de morrer.

— Assim, pois, vai andando muito, não, bom trabalho, não, bom trabalho, fazendo tanto a não fazer nada. Um conversou com um outro, outro com um outro. Simplesmente de andar e não de fazer nada.

— Mas, agora, vamos ver quem pode com quem? Já não estamos correndo? Ninguém fala com ninguém, não há ninguém mais perto de nós. Mas, agora, vamos ver quem pode com quem? Já não estamos correndo? Ninguém fala com ninguém, não há ninguém mais perto de nós.

— Quem muito corre pode desfalecer de ser terminar sua pena no campo, e depois de morrer.

— Assim, pois, vai andando muito, não, bom trabalho, não, bom trabalho, fazendo tanto a não fazer nada. Um conversou com um outro, outro com um outro. Simplesmente de andar e não de fazer nada.

— Mas, agora, vamos ver quem pode com quem? Já não estamos correndo? Ninguém fala com ninguém, não há ninguém mais perto de nós. Mas, agora, vamos ver quem pode com quem? Já não estamos correndo? Ninguém fala com ninguém, não há ninguém mais perto de nós.

Perderam Ademar e os Patrões na Greve Dos 700.000

Os homens da Federação Americana das Indústrias foram os "duros": "Nada de negociações com esses elementos subversivos". "Nada de conversa com essa gente da CNTI, falando em nome de todos em nome do 700 mil". Só a cifra fazia correr calafrios nos seus senhores da FIESP, todos muito delicados, todos muito bem educadinhos e dispostos — isso sim — a conversar com cada um dos sindicatos, isoladamente. Que não houvesse dúvidas, estavam ali com muita vontade de emburrilhá-los um a um. Ninguém poderia por em dúvida sua boa vontade... Não haviam lido o memorial mandado publicar e lá se haviam ido muitos milhões, para dar balxa no imposto de renda em todos os jornais, prometendo uma atitude "compreensiva".

Ademar lhes havia mandado dizer que "ficassem firmes". Que sua polícia estava bem preparada, que os instrutores norte-americanos haviam, treinado bem as novas tropas de choque. E que, afinal, ele não estava gastando esse dinheiro todo para deixar de fazer o produto. E ainda mais: poderiam contar com a boa vontade do general Pery. O próprio Ademar se incumbiria de divulgar que certos órgãos federais estavam sendo perigosos de maneira a justificar a intervenção do Exército...

O SHOW DE ADEMAR

Estimulando a Intransigência patronal, o sr. Ademar de Barros procurava turvar as águas para obter melhores resultados em sua pescaria política. Mas, ao sentir que o movimento já não podia ser detido, correu para a televisão a fim de, da maneira mais hipocrita, pedir de mãos juntas aos trabalhadores que não faltassem ao serviço no dia seguinte. Era o artista, na sua nova caracterização.

Nada disto impediu, entretanto, que 80 a 90% dos 700 mil trabalhadores interessados na disputa salarial e

reunidos no Pacto de Ação Conjunta paralisassem seus trabalhos desde as últimas horas da segunda-feira (em algumas empresas, como a Capuava e na têxtil pela manhã).

As portas das grandes empresas, nos pontos de concentração natural dos bairros, formavam-se grupos que discutiam as reivindicações e a luta. Jornais e rádios davam as primeiras informações — com 4 e cinco cores, inclusive um com soldados e armanento pesado — passando a percorrer a toda a velocidade as ruas dos bairros operários as sirenes silvando alto, numa tentativa muito clara de amedrontar os trabalhadores. De quando em quando, parava toda a caravana numa esquina e os estrófalos desilam com cacofonias em punho, obrigando os grupos: "É proibido piquete! Vocês não sabem?" E aí, malheras que iam comprar leite com os filhos no rio levavam as birracinhas castanhas aos piqueteiros.

Mas para desengano dos senhores da Federação Americana das Indústrias e do sr. Ademar de Barros, as informações vinham precisas: "A Ford está parada". "Na Elevadora Atlas não entrou ninguém". "Na Mank e na Bardela o pau quebrou grosso, mas os operários não entraram". "Na Quarta Parada parou a Metalúrgica Paulista e os trabalhadores saíram, ajudando a parar outras fábricas." As ordens e contra-ordens choviam. Comissões e mais comissões dirigiam-se para os seus sindicatos, a fim de dar e receber informações.

MOBILIZAÇÃO EM PROFUNDIDADE

Este era o resultado de uma acertada tática sindical, traçada por 4 federações e 80 sindicatos há cerca de 45 dias atrás e que se exprime fundamentalmente nas assembleias dos dias 6 e 27 de outubro, bem como na intensíssima atividade de todos esses setores profissio-

nais durante esses 20 dias. São a pressão de uma carestia insuportável e compreendendo também a necessidade da conquista de algumas reivindicações suplementares — reajustamentos periódicos, quinquênios, férias pagas em dobro, garantias para os delegados sindicais nas empresas, etc. — o movimento sindical havia sentido a necessidade de negociar os novos acordos negociando-os em conjunto.

E o praticado compreendeu as medidas tomadas pelos dirigentes dos seus sindicatos, apoiando-as vigorosamente. Em milhares de comícios e palestras realizadas em todas as empresas ou nos sindicatos, galvanizou-se a vontade de luta e consolidou-se a organização dos trabalhadores. "Cada um deve saber o que fazer no momento necessário", recomendavam os dirigentes sindicais. "É preciso parar a fábrica de dentro para forçar cada trabalhador a compreender a importância de sua atuação, no caso de deflagração da greve, para o seu colega. É preciso, por isso mesmo, lutar contra os "carangueiros", convencendo-os. Os mais conscientes devem formar brigadas de esclarecimento não permitindo dessa maneira que o movimento seja furado." A luta borbulhava nas fábricas, na condução, nos bairros operários.

CNTI

A participação da CNTI nos entendimentos deu ainda mais confiança aos trabalhadores em sua força. E despertou-lhes ainda mais o ódio ao saber que a Federação Americana das Indústrias negava-se a discutir com a CNTI, e que nem sequer ligava para a tentativa de intervenção conciliatória do ministro do Trabalho.

O que a FIESP-CIESP procurava era lançar confusão. A isso encarregou-se de contratar um grupo de pelegos da chamada "Resis-

tência Nacional", para dizer que a greve não era necessária. Enormes matérias pagas nos jornais. Uma mesarredonda pela televisão, em que os pelegos ficaram demoralizados porque os dirigentes do PAC desmascararam-nos ali mesmo. Tudo pago pela "Ultraz" que, afinal, é uma subsidiária da Esso.

MENTIRAS

Os técnicos em propaganda da reação se incumbiram de espalhar uma série de mentiras. Entre elas a de que se tratava de uma greve geral. E isto com o propósito de diminuir-lhe depois o significado. Este foi o tema dos jornais logo nos primeiros dias e os jornais do Rio continuaram sustentando essa nota até o fim. Eles diziam, como se fosse uma grande novidade: "Não há paralisação alguma nos transportes". "Na indústria automobilística do ABC não há falta no trabalho". "Os ferroviários estão trabalhando pacífica e ordenadamente". Eles próprios haviam criado os fantasmas e agora diziam que eram mesmo fantasmas... Pois se esses setores não haviam absolutamente decretado greve.

Assim continuou até o fim. Grandes manchetes nas primeiras páginas, anunciando que "a greve fracassou". Mas quando, nas páginas internas, eram obrigados a ser em parte, objetivos, até jornais como "O Estado de São Paulo" viam-se obrigados a apresentar um quadro que desmentia seus títulos e confirmava o que os dirigentes da greve estavam afirmando.

Outra manobra que dá bem a medida do que os homens do governo e da reação compreendem por respeito aos direitos e às liberdades foi a do desligamento dos telefones de todo o movimento sindical, desde as 22 horas de segunda-feira até às 15 horas da terça. Esse crime só foi suspenso depois que o presidente da CNTI dirigiu um telegrama ao presidente João Goulart, denun-

ciando-o e solicitando medidas.

GRÁFICOS E JORNALS

Na quarta-feira muitos jornais não saíram, outros foram publicados com número muito pequeno de páginas, na maioria de matérias compostas com antecedência. Mas, diante dessa situação, os homens da FIESP-CIESP e os do governo mandaram que os donos dos jornais dessem os aumentos que fossem necessários. Eles precisavam desanimar o povo e era ridículo um jornal sair dizendo — como fez a "Fôlha" — que a greve havia fracassado, quando ela própria constituía uma evidência de que o movimento estava vigoroso. E então os donos dos jornais, que até há alguns dias atrás apresentavam como prova de magnanimidade uma oferta de 72%, resolveram conceder aumentos que em certos casos atingiram até 300% e que, em média, passou dos 200%.

INTERIOR

Em Santos, Campinas, São Caetano, Jundiaí, Ribeirão Preto, São José dos Campos, Tatuí, Piracicaba, Cruzeiro e dezenas de outros municípios a greve atingiu a totalidade das categorias em luta. Ela atingiu, fundamentalmente, os setores de alimentação e têxtil, já que os metalúrgicos do Interior têm seus salários reajustados em outro mês.

SOLIDARIEDADE

Os trabalhadores agrupados no Pacto de Ação Conjunta contaram com a calorosa solidariedade dos trabalhadores de todo o Brasil. O fato mesmo de toda a direção da CNTI — Rivaldo Pelacani, Cerqueira, Zacarias e outros — ter tomado a frente da batalha, instalado-se em São Paulo, diz bem do sentimento unânime dos trabalhadores brasileiros. Telegramas e mensagens choveram de todo o



PRESSÃO

Durante todos os dias de greve os trabalhadores paulistas realizaram grandes concentrações, notadamente diante do Sindicato dos Gráficos, onde se encontrava instalado o coman-

do do movimento, e nas imediações do Tribunal Regional do Trabalho, quando começaram as audiências (foto). Pressionaram desta forma, legitimamente, para conquistar o aumento que a carestia impunha.

Paulistas, mineiros, gaúchos e cariocas, pernambucanos e estovares, metalúrgicos e têxteis. Mas o ponto mais alto dessa solidariedade foi dado, sem dúvida, pelos ferroviários da Santos-Jundiaí, que paralisaram a estrada de 0 a 21 horas do quinta-feira. Protestando contra as violências policiais e a intransigência patronal, os ferroviários da Santos a Jundiaí deram uma contribuição preciosa ao encaminhamento das negociações.

JUSTIÇA DO TRABALHO

A rápida transposição das negociações para a Justiça do Trabalho foi o encaminhamento encontrado pelo patronato a fim de forçar a devolução da legalidade do movimento grevista. O velho e famigerado decreto 9.070 entrou mais uma vez em ação contra os trabalhadores, enquanto seus artigos que deveriam ser aplicados contra os frigoríficos estrangeiros, que paralisaram a matança de gado e estão forçando a alta da carne, continuam cuidadosamente congelados... E vimos então, a mesma Justiça do Trabalho que leva 8 e 10 anos — às vezes mais — para julgar um processo do inter-

esse dos trabalhadores — mobilizar-se para e para.

A firmeza dos dirigentes do Pacto de Ação Conjunta e a solidariedade muito numerosa que vinham levando de todo o País levaram, entretanto, essa mesma Justiça do Trabalho a agir com alguma cautela. Assim é que, depois de se ter negado a conhecer todos os processos apresentados, como sucedeu a CNTI, encaminhou em comissão as reivindicações em blocos, conduzindo a acordos muito satisfatórios para todas as categorias.

E viam-se assim condições para a assembleia de domingo pela manhã, que culminou a suspensão do movimento.

BALANÇO

É cedo ainda para um exame aprofundado de todas as experiências desta grandiosa luta, que tem um significado muito particular para os trabalhadores de S. Paulo: veio por em evidência sua disposição e sua capacidade de luta. As reivindicações econômicas, se não foram todas conquistadas, foram-nos, entretanto, em alta percentagem. Ficaram algumas que virão depois: os quinquênios, as férias pagas, o reajustamento em

pequenos montes, o desconto para os sindicatos. Mas, a grande luta unitária despertou o proletariado paulista, deu-lhe uma nova força, novas perspectivas, nova confiança em suas próprias forças.

E, desta maneira, os trabalhadores de São Paulo marcharam para novas batalhas, para novas vitórias, para o fortalecimento de suas organizações, para a consolidação de sua unidade. Nova batalha se avizinha. Um novo salário-mínimo é uma exigência de milhões. Este ano os patrões deverão pagar não apenas o 13º salário, mas também o abono de natal que já pagavam antes.

Os trabalhadores adquiriram mais confiança em sua força e se compreenderam também melhor os objetivos que precisam lutar. Sentiram ao vivo que não é possível permitir que esse famigerado 9.070 continue vigorando. Sentiram que não basta também lutar contra a carestia, mas que é preciso exigir as reformas de base capazes de criar condições para um combate realmente eficiente à carestia. E que para tudo isso importa a formação de um governo nacionalista e democrático.

Movimento Terminou Quando Trabalhadores Aprovaram Oitenta Por Cento

Suspenderam a greve os 80 sindicatos integrantes do PAC, depois de terem obtido importantes conquistas. Prosseguirão, entretanto, em assembleia permanente, uma vez que ainda restam outras reivindicações a conseguir. Além disso, quando suspenderam a greve (domingo, dia 3), alguns setores ainda não haviam chegado ao acordo na Justiça do Trabalho (das 15 categorias, faltavam 4).

SUSPENSÃO DA GREVE

Com a presença de uma verdadeira multidão concentrada em frente ao Sindicato dos Gráficos, realizou-se a assembleia inter-sindical onde a comissão executiva do PAC, com a assistência da CNTI, apresentou aos trabalhadores as propostas conciliatórias do presidente do TRT, posteriormente aceitas, que eram em linhas gerais, as seguintes: 1º aumento salarial de 80 por cento; 2º a percentagem de 80 por cento deverá incidir sobre o salário-mínimo vigente, ou seja sobre Cr\$ 21.000,00; 3º antecipação de 25 por cento a partir do primeiro dia do sétimo mês de vigência do acordo; 4º as datas-base de vigência serão as mesmas adotadas em acordos anteriores.

Iniciando a assembleia, as primeiras palavras do diri-

gente Afonso Delelis foram para agradecer a solidariedade dos ferroviários da Santos a Jundiaí. A seguir, referiu-se às greves que seriam deflagradas em todo o Brasil se houvesse necessidade. Acentuou que a imprensa de São Paulo nunca mentira tanto quanto na semana da greve. Enquanto os jornais diziam que a greve tinha fracassado, eram obrigados a pedir desculpas por saírem com poucas folhas, devido à falta de gráficos. Também afirmaram que somente havia 400 mil trabalhadores parados.

DESRESPEITO AS AUTORIDADES

Prosseguindo, falou do mérito que os patrões tinham da unificação do proletariado, iniciada com aquele movimento sob a direção da CNTI, a ponto de afirmarem ser legal a participação da entidade máxima dos industriários. Entretanto, os empregadores tiveram de engulir sua presença graças à greve e acabaram sentando-se juntos com os seus diretores à mesa das negociações.

Destacou que apesar de a reação estar afirmando que os trabalhadores estavam desrespeitando as leis e as autoridades, a verdade era bem outra, pois os patrões é que não aceitaram a atuação mediadora do representante do Governo Fede-

ral, nem do delegado regional do Trabalho "que não são nossos representantes", dizendo mais: "Mas eles começaram a mudar de pensar quando os grevistas, revidando as violências da polícia resolveram virar as perucas da Rádio Patrulha de pernas para o ar".

98 DIAS DE TRABALHO EM UM

O deputado Rio Branco Paranhos, depois de destacar a importância da unidade conseguida, prestou uma homenagem "aos valerosos piqueteiros, que enfrentaram a polícia enquanto estávamos reunidos na Justiça do Trabalho". Mais adiante, acentuou a influência daquela greve sobre os patrões e os juizes, que, com apenas um dia de trabalho, tomaram resoluções tais que numa situação normal só seriam tomadas em 98 dias. Disse ainda, que se não fosse a greve, os 80% sobre o salário mínimo, não teriam sido conquistados.

MILICIANOS PODEM SER GANHOS

Ao usar da palavra, o líder Antônio Chamorro esclareceu que não tinha o menor cabimento jogar a culpa da situação calamitosa do País em cima dos movimentos de salários e das greves, uma vez que os trabalhadores não têm participação no parlamento, não

têm fábricas, nem são donos de latifúndios. Apesar disso, sempre apresentaram solução para arrancar o País do atraso e acabar com a inflação. Falou do que revidaram a aplicação da lei que limita a remessa de lucros para o exterior, que o Governo já poderia ter posto em prática; do prolongamento do prazo para pagamento de nossa dívida externa; da importância das reformas de base, especialmente a agrária, que resolveria a situação de 40 milhões de camponeses e favoreceria aos próprios industriais.

Falou ainda sobre a conveniência do apoio à luta dos milicianos da Força Pública e da Guarda Civil, como o fez o movimento sindical há cerca de 2 anos. Muitos deles já compreenderam que não devem aplicar as ordens criminosas que recebem. A medida que outros sintam que são apoiados em sua luta por melhores condições de vida, pois eles sofrem com suas famílias e mesmo que os operários e camponeses, de quem são filhos e irmãos, aumentará o número de milicianos que se negarão a acatar ordens desumanas e injustas.

CGT PRESENTE

Em nome do Comando Geral dos Trabalhadores, fez uso da palavra o líder Roberto Moreira. Iniciou re-

cordando os grandes movimentos reivindicatórios e patrióticos do proletariado paulista e que estavam retornando com grande vigor, como fôra exemplo aquela greve. Falou da mensagem de congratulações e respeito enviada pelo CGT, que contava com os trabalhadores de São Paulo, como um todo, na luta pela transformação da estrutura arcaica da Nação. Encerrando, ressaltou o importante papel das Forças Armadas, ao lado do povo, na luta que tem a frente a classe operária, "no caminho da nossa libertação do imperialismo e do latifúndio, em benefício da emancipação e do progresso do Brasil".

RESOLUÇÕES

Falaram também os seguintes líderes: Zacarias Fernandes, pela CNTI; Jonas Rodrigues, pelo Sindicato dos Ferroviários da Santos a Jundiaí; Luis Tenorio de Lima e Silvestre Bozzo.

Entre outras resoluções, ficou decidido tomar energias medidas contra qualquer punição por motivo da greve; apoiar a luta dos trabalhadores da Refinaria de Capuava; intensificar o movimento pela posse dos deputados; solidariedade à luta dos milicianos da Força Pública, Guarda Civil e Corpo de Bombeiros e protestar contra a Telefônica pela sua ação facciosa durante a greve.



A REMESSA DE LUCROS

GANHOU novo impulso e novas dimensões, nos últimos dias, a luta patriótica pela regulamentação da lei que limita as remessas de lucros das empresas estrangeiras em nosso País. Como se sabe, já há mais de um ano foi aprovada essa lei pelo Congresso, e nela, graças à pressão das correntes nacionalistas e à iniciativa de deputados da FPN, foram introduzidos dispositivos que resguardam os interesses nacionais. Trata-se, fundamentalmente, dos artigos que limitam as remessas ao máximo de 10 por cento sobre o capital investido e que excluem o reinvestimento (isto é, a incorporação ao capital inicial de lucros ou empréstimos aqui obtidos) da condição de capital estrangeiro, proibindo, portanto, que sejam feitas remessas para o exterior sobre os lucros proporcionados por esse reinvestimento.

Embora aprovada há mais de um ano, está até agora a lei engavetada, aguardando a necessária regulamentação para que possa ser aplicada e gerar, assim, efeitos práticos. Ainda em 1952 foi divulgada pela SUMOC uma suposta regulamentação, mas que não fazia senão repetir até literalmente o próprio texto da lei. Dessa forma, continuou o problema não resolvido, já que a primeira «regulamentação» nada regulamentava. Este ano, há alguns meses, sendo ministro

da Fazenda o sr. San Tiago Dantas, constituiu-se um grupo de estudo com a incumbência de regulamentar a lei de remessa de lucros. Depois de intermináveis reuniões, o grupo de estudo foi dissolvido, já na gestão do sr. Carvalho Pinto; cindido ao meio em torno da questão do reinvestimento, não chegou a apresentar uma opinião conclusiva.

Enquanto isso, não cessou por um só instante a violenta pressão dos monopólios estrangeiros — particularmente através do embaixador norte-americano, Lincoln Gordon — no sentido de ser arquivada a lei, deixando-se para as calendas gregas a sua regulamentação. Circulos imperialistas dos EUA chegaram ao deslante de propor a pura e simples revogação da lei de remessa de lucros, como condição para que o Brasil continue a receber a «ajuda» da Aliança para o Progresso.

Por outro lado, as forças patrióticas e a opinião pública em geral não deixaram, todo esse tempo, de lutar pela aplicação da lei, exigindo que em sua regulamentação sejam efetivamente protegidos os interesses nacionais, com a sustação do monstruoso saque que vêm sendo as remessas de lucros feitas pelas empresas imperialistas.

Memorando de JG

Em fins de outubro último, o presidente João Goulart determinou ao Gabinete Civil e ao Ministério da Fazenda a urgente elaboração do decreto de regulamentação da lei de remessa de lucros. Nesse despacho, diz o sr. João Goulart: «Torna-se imperioso, portanto, evitar que a lei, ao invés de instrumento de defesa da nossa economia, se transforme em ato acobertador de um processo de desnacionalização da riqueza nacional. Trata-se, fundamentalmente, de definir com exatidão o que deve ser considerado como capital estrangeiro, para o efeito de evitar a criação de fluxos permanentes de novas remessas, fundadas numa conceitualização errônea que admita, como novos capitais estrangeiros, os lucros não remetidos e reinvestidos no Brasil.» E acrescenta que «se não forem evitadas distorções dessa natureza» ver-se-á o Brasil, dentro de algum tempo, sem qualquer disponibilidade de divisas.

Em seu despacho ao chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, faz o sr. João Goulart um breve histórico da espoliação estrangeira, no que se refere à remessa de lucros, nos últimos anos. «Entre os anos de 1948 e 1951 — diz JG — os capitais estrangeiros registrados no País duplicaram, passando de cerca de 700 milhões de dólares para 1.400 milhões, em virtude de haverem sido adicionados, ao investimento original, os lucros obtidos no País». E lembra denúncias feitas, em seu tempo, pelo presidente Getúlio Vargas, como a constante da Mensagem de 1952 ao Congresso Nacional: «O privilégio irrestrito de agregação de lucros ao capital para efeito de transferência de rendimentos, permitiria remessas equivalentes a mais de 1.000% do capital efetivamente ingressado no País». Lembra ainda o trecho da Carta-Testamento, em que afirma o presidente Vargas: «Nas declarações de valores do que importávamos, existiam fraudes constatadas de mais de cem milhões de dólares por ano».

Diz, em seguida, o sr. João Goulart em seu despacho: «Os lucros excedentes de 10%, cuja remessa a lei não permite, terão que ser considerados capitais nacionais de estrangeiros, permanecendo no País, associando-se ao nosso processo de desenvolvimento. Tais rendimentos, excedentes

do limite legal mencionado, serão considerados capitais nacionais e não poderão constituir base para novas remessas, uma vez que auferidos à custa, em grande parte, da inflação, de créditos nacionais e de benefícios e privilégios resultantes da reavaliação de ativos que agravou extremamente a sangria antes mencionada».

Finalizando o seu despacho, diz o presidente da República que se impõe a regulamentação da lei de remessa de lucros dentro das mencionadas diretrizes «pois o País não suporta os pesados danos que vem sofrendo o seu desenvolvimento, mercê do enriquecimento de grupos privilegiados que, indevidamente, se apropriam dos frutos do esforço, do trabalho e sacrifício do povo brasileiro».

Dois dias depois, falando em Brasília, num ato comemorativo do «Dia do Funcionário Público», o chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, prof. Darci Ribeiro, abordou o assunto, alertando para a campanha que os interesses estrangeiros desencadearão, a propósito da regulamentação da lei de remessa de lucros. Dando um exemplo do saque realizado pelos trustes imperialistas, disse: «Há no Brasil 23 mil empresas estrangeiras. Poderia falar da Esso, da Palmolive, da Lever, de muitas outras. Falarei apenas da Gillette. Essa empresa, a Gillette, há 40 anos atrás, montou uma pequena fábrica em nosso País. O investimento inicial foi insignificante mas, com o trabalho dos brasileiros, com o crédito dos bancos nacionais, cresceu e hoje é um consórcio industrial tão grande que chega a faturar dezenas de milhões por mês. O que se discute agora é o seguinte: como a lei declarou que a empresa estrangeira tem o direito de remeter, anualmente, para fora, até 10% do seu lucro, o que resta saber é se ela tem o direito de mandar 10% do investimento inicial, do dinheiro empregado na construção da primeira fábrica, ou se tem o direito de mandar 10% sobre o fabuloso montante dos lucros atuais».

A questão colocada em face da Gillette é a mesma que se coloca em relação a todas as demais empresas imperialistas montadas em nosso País.

Definição em Vitória

A posição agora assumida pelo Governo foi exposta mais claramente pelo sr. João Goulart no grande comício realizado no dia 1, em Vitória. Os oradores dessa gigantesca concentração popular — o trabalhador Wantull Siqueira, em nome do Conselho Sindical dos Trabalhadores do Espírito Santo, e o universitário Jaime Lana, em nome da mocidade estudantil — apresentaram diretamente ao presidente da República as reivindicações formuladas pelas forças patrióticas e democráticas. Dentre essas reivindicações ambos os oradores mencionaram expressamente a necessidade da imediata regulamentação da lei de remessa de lucros, de modo a acobertar, nesse terreno, os legítimos interesses nacionais. «O povo já está cansado de meios-lérmicos conciliatórios, em detrimento da realização das mudanças estruturais que lhe trarão melhores condições de vida», afirmou em seu discurso, sob entusiasmáticas aclamações, o estudante Jaime Lana.

Referindo-se ao problema da remessa de lucros, no discurso com que encerrou o comício de Vitória, disse o sr. João Goulart:

«Amanhã se desencadeará uma campanha muito mais violenta contra o presidente da República, porque já declarou, solenemente, que há de fazer a regulamentação da lei de remessa de lucros. E há de fazê-lo em termos que consultem ao interesse da Nação e não ao interesse de grupos estrangeiros que vivem em nosso País.

«Na regulamentação da lei 4.031, que é a lei da remessa

de lucros, o Governo tem dois caminhos a seguir, inclusive porque a referida lei é, às vezes, contraditória nos seus artigos. Há duas teses a respeito da regulamentação, e necessário que o povo as conheça, em palavras simples, para que não possa ser mistificado, amanhã, através daqueles que, encobridores de outras intenções, pretendem enganar-lo. Os capitais que se encontram no Brasil têm direito, se estrangeiros, a ser enquadrados e registrados para efeito de remessa de lucros para seus países de origem.

«Há duas teses, repito: ou o Brasil admite como capital estrangeiro só aquele que entrou realmente no País, há muitos anos, ou então, como muitos dos nossos adversários desejam, o capital entrado seria somado ao lucro do investimento, para efeito de remessa de lucros.

«Não, não porque o capital que entrou, progrediu e se multiplicou à custa da inflação brasileira, à custa inclusive de créditos oficiais, conseguidos em grande parte no próprio estabelecimento oficial de crédito, o Banco do Brasil. Se fôssemos reconhecer como capital estrangeiro o capital que entrou, acrescido ao lucro, o Brasil trabalharia 50 anos para remeter os lucros do capital estrangeiro em nosso País. Esses capitais serão respeitados, no que se refere à entrada verdadeira e legítima desses interesses estrangeiros em nosso País. O que eu entendo é que o capital obtido através de lucros, através às vezes do próprio sacrifício do povo, seja considerado capital brasileiro para efeito de remessas. Esta é a nossa posição».

João Goulart, «no contexto das relações entre o Brasil e os Estados Unidos». Como se vê, estamos diante de mais uma intolerável intrusão de Gordon em assuntos internos do nosso País, mais uma afronta desse desonesto truste lanques à nossa soberania. De longa data, aliás, vem mister Gordon metendo o beldêo em tudo quanto se refere à limitação da remessa de lucros. No ano passado, em discurso pronunciado no Norte do País, teve o chefe da espio-

nagem americana no Brasil o deslante de se pronunciar expressamente contra a lei aprovada pelo Congresso. E durante mais de um ano, desde o momento da aprovação desse estatuto legal, vem pressionando as autoridades responsáveis pelo problema no sentido de que a regulamentação seja eternamente protelada ou, ainda, escamoteie os dispositivos patrióticos da lei, especialmente o que exclui o reinvestimento da condição de capital estrangeiro.

Por sua vez, «O Globo», também de terça-feira, no discurso de Vitória o que disse o presidente da República do que disse o «presidente do PTB», para atacar as referências

feitas pelo sr. João Goulart à luta pelas reformas de base e a reivindicações patrióticas como o estancamento da sangria representada pela remessa de lucros das empresas imperialistas.

«O Jornal do Brasil» logo iniciou uma série de entrevistas que, a pretensão de debater o problema dos lucros das empresas estrangeiras, o que pretende na realidade é justificar o saque contra os interesses nacionais e fazer onda contra uma regulamentação da lei que corresponda efetivamente à defesa da soberania nacional.

«O Estado de São Paulo» e demais jornais ibadicanos seguem pela mesma trilha entreguista.

A Pilhagem

Através das remessas descontroladas de rendimentos para fora do País, as empresas imperialistas vêm realizando sistematicamente, ano após ano, uma monstruosa espoliação.

Vejam alguns dados. E, para começar, recorramos a informações dos próprios imperialistas: ao Relatório Geral, tomo I, pag. 100, da Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, que funcionou em nosso País até 1953. Diz-se ali que no período de 1939 a 1952 entraram no Brasil capitais particulares, para fins de investimentos, no valor de 97 milhões de dólares. No mesmo período os investimentos estrangeiros remeteram para o exterior rendimentos equivalentes a 806,9 milhões de dólares.

Façamos outro confronto, este baseado no Relatório da SUMOC, referente ao exercício de 1956, pag. 123. Informa-se nesse documento de fonte oficial que no período de 1939 a 1955 (dezessete anos, portanto) ingressaram no Brasil 173 milhões de dólares e saíram, sob a forma de remessas de rendimentos (oficialmente, ressalte-se), 1 bilhão e 112 milhões de dólares. E ainda mais: apesar dessa espetacular desproporção a favor dos capitais estrangeiros, nesse mesmo período o valor dos investimentos norte-americanos no Brasil aumentou de 240 milhões de dólares, em 1940, para 1 bilhão e 107 milhões de dólares. Quer dizer: além de serem as rendas remetidas mais de sete vezes maiores que o ingresso efetivo de capitais, os investimentos norte-americanos ainda tiveram o seu valor multiplicado quase cinco vezes. E é fácil compreender o que isso significa: reinvestindo, com os lucros aqui obtidos, um

capital cinco vezes maior que o inicial, — operação repetida todos os anos, em maior ou menor escala — as remessas dos exercícios subsequentes serão sempre espantosamente maiores. Assim, capital brasileiro gera lucros muitas vezes maiores, ano após ano, para os monopólios imperialistas.

Esses dois dados — um de fonte norte-americana, outro da SUMOC — mostram, com toda a clareza, a necessidade de, na regulamentação da lei de remessa de lucros, não ser admitido como capital estrangeiro aquele que excede o limite de 10% admitido para efeito da remessa de lucros. Trata-se, nesse caso, de capital puramente brasileiro. Admitir-se que ele gere lucros para o exterior é admitir, conscientemente, uma monstruosa pilhagem dos frutos do trabalho de nosso povo.

POVOS FUMOS

Getúlio Denunciou

Em dezembro de 1951, dirigindo-se à Nação, o Presidente Getúlio Vargas fez uma contundente denúncia da espoliação imperialista em nosso País. Disse, em resumo, o seguinte: «Referindo-me ao trecho acima, referente ao saque realizado através da remessa de lucros pelas empresas estrangeiras em nosso País:

Em 1948, estavam registrados no Banco do Brasil, a título de capitais estrangeiros, 12 bilhões, 960 milhões de cruzeiros. Mas, neste total, apenas 6 bilhões, 730 milhões representavam moeda estrangeira realmente entrada no Brasil; os outros 6 bilhões, 230 milhões constituíam moeda nacional, acumulada no Brasil por conta dos lucros que excediam a percentagem legalmente transferível e que foram indevidamente incorporados ao capital, por força do Regulamento.

Nos dois anos seguintes, a situação agravou-se consideravelmente. O total dos registros de capital estrangeiro montou a 15 bilhões e 490 milhões de cruzeiros em 1949 e a 23 bilhões e 130 milhões em 1950. Mas, neste último total, o dinheiro estrangeiro realmente trazido para o Brasil representava pouco mais de 9 bilhões e 417 milhões, enquanto se consideravam como capital estrangeiro mais de 15 bilhões e 718 milhões de cruzeiros em moeda nacional, provenientes de lucros legalmente intransferíveis e indevidamente incorporados ao capital.

Na história econômica deste país, talvez mesmo na de qualquer país independente, não conheço exemplo de espoliação maior, feita na base de um Regulamento hábil por um Instituto de crédito oficial contra o dispositivo expresso em lei.

Tomando-se por base esse malabarismo de cifras, essa «multiplicação» do capital estrangeiro em detrimento do trabalho de milhões de brasileiros, foram remetidas para fora, em três anos, a título de rendimentos e de remessas de retorno de juros e dividendos, as seguintes quantias em números redondos: 791 milhões de cruzeiros em 1948; 863 milhões em 1949; 1 bilhão e 28 milhões em 1950, ou sejam,

nos três anos mencionados, um total de mais de 3 bilhões e 700 milhões de cruzeiros. Se se tivesse cumprido a lei e respeitado os 8% permitidos, as remessas para o exterior teriam sido apenas em números redondos, de 540 milhões em 1948, 450 milhões em 1949 e 750 milhões em 1950, ou seja, ao todo, cerca de 1 bilhão e 750 milhões de cruzeiros. Portanto, foram indevidamente remetidos para fora 950 milhões de cruzeiros a mais do que permitia a lei.

A rigor, esses 950 milhões excedentes deveriam ter sido considerados como retorno de capital e descontados do total deste último, que, em ... ficaria, assim, reduzido a pouco mais de 8 bilhões e 460 milhões. Entretanto, o que vimos, nesse mesmo ano de 1950, foi o capital estrangeiro registrado num total de 25 bilhões e 130 milhões, ostentando, pois, um excedente de 16 bilhões e 670 milhões de cruzeiros sobre o seu legítimo e real valor. Isso representa um aumento escandaloso e ilegal de cerca de 200% no capital estrangeiro aplicado no Brasil.

É espantoso, brasileiros! Mas é pura e simplesmente, a linguagem das cifras. O excedente de mais de 16 e meio bilhões de cruzeiros significa, nada mais nada menos que uma dívida contraída pelo Brasil no estrangeiro e que terá que ser paga, ou melhor, «restituída» dentro de um certo prazo. E vamos restituir o quê, pagar o quê? Pagar o que não recebemos, o que é nosso, o que foi majorado por simples magia de cifras, a fim de supervalorizar o capital estrangeiro, em detrimento dos valores do trabalho brasileiro e da produção brasileira.

Essa vultosa cifra em cruzeiros equivale a mais de 830 milhões de dólares, em moeda internacional. E se a Nação souber que os técnicos já calcularam as necessidades financeiras do Brasil, para levar a cabo um importante programa de desenvolvimento econômico, em cerca de 500 milhões de dólares, compreenderá desde logo que o total do dinheiro criminosamente arrancado ao povo brasileiro e ilegalmente incorporado ao capital estrangeiro, foi, no triênio 1948-1950, muito superior à quantia de que necessitamos para a nossa própria recuperação econômica, excedendo-a em proporção maior de uma vez e meia o seu valor».

Imperialismo Pressiona

Essas últimas manifestações partidas das áreas do Governo já despertam a reação dos trustes e seus agentes internos. A embaixada dos Estados Unidos já se coloca abertamente à frente da pressão.

«O Jornal do Brasil» de terça-feira última, com a maior simplicidade, como se se tratasse de um fato qualquer, informa que o embaixador Lincoln Gordon interpelou o Itamarati acerca do discurso pronunciado em Vitória pelo sr.

O GRANDE OUTUBRO



Há 46 anos o mundo em guerra presenciava a derrocada do poder capitalista na Rússia. Sob a direção do Partido dos bolcheviques e do grande Lênin o povo russo assumia o comando do Estado e iniciava a construção da nova sociedade.

Em meio a sacrifícios, enfrentando a contra-revolução, o cerco imperialista e, mais tarde, a criminosa agressão nazista, o povo soviético ergueu a sociedade socialista e hoje empreende a gloriosa caminhada para o comunismo.

Sobre as lições e experiência da Grande Revolução de Outubro é este suplemento, homenagem nossa ao fraternal povo soviético, à obra maravilhosas que ele empreende.

SUPLEMENTO ESPECIAL — 8 o 14-11-1963

NOVOS FUMOS

NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Os trabalhadores de todos os países e todos os povos amantes da paz comemoram mais um aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro.

Graças à União Soviética e à sábia política leninista de seu governo, festejamos a data este ano num momento em que diminui consideravelmente a tensão internacional e o perigo de uma guerra atômica, apesar da guerra fria e da carreira armamentista que prosseguem e das constantes provocações do imperialismo. A assinatura do Tratado de Moscou sobre a proibição das provas nucleares na atmosfera, no espaço cósmico e sob as águas constitui importante vitória da política de paz da União Soviética e um novo passo adiante no caminho iniciado pela Grande Revolução Socialista de Outubro, caminho que levará à abolição da exploração e da miséria em escala mundial e à exclusão para sempre, da vida da humanidade, da possibilidade de qualquer guerra; caminho através do qual se torna uma possibilidade real libertar a humanidade, já na época atual, dos horrores de uma nova guerra mundial.

Faz quarenta e seis anos que o proletariado da Rússia, dirigido pelo Partido de Lênin, punha fim ao domínio da burguesia e dos latifundiários em toda parte do mundo, marcando o início de uma nova era na história universal. O proletariado chegava ao poder, não para modificar apenas o regime de propriedade privada dos bens de produção, mas para destruir essa propriedade privada, não para diminuir as contradições de classe, mas para suprimir as classes, não para melhorar a sociedade capitalista, mas para fundar uma nova sociedade. Por isto, a revolução socialista na Rússia converteu-se em um exemplo para os oprimidos e explorados do mundo inteiro. A partir de então, adquiriu enormes proporções o movimento revolucionário nos países capitalistas mais avançados e iniciou-se a época das revoluções nacional-libertadoras nos países dominados pelo imperialismo, países coloniais e dependentes. Com o triunfo da primeira revolução socialista pôs-se a humanidade em marcha para o comunismo.

Os trabalhadores da União Soviética soberanamente enfrentaram com decisão a resistência armada que lhes foi oposta pela burguesia e pelos latifundiários, assim como a agressão militar do imperialismo, e com vigor revolucionário iniciaram a transformação da velha Rússia atrasada e arruinada por muitos anos de guerra na poderosa potência capaz de destruir a máquina militar da Alemanha hitlerista, na potência socialista que prossegue, graças ao valor e entusiasmo do seu povo, graças à sábia orientação do Partido Comunista, através de caminhos inexplorados, na construção vitoriosa da sociedade comunista. Foram, assim, os trabalhadores soviéticos os primeiros a demonstrar praticamente o acerto e a força criadora da teoria marxista-leninista.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, os trabalhadores de vários países da Europa e da Ásia, animados pelo exemplo dos povos soviéticos, libertaram-se das cadeias imperialistas e, dirigidos pelos partidos marxista-leninistas, começaram a edificar o socialismo. Formou-se o sistema socialista mundial. O caminho percorrido pelo socialismo nestes quarenta e seis anos resulta, de maneira evidente, seu força e vitalidade, ao mesmo tempo que comprova a real historicidade do marxismo-leninismo.

A substituição do capitalismo pelo socialismo em escala mundial tornou-se uma possibilidade real, desde

A Humanidade em Marcha Para o Comunismo

Luiz Carlos Prestes

lada pelo próprio desenvolvimento social da humanidade, diante da crescente decadência da influência e do poderio do imperialismo, que se desagraça aos golpes da luta de libertação nacional contra o sistema colonialista.

Nas históricas reuniões internacionais de 1957 e 1960, em Moscou, foram formuladas as tarefas do movimento revolucionário internacional na época contemporânea. O compromisso das revoluções contra o sistema imperialista internacional é um dever preciso de todo partido comunista fiel aos princípios do marxismo-leninismo.

«Os partidos comunistas — diz-se na Declaração de 1960 — consideram a luta pela paz como sua tarefa primordial.» E é na observância desta resolução, aprovada por todo o movimento comunista internacional, que se destaca o Partido Comunista da União Soviética, cuja atividade é um exemplo para todos os demais partidos marxista-leninistas.

A política de paz da União Soviética é um fator cada vez mais poderoso do desenvolvimento da situação internacional, definindo as relações entre Estados e moldando a consciência dos povos. Por sua vez, o expoente prático da missão pacífica do socialismo no mundo contemporâneo é a política de coexistência pacífica, que determina o conjunto das relações dos Estados socialistas com os Estados capitalistas. Norma geral da política exterior do Estado soviético, o princípio da coexistência pacífica já foi extensamente reconhecido no âmbito internacional e é aceito por numerosos países neutralistas e apoiado por toda a humanidade progressista.

Necessidade objetiva do desenvolvimento da sociedade humana, o princípio da coexistência pacífica, como é consequentemente aplicado pelo Estado soviético, pressupõe e renúncia à guerra como meio de resolver as questões controversas entre os Estados e sua solução mediante negociações; a igualdade de direitos, compreensão mútua e confiança entre os Estados, consideração dos interesses recíprocos; não ingerência nos assuntos internos, reconhecimento a cada povo do direito de resolver independentemente todos os problemas de seu país; espírito de respeito à soberania e da integridade territorial de todos os países; desenvolvimento da cooperação econômica e cultural com base na plena igualdade e no proveito mútuo.

Ao aplicar a política de coexistência pacífica, partem os marxista-leninistas da certeza de que mais cedo ou mais tarde as idéias socialistas triunfarão em todo o mundo. Ao contrário do que dizem os colonialistas anticomunistas, para esse triunfo não é necessária qualquer intervenção dos Estados socialistas nos assuntos internos dos Estados capitalistas. Pois, nada, nem ninguém está em condições de frear a luta

de classes e o desenvolvimento social, as lutas de libertação nacional e anticolonialista, assim como nada nem ninguém pode deter o pensamento humano. Como impedir que os povos que vivem na miséria e na dependência dos monopólios imperialistas lutem pela completa emancipação, pela soberania e pelo progresso econômico e social? Estão evidentemente equivocados os esquerdistas e sectários que pensam que a coexistência pacífica possa deter a influência de um sistema novo e superior, como é o socialismo, e de sua política de paz nas sociedades que vivem no velho sistema. A coexistência pacífica não significa nem pode significar a congelação das relações sociais, nem a consolidação do colonialismo ou do neocolonialismo, não significa qualquer tréguas ideológica, é uma forma de luta de classes.

A crescente influência do socialismo sobre o desenvolvimento mundial manifesta-se hoje principalmente na ampliação e intensificação da luta emancipadora dos povos ainda submetidos à opressão colonial, os quais recebem a assistência desinteressada dos países do campo socialista e, muito particularmente, da União Soviética. Tendo por base o desenvolvimento e fortalecimento de sua economia, os países socialistas ajudam os povos economicamente mais atrasados e edificam uma economia independente, de tal maneira que mesmo os países pequenos e que se encontram bastante distanciados do núcleo principal dos Estados socialistas podem empreender também a construção do socialismo, sem que o imperialismo possa impedir esse processo. A prova disto está no heróico exemplo de Cuba revolucionária, que, graças ao imediato e eficiente apoio da União Soviética e de outros países socialistas, pôde resistir com êxito à agressão econômica do governo dos Estados Unidos e empreender com pleno sucesso a caminhada pela construção do socialismo.

E no instante em que os senhores do imperialismo iamque pensaram poder passar à agressão militar direta contra a revolução cubana, encontraram o governo de Fidel Castro suficientemente armado, graças ao apoio da União Soviética que não vacilou em colocar na linha heróica armas modernas, capazes de dar uma resposta convincente ao vizinho agressor. A política de guerra, de intervenção nos negócios internos de Cuba, chocou-se, assim, com a política de defesa da paz e de ajuda aos povos que lutam pela completa libertação nacional, realizada com firmeza e de maneira consequente pelo governo da União Soviética. Este, ao mesmo tempo que não poupava esforços para ajudar a Cuba, tão seriamente agredida, agia com serenidade e elevado espírito de iniciativa em defesa da paz. E, desde que conseguiu do presidente Kennedy o compromisso de que Cuba não

seria invadida, graças à imediata intervenção da Flota dos Estados Unidos, ordenada por Kennedy como ofensivas e ameaçadoras à segurança dos Estados Unidos.

Hostis à exportação da revolução, os comunistas lutam ao mesmo tempo contra a exportação imperialista da contra-revolução. Foi o que decidiram em conjunto 81 partidos comunistas na Conferência de 1960, foi o que levou à prática o governo soviético sob a direção do camarada Khrushchev. Com a chamada crise do Caribe, os povos ganharam maior confiança em suas próprias forças e a consciência da possibilidade que existe de defender um país que realizou sua revolução, mesmo quando este está situado a pouco mais de uma centena de quilômetros das fronteiras do mais poderoso Estado imperialista. Aprenderam ainda que, graças ao poderio da União Soviética, é possível impedir uma terceira guerra mundial e impor a coexistência pacífica entre sistemas sociais diferentes.

Os sucessos alcançados na luta pela paz e na realização prática da política de coexistência pacífica reforçam o sistema socialista mundial, facilitam a luta revolucionária do proletariado dos países capitalistas e o movimento de libertação nacional. Terne-se patente que é com a força do exemplo que aumenta, dia e dia, a influência das idéias do socialismo. Cresce também o prestígio dos partidos comunistas, a cujo trabalho organizativo e educativo inspirado nas idéias de Lênin, se devem os êxitos alcançados pelos povos dos países socialistas nos quarenta e seis anos decorridos desde a Grande Revolução Socialista de Outubro.

A política dos partidos comunistas parte da tese marxista-leninista acerca do papel decisivo das massas populares, da constante elevação deste papel no processo de edificação do socialismo e do comunismo. Constitui um mérito histórico do Partido Comunista da União Soviética e do camarada Khrushchev haverem denunciado no XX Congresso o sistema do culto à personalidade — que reduz o papel do partido comunista e das massas populares na história — assim como seu incensável trabalho para acabar com as nefastas consequências de mesmo. A luta contra o dogmatismo permitiu abrir novas e inúmeras perspectivas, colocou novos problemas, que, enfrentados e solucionados de maneira acertada, contribuem para a justa orientação das massas de todo o mundo e para a crescente supremacia do socialismo sobre o capitalismo.

Os comunistas brasileiros, que não admitem qualquer espécie de transigência em sua inabalável fidelidade ao internacionalismo proletário, festejam o aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro no momento em que, graças à sua orientação política que se opõe numa posição autocrítica à luta inflexível contra o sectarismo e o dogmatismo e na análise concreta, marxista-leninista, da realidade, alcançam novas vitórias e, juntamente com todos os trabalhadores e demais patriotas, defendem com êxito as liberdades democráticas e abrem novas e mais promissoras perspectivas na luta de nosso povo pela completa emancipação nacional e pelo progresso social.

Defendendo com firmeza a unidade de nossas fileiras, derrotamos as tentativas fracionistas, vencemos onde vierem, e lutamos com forças redobradas, lado a lado com os comunistas de todo o mundo, pela unidade do movimento comunista mundial, que tem no Partido Comunista da União Soviética seu destacamento mais experiente e provedor — o vanguarda por todas as reconhecidas.

Novembro de 1966

As Massas e a Revolução

Oriando Bonfim Jr.

No III Congresso da Internacional Comunista, realizado em julho de 1921, Lênin combateu com mordacidade os que pretendiam emendar as teses apresentadas pela delegação russa, delas retirando a exigência de os partidos comunistas tomarem em suas mãos a direção efetiva da maioria da classe operária e conquistarem o apoio de grandes massas. Quem não entender isso, dizia Lênin, compreendeu muito pouco a revolução russa. A vitória do Partido Bolchevique tinha sido possível porque, além de estar ao seu lado a inegável maioria da classe operária, para o seu lado se passara a metade do exército (10 milhões de homens estavam em armas), o mesmo acontecendo com nove décimos da massa camponesa. Para a vitória — acrescentava Lênin —, para conservar o poder, é necessário conquistar o apoio não apenas da maioria da classe operária, mas também o apoio da maioria da população rural explorada e trabalhadora.

Em pleno curso da preparação da Revolução de Outubro, Lênin, notadamente em duas oportunidades, defendendo a necessidade do apoio da maioria dos trabalhadores, combateu o blanquismo, isto é, a concepção oportunista de que a humanidade se libertará da escravidão assalariada não através da luta de classes do proletariado, mas através da conspiração de uma minoria de intelectuais. É interessante observar que essa condenação do blanquismo ocorreu em situações distintas. A primeira foi em abril de 1917, quando havia na Rússia dualidade de poderes, com a formação, ao lado do governo da burguesia, de outro governo, constituído pelos Sovietes de Deputados Operários e Soldados, sendo então possível o desenvolvimento pacífico e ascensional da revolução. Em artigo escrito sobre "A dualidade de poderes", insistindo na necessidade de os operários conscientes conquistarem para o seu lado a maioria dos trabalhadores, Lênin afirmou taxativo: "Não somos blanquistas, não somos partidários da tomada do poder por uma minoria." A segunda condenação do blanquismo ocorreu na primeira quinzena de setembro de 1917. A situação objetiva se modificara bruscamente nos princípios de julho, com a passagem dos mencheviques e social-revolucionários para o campo da contra-revolução, transformados os soviets, por eles dominados, em meros apêndices do governo burguês. Desaparecera a dualidade de poderes. Terminara a etapa do desenvolvimento pacífico da revolução (um fugaz período, de dias

apenas, viria apresentar-se em setembro, após o esmagamento da tentativa de Kornilov). O Partido preparava a insurreição, "colocada na ordem do dia pela marcha objetiva dos acontecimentos." Lênin, em carta ao Comitê Central, publicada posteriormente sob o título "O marxismo e a insurreição", começava afirmando ser uma das mais perniciosas tergiversações do marxismo a mentira oportunista de que a concepção e a preparação da insurreição como uma arte era blanquismo. E indicava que a diferença existente entre blanquismo e marxismo consistia em que, para os marxistas, três condições prévias eram necessárias para que se colocasse o problema da insurreição: em primeiro lugar, a insurreição, para poder triunfar, não devia apoiar-se numa conspiração, em um partido, mas na classe mais avançada; em segundo lugar, devia apoiar-se no auge revolucionário do povo; em terceiro lugar, devia apoiar-se naquele momento de virada em que a atividade da vanguarda do povo fosse maior, em que maiores fossem as vacilações nas fileiras dos inimigos e nas fileiras dos amigos débeis, indecisos, da revolução.

Vale a pena recordar aqui um episódio dos primeiros dias de julho de 1917. Chegara a Petrogrado a notícia do fracasso da ofensiva das tropas russas na frente de combate. No Primeiro Regimento de Metralhadoras, os soldados, indignados com o prosseguimento da guerra, exigiam que se discutisse a questão das ações armadas e da derrubada do Governo Provisório. Tendo enviado delegados a outros regimentos e às fábricas, por toda parte encontravam apoio. "O Partido — registra a "História do PCUS" — fomentava o estado de espírito revolucionário nas massas, mas era contrário à ação imediata. Os operários e soldados de Petrogrado dispunham de forças suficientes para derrubar o Governo Provisório e tomar em suas mãos o poder do Estado, mas não poderiam manter esse poder, pois aquela época a maioria do povo seguia ainda os social-revolucionários e os mencheviques."

Assim, tanto diante da possibilidade de desenvolvimento pacífico da revolução, como diante da necessidade da insurreição, o problema se coloca em termos de grandes massas, de choque de classes, e não da atividade conspirativa de grupos, de tomada do poder por uma minoria. Para a vitória, não basta apenas a ação da classe mais avançada, mas é necessário o apoio da maioria dos trabalhadores à sua vanguarda. E não é o Partido que faz a revolução

com suas próprias forças. Ao Partido cabe dirigir as massas, organizar suas ações.

Por outro lado, as revoluções não são fabricadas, ou criadas artificialmente, ou importadas de outro país. Elas surgem das condições materiais da vida da sociedade, do conflito entre as forças produtivas e as relações de produção. Causas objetivas — independentes, pois, da vontade dos homens e dos partidos — levam as massas, as classes, à luta. Da mesma forma que só a ocorrência de determinadas condições objetivas criam uma situação revolucionária. "Toda revolução, dizia Lênin em agosto de 1917, representa uma brusca virada na vida das grandes massas do povo. Se essa virada não amadureceu devidamente, não pode ter lugar uma verdadeira revolução."

A política que o Partido Bolchevique seguiu constitui uma lição também no que diz respeito ao trabalho para converter a possibilidade de revolução em realidade, para transformar a situação revolucionária em revolução. Sua linha não se orientou no sentido de "empolgar" o poder, mas no sentido de desenvolver a consciência revolucionária das massas trabalhadoras, conduzi-las, à base de sua própria experiência, às posições da luta revolucionária, organizar sua luta pelo poder.

No período da dualidade de poderes (27 de fevereiro a 4 de julho), o Partido Bolchevique, armado com as resoluções da Conferência de Abril, dirigiu-se ao povo com um programa claro e completo, que apresentava solução para os seus problemas mais angustiantes (a paz, a terra, o pão), desenvolvendo um abnegado e intenso trabalho entre as massas. Por sua estrutura de classe, os soviets eram órgãos do movimento operário e camponês, "a forma plasmada da sua ditadura", representando assim a esmagadora maioria do povo. Nêles predominavam, entretanto, aquela época, os partidos pequeno-burgueses, os mencheviques e social-revolucionários. Os bolcheviques, embora em minoria, não hesitaram: lançaram a palavra de ordem de "Todo o poder aos soviets!", o que então significava o desenvolvimento pacífico da revolução. E compreendiam que, alcançado esse objetivo, a vitória por si só não faria modificar a correlação de forças de classe dentro dos soviets, não alteraria a essência dos partidos pequeno-burgueses, continuando suas vacilações e seu espírito de conciliação com a burguesia. Mas, transformados os soviets em poder único, a luta de classes e de partidos dentro

dêles poderia realizar-se também pacificamente. Então, "as massas populares, por sua própria experiência e sob a influência do trabalho esclarecedor dos bolcheviques, libertar-se-iam das ilusões em relação aos mencheviques e social-revolucionários, convencer-se-iam do seu papel de traidores e dariam a direção do Estado ao Partido Bolchevique, o único que poderia dar paz, terra, pão e liberdade aos trabalhadores."

Entretanto, os social-revolucionários e mencheviques, bandeando-se para o lado da burguesia, frustraram o desenvolvimento pacífico da revolução. Depois de 4 de julho, criou-se uma situação nova, mudou bruscamente a situação objetiva. Já se tornava impossível tomar o poder pelo caminho pacífico. Impunha-se a insurreição armada. Seria um erro, porém, a ação imediata pela derrubada do governo, só possível mediante um novo ascenso revolucionário das amplas massas. Mudando, de acordo com a situação, sua tática e suas palavras de ordem, o Partido Bolchevique prosseguiu em seu paciente trabalho entre as massas para convencê-las, através da experiência, da justiça das suas idéias. A guerra continuava. A terra não era entregue aos camponeses. A economia entrava em bancarrota, surgindo a fome. Criou-se uma situação revolucionária. Os soviets, num rápido processo, passavam a apoiar o Partido Bolchevique. As massas compreenderam a essência contra-revolucionária dos social-revolucionários e dos mencheviques. "Hoje, dizia Lênin em setembro, está conosco a maioria da classe que é a vanguarda da revolução, a vanguarda do povo, a classe capaz de arrastar as massas". "Está conosco a maioria do povo." "Nosso triunfo é garantido." Nessas condições, o Partido Bolchevique, sob a minuciosa orientação de Lênin, preparou e desencadeou a insurreição, que triunfou com extraordinária rapidez, graças ao apoio das massas populares.

Dos ensinamentos que recordamos nestas notas, escritas a propósito do 46.º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, queremos apenas ressaltar a conclusão de que o justo entendimento da revolução como "o grau superior da luta de classes" e a correta compreensão do papel que as massas populares desempenham na história nos levam a destacar como principal, na atividade dos comunistas, "o trabalho organizativo, ideológico e educativo entre os operários e todos os trabalhadores, concentrando nêles a atenção e as forças."



Durante o período que precedeu à Revolução, Leningrado foi uma cidade em que era permanente a presença das massas nas ruas. Desfiles e manifestações eram comuns.

SOCIALISMO E DEMOCRACIA

Jacob Gerender

Já no próprio momento em que surgia, voltou-se contra a República dos Soviéticos a acusação de sofrer de vício essencial do antidemocratismo. A burguesia imperialista mobilizou o seu vasto aparelho ideológico, desde os eruditos professores aos mais rasteiros jornalistas, para forjar solismas e calúnias sobre a "ditadura bolchevique". Nesta campanha foi engajada a social-democracia, que dominava a II Internacional, tendo à frente Karl Kautsky, o seu teórico mais autorizado. Em nome do marxismo, ao qual desfigurava, privando-o do espírito revolucionário, Kautsky declarou que a ditadura do proletariado era uma tese episódica, acidental, não essencial, na doutrina de Marx. E aos conselhos de operários e camponeses (os soviets) contrapôs o parlamentarismo de estilo burguês, como culminância do democratismo. Apesar de suas imensas tarefas na direção do Estado soviético, envolvido em difíceis problemas, Lênin considerou que não podia deixar de responder ao detraitor e o fez com a sua célebre obra *A Revolução Proletária e o Renúncio Kautsky*, em que expõe o conceito de ditadura do proletariado como tipo superior de democracia.

E aí está mais uma lição que precisamos aprender de Lênin: os comunistas não podem deixar sem resposta a acusação da burguesia e dos renegados a respeito do suposto caráter antidemocrático da ideologia marxista e da sociedade socialista. Este é um aspecto da luta ideológica que cumpre não descuidar, se queremos libertar a consciência das massas trabalhadoras, vivendo ainda na sociedade capitalista, das mistificações e ilusões de toda ordem, que o regime burguês difunde. A superioridade do socialismo, se demonstra não só com o desenvolvimento econômico, científico, técnico, não só com as grandes realizações materiais e a elevação do bem-estar das massas, como também, e não menos, com o seu superior democratismo, com a satisfação que dá, pela primeira vez, às profundas aspirações democráticas das massas trabalhadoras.

A demonstração do democratismo socialista exige que se desfaça o sofisma colocado à base da propaganda anticomunista e que consiste, resumidamente, no seguinte: o padrão máximo de democracia é a democracia representativa do Ocidente capitalista; o padrão máximo de liberdade é o que foi atingido pelas democracias ocidentais, em particular pelas democracias anglo-saxônicas, nos Estados Unidos e na Inglaterra; logo, o que não corresponder a este padrão, é antidemocrático, é tirania totalitária. Segue-se, portanto a isto é que se quer chegar, que o regime dos países socialistas é uma tirania totalitária.

Ora, senhores, não somos obrigados a aceitar os vossos padrões, mesmo os máximos, pois que nos orientamos por padrões bem mais elevados. Logo, dizemos nós, a vossa conclusão não passa de um sofisma, resultando de um raciocínio deliberadamente viciado.

A burguesia gostaria de deter a história, como Josué fez parar o sol sobre a cidade de Gabaão. Mas a burguesia não possui esse privilégio divino, que Josué teria exercido, aliás, uma só vez e por breve lapso de tempo. O desenvolvimento histórico não se deteve na democracia burguesa, foi adiante e criou a democracia socialista, em cujos quadros as massas liquidam para sempre a exploração do homem pelo homem.

Por que, então, a acusação de totalitarismo, tão frequentemente assacada contra o regime da União Soviética e dos demais países socialistas? A questão, dizem-nos outros escritores, é que nos países socialistas, ao contrário do que se passa nas democracias ocidentais, tudo se subordina ao Estado, dotado de poderes para predeterminar, rigidamente, todos os aspectos da vida do indivíduo, esmagando a sua personalidade. Tal argumento peca por sua falsidade, pelo menos por dois motivos.

O primeiro motivo consiste em que o próprio Estado burguês evoluiu do liberalismo clássico do século XIX para formas de intervencionismo cada vez mais amplas e coartadas, embora muitas vezes bastante refinadas. O capitalismo monopolista de Estado intervém não só na economia, mas também nos mais variados aspectos da vida social, fazendo-o sempre em benefício da oligarquia dos monopólios. O que existe de democrático no Ocidente capitalista não se deve à burguesia, mas às massas trabalhadoras. A estas é que cabe o mérito de certas conquistas democráticas e sua defesa contra a tendência à fascistização inerente ao capitalismo monopolista de Estado. Se se fala em totalitarismo, cumpre esclarecer que se trata de uma tendência própria, natural, da sociedade capitalista do século XX, tendência que, impelida por agudas contradições, só não adquire seu desenvolvimento extremo, como no nazifascismo de Hitler e Mussolini, ali onde encontra a resistência, hoje em condições muito mais favoráveis, da classe operária e de seus aliados realmente necessitados de democracia.

Purventura não ouvimos, mesmo no Brasil, cujo capitalismo é de desenvolvimento recente, os apelos à "ordem", à "autoridade", à "disciplina", partindo só da direita entreguista, como também do centro conciliador burguês? Se estes apelos para a supressão das liberdades democráticas não puderam vingar, o mérito pertence, fundamentalmente, ao movimento operário e popular organizado, que, ainda há pouco, frustrou, em poucos dias, a manobra presidencial do estado de sítio.

O segundo motivo consiste em que o Estado socialista representa, pela primeira vez na História, as grandes massas trabalhadoras, os operários, os camponeses e a intelectualidade ligada a estas classes. Este tipo de Estado possui, de fato, um elenco de tarefas que não permite mensurá-lo pelos padrões aplicados aos tipos pre-

cedentes de Estado, todos representativos de minorias exploradoras.

Vocifera-se, por exemplo, a propósito da economia totalitária, porque desaparece, no socialismo, a "livre empresa", substituída pela planificação da economia nacional. Mas a "livre empresa", que é senão o reino da concorrência de natureza animal e da anarquia da produção, no qual a imensa maioria é esmagada para enriquecer pouquíssimos? A liquidação da "livre empresa" não traz consigo a morte da liberdade. Pelo contrário, a planificação, baseada na propriedade social dos meios de produção, dá à sociedade o domínio das forças produtivas materiais, fazendo cessar a concorrência e a anarquia, as crises, a inflação e o desemprego. As forças elementares da economia deixam de dominar a sociedade, que passa a dominá-las conscientemente através da planificação. Esta se torna o fundamento da liberdade social e individual dos trabalhadores, cuja personalidade adquire uma base material para florescer. Daí o emprego total (não totalitário), que assegura a todos ocupação condigna e torna o desemprego apenas uma recordação do passado. Daí a educação, total (não totalitária), que liquida o analfabetismo e abre amplamente as portas das universidades, aos filhos dos operários e camponeses, de cujas fileiras saem estadistas, cientistas, técnicos, generais e poetas. Daí a assistência sanitária total (não totalitária) que protege, com os recursos médicos mais modernos e custosos, a saúde, não dos milionários, mas dos milhões de homens simples.

O capitalismo, prova-o a História, admite certas variedades limitadas, formais, de democracia, mas é compatível, igualmente, com as espécies de tirania mais brutais que a humanidade já conheceu. O socialismo não pode existir sem a iniciativa criadora das massas livremente aplicada à construção de sua vida social. Por isso, para o socialismo, não há alternativa, senão a de ser democrático. As restrições à democracia são, no socialismo, manifestações de conjunturas temporárias e não de tendências permanentes. No plano da vida política e dos direitos individuais, a tendência firme e profunda é a que impõe para a expansão da democracia, o serviço da coletividade de trabalhadores livres e solidários.

Com isto, não afirmamos que a democracia socialista seja a perfeição afinal atingida. A perfeição absoluta é um atributo da divindade, o qual não pensamos, nem julgamos, ter transferir para os seres humanos. A democracia socialista tem as suas dificuldades, contradições e doenças infantis. Sobre-lhe, porém, vigor para superar os seus males. Sobre-lhe energia criadora para adquirir formas variadas e flexíveis e se desenvolver no sentido de estruturas mais amplas, a caminho do comunismo. Esta a esperança que reconhecemos quando o socialismo completo só vive na União Soviética.

Outubro e o Caminho Pacífico

Almir Maloz

É pouco provável que se possa encontrar, entre os acontecimentos marcantes da vida da humanidade, algum outro que, mais do que a Revolução de Outubro, tenha sido alvo de deformações tão maciças e sistematicamente difundidas, já agora ao longo de quase meio século. Não houve mistificação nem cabala que, nesses quarenta e cinco anos, grosseira ou astuciosamente, não tenha sido lançada contra a primeira revolução socialista do mundo, contra as forças que a realizaram e os líderes que a dirigiram. Ainda hoje, um escritor como o sr. Afonso Arinos de Melo Franco, que por conta própria se considera uma espécie de "intérprete dos tempos atuais", pretensamente "acima de paixões e sectarismos", ocupa toda uma página do *Jornal do Brasil* para repetir as mesmas primárias falhas que, nesses quatro decênios e meio, vêm sendo dirigidas contra a Revolução de Outubro.

Não pode surpreender, aliás, que assim tenham agido e continuem a agir, em face da Revolução de 1917, as classes sociais retrógradas, através de seus ideólogos e publicistas. De sua parte, essa atitude não só reflete uma irremediável pobreza mental e a incapacidade de apreciar objetivamente os fatos históricos, porém, mais do que isso, exprime uma intenção, tão consciente quanto mesquinha e estéril: a de deformar o sentido, as características e a importância da Revolução de Outubro, pretendendo por esse meio comprometer-lhe e retirar-lhe a significação que, afinal, lhe foi conferida pela história: a de assinalar o advento de uma nova era na sociedade humana, a era do socialismo e do comunismo. Através das calúnias e mistificações, tentam em vão os propagandistas reacionários atingir o prestígio da Revolução de Outubro e, em geral, da ideia de revolução.

Um desses artificiosos maciçamente difundidos pela historiografia burguesa é o que atribui aos revolucionários bolcheviques de 1917 — e, por extensão, a todo o movimento comunista e a todos os revolucionários — a iniciativa e mesmo o gósto pela violência como forma de luta política. Ainda há poucos dias, essa mentira histórica e esse conceito boçal de revolução eram repetidos, em altos brados, da tribuna do Parlamento, pelo deputado padre Arruda Câmara, sem que lhe pesasse na consciência senão e erro, pelo menos o pecado da calúnia.

Ao contrário do que insistem em dizer os desfiguradores da história, o estudo da Revolução de Outubro mostra, precisamente, que o Partido Comunista Russo e Lênin, em particular, não somente preconizaram o caminho pacífico, mas se bateram com a maior energia e coragem para transformar em realidade as possibilidades que nesse sentido surgiram no curso da revolução. Lênin e os bolcheviques tudo fizeram, como dirigentes revolucionários do proletariado, para evitar que se impusesse o "duro e sangrento caminho da insurreição". Assim como tudo fizeram, uma vez barrado o caminho pacífico, para levar a insurreição ao triunfo alcançado. Se a luta se orientou na Rússia na direção da guerra civil, foi apesar dos esforços dos comunistas e contra a sua vontade. A responsabilidade pela luta armada, antes e depois da tomada do Poder pela classe operária, cabe inteiramente às forças contra-revolucionárias da Rússia e ao imperialismo internacional. Eles é que têm de responder diante da história pelos sa-

crifícios que, em nome da restauração de seus odiosos privilégios, impuseram ao povo russo, sobretudo no período da intervenção militar estrangeira.

Vamos à prova dos fatos.

Voltando da emigração para a Rússia, em abril, Lênin proclamou que o País se encontrava já na etapa da revolução socialista. Fundamentando o seu ponto-de-vista, que se tornou a posição oficial do PCR (b), lançou as históricas *Teses de Abril*. Ao expor o caminho a seguir, levava em conta uma particularidade surgida na Rússia, após a revolução democrático-burguesa de fevereiro: a dualidade de poderes entre, de um lado, o governo formal da burguesia e, de outro lado, o Poder real dos soviets, então dirigidos pelos partidos pequeno-burgueses (mencheviques e social-revolucionários) e contando com o apoio da maioria dos operários, camponeses e soldados, embora conciliasse com o Governo burguês. Nessas circunstâncias — esclarecia Lênin — os bolcheviques não se propunham a derrubada imediata do Governo, desde que isso equivaleria a lutar, ao mesmo tempo, contra os soviets, que gozavam da confiança das amplas massas. A palavra-de ordem era a passagem de todo o Poder aos soviets — o que poderia concretizar-se facilmente, se a isso se decidissem os próprios soviets, constituindo-se nesse caso em Governo único e abrindo o caminho para as transformações revolucionárias que se impunham. Nessa palavra-de ordem se continham a ideia e a perspectiva do desenvolvimento pacífico da revolução: concentrado o Poder nas mãos dos soviets, a luta se travaria democraticamente dentro deles, em torno da conquista do apoio da maioria dos operários e camponeses.

Em trabalhos posteriores, Lênin fundamentou mais amplamente a ideia da transição pacífica do Poder para as mãos do proletariado, mostrando a sua viabilidade e a sua conveniência. Falando no I Congresso dos Soviets, em junho, dizia Lênin: "Passastes pelos anos de 1906 e 1917, sabeis que as revoluções não se fazem por decreto, que nos demais países as revoluções seguiram o duro e sangrento caminho da insurreição e que na Rússia não existe um só grupo, não existe uma só classe que possa opor-se ao Poder dos soviets. Na Rússia, devido a condições excepcionais, pode essa revolução desenvolver-se pacificamente". O apelo dos bolcheviques não foi ouvido.

Em julho, dá-se a capitulação dos mencheviques e social-revolucionários à burguesia. Ao invés de chamar para si a plenitude de poderes, os líderes pequeno-burgueses dos soviets preferem entregá-los à contra-revolução. A partir desse momento, desencadeia-se a violência contra o movimento operário e sua vanguarda. Através do terror, os latifundiários e a burguesia tentavam esmagar a revolução. Afastava-se, assim, a possibilidade do caminho pacífico, vindo-se os bolcheviques forçados a tomar o curso da insurreição armada.

Lênin anuncia e fundamenta essa reviravolta em seu artigo *Sobre as Palavras-de-Ordem*. Nesse artigo, assinala que "de 27 de fevereiro a 4 de julho, o desenvolvimento pacífico da revolução era possível e, naturalmente, o mais desejável de todos". E insiste: "Isso teria sido o mais fácil e o mais conveniente para o povo. Era o caminho menos doloroso de todos, e por isso era necessário lutar por ele com toda a energia".

Retirada a palavra-de ordem de "Todo o Poder aos Soviets", lançam-se as forças revolucionárias na preparação da insurreição — a insurreição das massas, contra um Governo que tentava em sacrificar o País numa guerra de rapina e negava ao povo o pão e a liberdade. No início de setembro, porém, em face das mudanças na correlação de forças que se seguíram ao esmagamento da conspiração reacionária chefiada pelo general Kornilov, ressurge a possibilidade do desenvolvimento da revolução por meios pacíficos. A derrota de Kornilov suscitava uma enorme reanimação nos soviets, onde os bolcheviques passaram a ocupar posições decisivas, e dava lugar a um sensível crescimento das forças de esquerda entre os mencheviques e social-revolucionários. Nessas condições, reacquiria atualidade a palavra-de ordem, antes retirada, de "Todo o Poder aos Soviets", com o mesmo significado anterior de forma pacífica de transição do Poder. Descobriu-se essa possibilidade, os bolcheviques empreendem todos os esforços no sentido de transformá-la em fatos reais.

No dia 1 de setembro, publica Lênin o artigo *Sobre os Compromissos*, propondo concretamente aos partidos democráticos pequeno-burgueses uma fórmula cuja aceitação evitaria a necessidade da insurreição armada, a luta sangrenta e a destruição de forças produtivas. Propunha o Partido Comunista Russo que todo o Poder fosse concentrado nos soviets, formando-se um governo de mencheviques e social-revolucionários, responsável perante os soviets. Os bolcheviques abriam mão de sua participação no Governo, da exigência imediata de passar o Poder para o proletariado e o campesinato pobre. Exigiam, no entanto, que fosse assegurado, na constituição e atividade do Governo, o mais amplo democracia e que aos bolcheviques se reconhecesse o pleno direito de atuar junto às massas e de influir nos soviets. Era um compromisso — proposto menos de dois meses antes do triunfo mediante a insurreição — que os bolcheviques sugeriam "em nome do desenvolvimento pacífico da revolução". Dizia Lênin, no referido artigo: "Somente em nome desse desenvolvimento pacífico da revolução — possibilidade extremamente rara na história e extremamente preciosa, possibilidade extraordinariamente rara — só em seu nome, os bolcheviques, partidários da revolução mundial, partidários dos métodos revolucionários, podem e devem, em minha opinião, marchar para tal compromisso".

Até fins de setembro, insistem os bolcheviques em que seja conduzido pela senda da luta não-armada o processo revolucionário russo. Lênin dedica a esse tema toda uma série de artigos: *Uma das Questões Básicas da Revolução*, *A Revolução Russa e a Guerra Civil* e *As Tarefas da Revolução*. Referindo-se a esses trabalhos, dizem os autores da biografia de Lênin (edição de 1963), divulgada pelo Instituto de Marxismo-Leninismo da URSS: "A concentração de todo o Poder estatal nas mãos dos soviets, assinalava Lênin, é o único meio que poderia imprimir à revolução um desenvolvimento gradual, pacífico e tranqüilo".

No artigo *As Tarefas da Revolução*, publicado nos dias 26 e 27 de setembro de 1917, Lênin, depois de acentuar que os soviets teriam o apoio de nove décimos da população da Rússia e que "hoje, nem sequer se

poderia falar em opor resistência aos soviets, se estes, por sua parte, não vacilassem", faz essas indicações precisas acerca de como transcorreria a luta pacífica. Tratava-se, para Lênin, da "possibilidade de o povo eleger pacificamente os seus deputados, a luta pacífica dentro dos soviets, o confronto prático dos programas dos diferentes partidos, a passagem pacífica do Poder das mãos de um partido para as de outro". As massas caberia fazer a escolha. E como Lênin e os bolcheviques estavam convencidos da justiça de sua política e confiavam de maneira absoluta nas massas, propunham que a elas fosse entregue a decisão, antes de exortá-las às armas.

Como no período anterior a julho, e apesar da insistência dos bolcheviques, os social-revolucionários e mencheviques, servindo à burguesia e aos imperialistas, recusaram a proposta de compromisso oferecida por Lênin, não admitindo, dessa forma, que se formasse o bloco de forças capazes de unificar nos soviets o Poder estatal e assegurar à revolução o curso pacífico.

Não restava, depois disso, outro caminho além da insurreição armada para tornar vitoriosa a causa dos trabalhadores e do povo russo. No que dependeu dos bolcheviques, foi feito tudo o que era possível, com o máximo de energia e compreensão humanista, para evitar a luta armada.

E isso tanto antes como depois da tomada do Poder, da vitoriosa Revolução de Outubro. Ressalte-se, aliás, que os combates de Outubro, dada a esmagadora superioridade das forças revolucionárias, custaram poucas vítimas perdidas. "Uma marcha triunfal", dizia Lênin. As lutas cruentas começaram a ocorrer após a instauração do Poder soviético, por iniciativa da minoria exploradora, cujos desumanos privilégios foram suprimidos, e dos bandos imperialistas estrangeiros. O imperialismo, os latifundiários e a burguesia é que impuseram ao povo russo a guerra civil. O desejo ardente dos comunistas russos era lançar-se, desde o primeiro instante, na construção pacífica — e em seu nome Lênin chegou expressamente a propor concessões de caráter econômico a capitalistas russos e estrangeiros que quisessem funcionar sob o controle do Poder soviético.

A guerra civil e os sacrifícios enfrentados pelo povo russo não foram determinados pela revolução, mas pela contra-revolução.

Embora não se tivesse convertido em realidade na Rússia a possibilidade do caminho pacífico da revolução, nem por isso Lênin passou a considerar a insurreição como forma única de luta pelo Poder. Ao contrário, em 1918, polemizando com os chamados "comunistas de esquerda", que defendiam a tese de "empurrar" a revolução mundial, afirmava o dirigente do Grande Outubro, no artigo *Estranho e Monstruoso*: "Semelhante teoria equivaleria à ideia de que a insurreição armada é, sempre e em todas as condições, a forma obrigatória de luta". É que para Lênin, teórico e tático genial do marxismo, a verdade não se comprime em fórmulas imutáveis no tempo e no espaço, em abstrações sem cor e sem vida. "A substituição do concreto pelo abstrato — dizia — é um dos pecados capitais, um dos pecados mais perigosos que podem ser cometidos numa revolução".

Lênin expõe os *Teses de Abril*

...mas não é um curso como a manutenção da paz e a plena possibilidade de consagrar todas as nossas energias à restauração da economia."

Nestas palavras de Lênin, ditas em 1921, no momento mesmo em que o jovem Exército Vermelho celebrava vitórias definitivas sobre os imperiais da "Entente", definia-se já, e para sempre, o caráter pacífico inerente à política externa do novo tipo de Estado que a humanidade via nascer então — o Estado socialista.

Para qualquer formação estatal anterior — a escravista, a feudal, a burguesa — o sentido de uma vitória militar estava e está indissolúvelmente ligado a objetivos de rapina. Festeja-se a vitória porque ela dá apoio à arrogância, à intenção de espoliar e oprimir os povos.

O primeiro Estado socialista, entretanto, festejou sua extraordinária vitória sobre as forças de 14 países imperialistas que se desencadearam contra ele porque, ao vencê-las, ele conquistava a paz. Conquistava o direito de dedicar-se ao trabalho construtivo, pacífico, de edificação da sociedade socialista.

Desde o primeiro momento, a aspiração ardente à paz manifestou-se na vida do Estado soviético. Uma paz justa, sem anexações nem opressões, foi a palavra de ordem com que os "bolcheviques" ganharam a adesão da massa de soldados russos, esmagados pela guerra imperialista que se iniciara em 1914.

A 8 de novembro de 1917, dia imediato à conquista do poder pelos operários e camponeses da Rússia, dirigida pelo Partido de Lênin, já aquela promessa de paz era cumprida, no que dependia do governo soviético. O Congresso dos Sovietes aprovou naquela data o *Decreto da Paz*, no qual se dirigia a todos os povos e governos em guerra, propondo o armistício imediato e o estabelecimento de negociações para a conclusão de uma paz honrosa. O governo soviético nada reivindicava, senão o direito de sair da guerra e viver em paz.

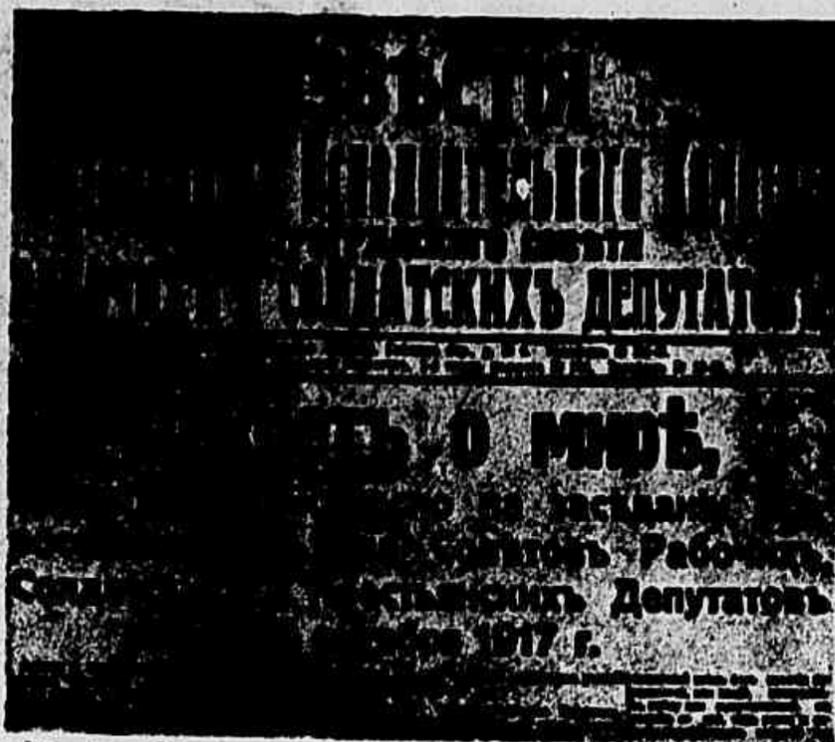
Para evidenciar, aos olhos do mundo, a pureza e a honestidade de seus propósitos, o poder soviético publicou e denunciou as cláusulas secretas dos acordos concluídos pelo governo czarista com as potências imperialistas, nas quais se revelava o verdadeiro caráter daquela guerra, que já enlutara milhões e milhões de famílias em três Continentes: uma guerra de rapina, cujo objetivo era a partilha de territórios e a escravização de povos.

Durante quatro longos e penosos anos, contudo, o povo soviético teria ainda que empenhar todo o heroísmo e o espírito de sacrifício que um povo é capaz de mostrar, para conquistar pelas armas a paz que os imperialistas lhe negaram.

Mas, antes mesmo que o último destacamento invasor fosse expulso da terra soviética, o governo dirigido por Lênin já se esforçava para pôr em prática uma política de coexistência pacífica com todos os países do mundo, fosse qual fosse o tipo de governo ou de regime que neles dominasse.

16 de março de 1921 tornou-se uma data particularmente significativa para o Estado soviético: nela o poder proletário conseguiu firmar seu primeiro acordo de comércio com um Estado capitalista importante, a Inglaterra. Este abria caminho para outros acordos semelhantes, com a Alemanha, a Noruega, a Itália e outros países.

A necessidade de normalizar as relações com o governo dirigente da terra russa era imperiosa também para os Estados capitalistas, principalmente na Europa. Era muito difícil restaurar a economia europeia, grandemente debilitada pela guerra, sem o concurso das fontes de maté-



Manchete anuncia PAZ

A Coexistência Pacífica: Uma Conquista de Outubro

Ronaldo Guimarães

ria-prima — que se encontravam na Rússia. E, já que resultara inútil a tentativa de restabelecer pela força o governo czarista, o remédio, para os governos burgueses, era aceitar o fato novo — a existência de um Estado socialista na Rússia — e coexistir com ele.

"A melhor demonstração da vitória material e moral da República Soviética da Rússia sobre os capitalistas do mundo inteiro — disse Lênin — é que as potências que se concentraram para fazer-nos a guerra se tenham visto obrigadas, contra seu desejo, a entrar pelo caminho das negociações comerciais, sabendo que isto nos fortalece".

Sim, porque a paz trabalha a favor do socialismo. Ao socialismo são estranhos os objetivos de destruição e exploração que sempre acompanham as guerras, é estranha a política de solucionar pelo caminho das armas os litígios entre as nações. O socialismo tem objetivos mais altos, maiores: a construção de uma sociedade nova, a multiplicação da capacidade produtiva dos homens, para que estes atinjam enfim, graças ao próprio trabalho, a idade do ouro, em que a riqueza material e cultural seja abundante para todos. Para alcançar essa meta, o socialismo precisa de paz.

O socialismo não se isola, não se atém aos interesses limitados de um só povo, de um só país. Ao contrário, quer espalhar-se, quer transformar-se em regime dominante em todos os quadrantes da Terra. Nessa aspiração, ele não se diferencia dos outros regimes que a humanidade conhece.

A diferença cardinal está nos meios empregados para a expansão. A revolução socialista não pode ser imposta pelas baionetas ou bombas "H" de um exército estrangeiro; é assunto que cada povo resolve por si mesmo, no momento que julgar maduro.

É através da competição pacífica — nos terrenos econômico, político e cultural —, com os países capitalistas e não pela guerra, que os países socialistas ajudam os povos a avançar para a revolução social. O fortalecimento econômico, político e cultural dos países socialistas deixa o capitalismo cada vez mais apertado em seu feixe de contradições e dá alento e inspiração aos povos do mundo inteiro, pelo exemplo construtivo que o socialismo oferece.

Al estão o fundamento e a origem da política externa de coexistência pacífica com todos os povos e países, seguida pelo governo soviético desde o primeiro dia de sua existência.

Durante várias décadas, porém, essa política seria limitada ao governo soviético. Enquanto o imperialismo dominou de modo absoluto no mundo, a humanidade não podia livrar-se das guerras. Para o imperialismo, a guerra é "a continuação da política por outros meios", é a solução natural e inevitável dos litígios entre diferentes grupos de monopolistas.

"Não podemos esquecer que a qualquer momento podemos ser alvo de uma agressão", dizia Lênin. Os imperialistas decidiam se devia ou não haver guerra no mundo.

Hoje, entretanto, torna-se possível impor a política de coexistência pa-

cífica a todos e a cada um dos países, mesmo aqueles onde dominam os monopólios privados, tais foram as mudanças que ocorreram no mundo, nos últimos anos.

Os imperialistas não podem mais decidir entre eles o destino do mundo. O sistema socialista ergue-se diante deles, mede suas forças com eles e já os supera em muitos ramos de produção, particularmente no terreno militar. Todo um conjunto numeroso de países, antes acorrentados ao "mundo colonial", conquistou independência política e escapa, em maior ou menor medida, à influência do imperialismo e às aventuras militaristas tramadas por este. O movimento operário e democrático dos próprios países imperialistas ganhou força e criou um movimento de opinião pública contrário à guerra que se transforma em sério embaraço à ação dos generals comandados pelos interesses dos monopólios.

Outro fator vem influir de modo decisivo para que se torne realmente possível, em nossa época, deter a mão agressora dos monopólios e impedir o desencadeamento de uma guerra mundial. Com as armas atômicas e os foguetes capazes de transportá-las a qualquer ponto do globo terrestre, a guerra mundial muda de caráter. Deixa de ser um meio de conquista de privilégios e riquezas para os imperialistas e passa a ser uma ameaça à própria existência da humanidade.

"As bombas "A" e "H" não fazem diferença entre pobres e ricos", disse Kruschiov. Destroem cidades e países inteiros, inclusive os capitalistas, que não podem mais, como antes, enriquecer-se placidamente às custas do sofrimento e da morte de milhões e milhões de homens do povo nas frentes de batalha.

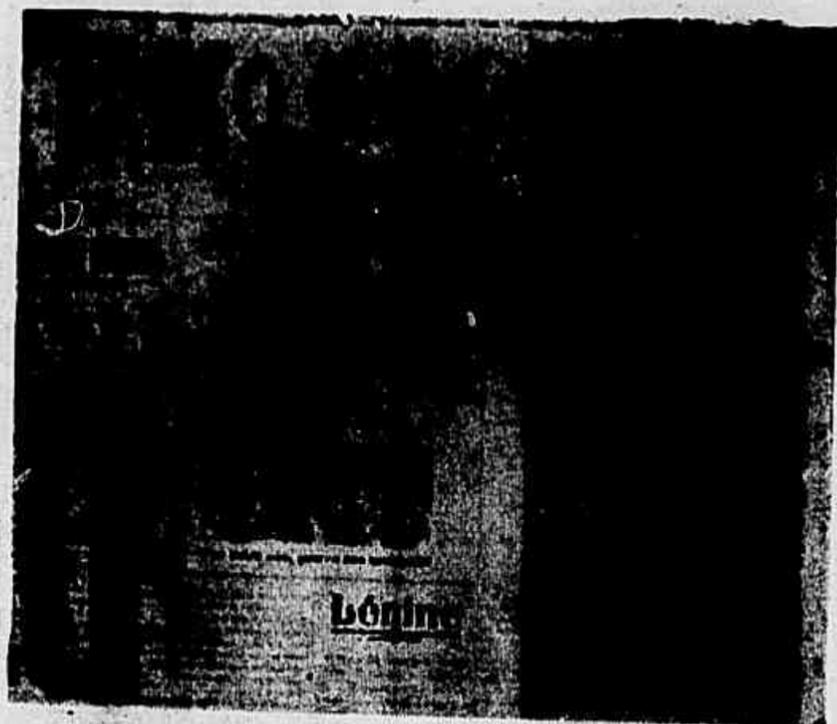
Nessas condições, os monopolistas "medirão sete vezes" antes de desencadear uma guerra mundial, pois sabem que a União Soviética e o campo socialista são capazes de assestar-lhes em poucos minutos um golpe-resposta aniquilador. Torna-se então mais fácil para as forças interessadas na paz — o campo socialista, os países chamados "neutralistas", os povos que lutam por sua libertação nacional, a classe operária e as camadas democráticas dos países onde domina o capital —, não só impedir o desencadeamento da guerra mundial termonuclear, como ainda obrigar os governos a adotar uma política externa de coexistência pacífica com países cujo regime social e econômico é diferente do seu, a renunciar à guerra como meio de solucionar as contradições internacionais.

A consagração gradual e irreversível da política de coexistência pacífica como única política razoável na arena mundial, em nossos dias, tem favorecido enormemente a luta dos povos pela independência nacional, pela democracia e o socialismo. Serviu e serve cada dia mais de apoio a dezenas de países do Oriente Médio, da Ásia, da África e da América Latina, em sua luta contra a dominação imperialista. Assegurou a vitória e a preservação das conquistas da Revolução Cubana, ao travar a agressão dos monopolistas norte-americanos contra Cuba. Desautoriza a reação militarista e estimula o movimento operário e democrático nos países capitalistas.

A vasta popularidade e a imensa força moral e material ganhas pela política de coexistência pacífica em todo o mundo representam uma conquista de extraordinária importância para a humanidade. Por ela, os povos serão eternamente gratos aos revolucionários russos, ao Partido "bolchevique" e a Lênin, em particular, que primeiro hastearam aos olhos do mundo essa bandeira humanista e souberam defendê-la com tenacidade, firmeza e heroísmo.

A Revolução Chega ao Brasil

Astrofido Poetra



Como é fácil de se compreender, também o Brasil foi abalado por aqueles "dez dias" da famosa reportagem de John Reed sobre a Grande Revolução Socialista de Outubro. Antes mesmo do dia 7 de novembro, já o noticiário e os comentários da grande imprensa revelavam o medo que invadia as classes dominantes (do mundo e também do Brasil), em face dos terríveis acontecimentos que se desenvolviam na velha Rússia Soviética. Confrontando os temores das classes dominantes, as classes trabalhadoras em geral (no mundo e também no Brasil) acolhiam aquele noticiário com os mais vivos sentimentos de esperança, que se refletiam claramente nos comentários da pequena imprensa operária da época. É o que podemos verificar, ao folhearmos algumas coleções dos pobres e obscuros jornais de vanguarda que se publicavam entre nós — antes, durante e após os tremendos "dez dias".

"O DEBATE"

Esse o título de um semanário progressista, que se editou no Rio em 1917, a partir da segunda semana de julho. Nêle colaboraram assiduamente escritores e jornalistas dos mais estimados do tempo: Lima Barreto, Fábio Luz, A. J. Pereira da Silva, Theo Filho, Maurício de Lacerda, Agripino Nazaré, Teodoro Magalhães, José Saturnino de Brito, Adolfo Porto, etc.

Já em seu primeiro número, um dos comentaristas de política internacional do periódico fazia rápida análise da situação criada na Rússia pelo desenvolvimento da revolução, e previa para breve a vitória final dos Soviéticos de Operários, Camponeses e Soldados, a cuja frente se colocavam os bolcheviques. Era aquele um momento particularmente agudo, em que as forças revolucionárias e contra-revolucionárias se aproximavam do choque decisivo. Em fins de agosto, o general Kornilov desencadearia o golpe contra-revolucionário, abertamente apoiado pelos Estados Unidos, Inglaterra e França. Os operários e camponeses, organizados e dirigidos pelo Partido de Lênin, preparavam-se para esmagar de armas na mão a traição de Kornilov. Dois meses depois os

Soviéticos tomavam o poder — para sempre. Cumprira-se a previsão feita pelo comentarista do pequeno semanário do Rio de Janeiro. Não era adivinhação, mas avaliação correta das forças de classe em presença e das condições políticas em que a luta revolucionária se desenvolvia.

O Debate publicou numerosos documentos que ajudavam a esclarecer o rumo dos acontecimentos que se verificavam na Rússia. Por exemplo, em seu número de 29 de setembro, reproduziu em tradução um artigo sob o título "Quem é Lênin", assinado pelo socialista russo-francês Charles Rappoport. Pode-se dizer que esse artigo foi o primeiro publicado no Brasil contendo informações exatas sobre a personalidade de Lênin, que a imprensa sadia apresentava caluniosamente, cobrindo-o dos piores baldões. Em 27 de outubro de 1917, estampava O Debate a "Carta" dirigida por Lênin aos socialistas suíços, em março, por ocasião do seu regresso à Rússia. É um documento da maior importância para a compreensão da posição dos bolcheviques no processo da revolução russa.

A GREVE PAULISTA DE 1917

A greve geral de São Paulo, em julho de 1917, produziu enorme repercussão em todo o País, tendo O Debate dedicado ao movimento amplo noticiário, além de artigos e notas, em números sucessivos. Enumerando hoje essa documentação, facilmente podemos perceber a poderosa influência da revolução russa sobre o curso da greve e suas implicações políticas e sociais. O movimento fora provocado pelas más condições de vida e de trabalho dos operários; mas logo assumiu proporções mais graves e profundas, impulsionado pelo espírito revolucionário que animava as massas trabalhadoras.

No n.º de 26 de julho, estampava O Debate uma página inteira consagrada à greve paulista, com os seguintes títulos: "O Exemplo da Rússia" — "Graves Revelações de um Soldado do Exército" — "Teremos também um Comitê de Soldados e Operários?" — No fim da página, reproduzia-se uma proclamação dirigida aos soldados por "Um Grupo

de Mulheres Grevistas", concitando-os a não usarem suas armas contra os operários. Muitos outros documentos sobre a greve paulista foram publicados pelo semanário carioca, e em todos eles se sentia o influxo revolucionário dos acontecimentos que sucediam pela base a velha Rússia.

DEPOIS DE 7 DE NOVEMBRO

Depois do dia 7 de novembro, data sobre todas gloriosa que marcava o triunfo definitivo das forças revolucionárias e a conseqüente instalação, na antiga capital russa, do Governo Operário e Camponês, com Lênin à frente, os jornais operários brasileiros buscavam publicar os materiais que melhor pudessem informar os seus leitores acerca de tão extraordinários acontecimentos. Citaremos dois exemplos típicos: uma página de O Cosmopolita, órgão sindical dos empregados na indústria hoteleira, n.º de 1 de dezembro de 1917. Ai se vê uma gravura encimada pelo título "O grito que nos vem da Rússia" e com a seguinte legenda ao pé: "Paz entre nós, guerra aos senhores!". Ao lado, no alto da página, reproduz-se importante artigo intitulado "Os Maximalistas" (era assim que os telegramas de então se referiam aos revolucionários), transcrito do jornal italiano Grido del Popolo, de Turim, e assinado com as iniciais A. G. (Antonio Gramsci?). Na mesma página, um pequeno artigo consagrado a Lênin, assinado pelo comunista Angelo Vizzotto, de Poços de Caldas, e datado de 15 de novembro, uma semana após o dia 7. É uma ardente defesa de Lênin contra as calúnias da imprensa reacionária, e era ao mesmo tempo uma expressão de confiança e esperança na revolução operária e camponesa.

O semanário Spartacus publicou-se no Rio no ano de 1919 e em sua coleção se encontram numerosos artigos, documentos e notas sobre a Revolução de Outubro. Em seu primeiro número, que saiu a 2 de agosto daquele ano, estampava numa página a "Mensagem aos Trabalhadores Americanos", dirigida por Lênin, em meados de 1918, aos trabalhadores das Américas. No n.º correspondente a 8 de novembro, portanto 2 anos depois de 7 de novembro de 1917, Spartacus, além de artigos e notas

sobre a Revolução, divulgava um documento fundamental: as teses de Lênin sobre "A Democracia Burguesa e a Democracia Proletária", aprovadas pelo congresso de fundação da Internacional Comunista, reunido em Petrogrado (hoje Leningrado) durante o mês de março de 1919. Deste congresso inaugural, publicou Spartacus amplo noticiário, no mesmo número.

FOLHETOS

O primeiro folheto que se publicou no Brasil em defesa e justificativa da Revolução de Outubro recebeu o título: A Revolução Russa e a Imprensa, polémica violenta contra a imprensa reacionária, que desde o início tudo fez para lançar a confusão na opinião pública relativamente à Revolução. Esse folheto foi editado em fevereiro de 1918 e era assinado por Alex Pavel. Por essa ocasião, a polícia andava à procura do "perigoso agitador russo", mas em vão, pois Alex Pavel era simplesmente o pseudônimo de um jornalista brasileiro partidário da revolução bolchevique.

Afonso Schmidt, já conhecido como poeta e jornalista, publicou em 1920 dois folhetos de propaganda do comunismo: Falcões de um Comunista Brasileiro e Liga Nacionalista e a Mochada das Escolas e Evangelho dos Livros, ambos divulgados principalmente no Rio e em São Paulo. Afonso Schmidt formou desde o início nas fileiras dos defensores da Revolução de Outubro.

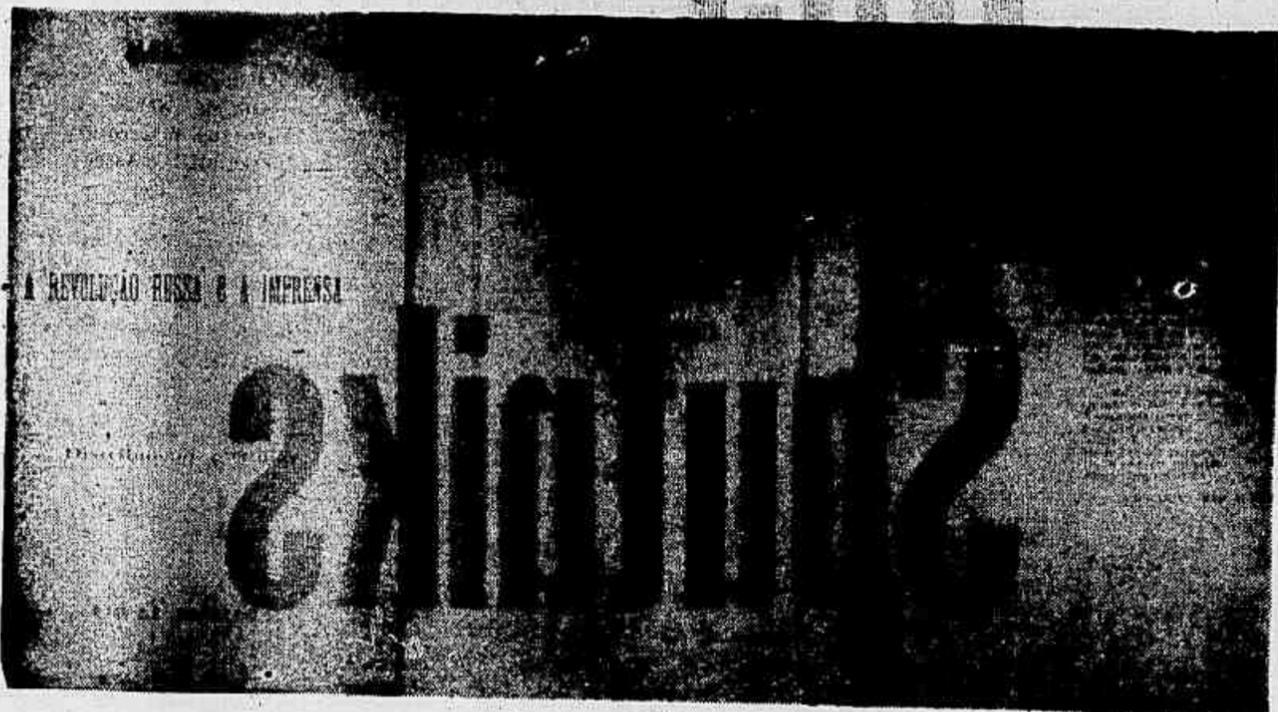
LIMA BARRETO

Sabe-se que o grande romancista carioca manifestou-se decididamente a favor dos "maximalistas", como então se dizia, em numerosos artigos publicados na imprensa e depois recolhidos no seu livro Bagatelas. Hoje, Lima Barreto é geralmente reconhecido como o maior escritor brasileiro do seu tempo, deixando uma obra literária de maior importância. Sua estatura de escritor cresce, com o decorrer dos anos, não apenas por sua obra de ficção, mas também pelos livros em que ficaram registradas suas opiniões políticas; estas constituem um atestado das posições avançadas de Lima Barreto, numa hora em que outros se omitiam ou mesmo se acomodavam no serviço da reação anticomunista.

Lima Barreto viveu ainda cinco anos após o 7 de novembro, e até ao fim mostrou em sua obra a influência profunda que a Revolução de Outubro exerceu sobre o seu espírito.

NOS SINDICATOS OPERARIOS

É claro que foi principalmente sobre a vanguarda operária e seus sindicatos de classe que mais se fez sentir a influência da Revolução. As assembleias sindicais se converteram em verdadeiras caixas de ressonância dos acontecimentos que precederam e que se sucederam no 7 de novembro. Mesmo nas discussões relativas às reivindicações mais elementares e aos assuntos domésticos dos sindicatos, a vibração dos "dez dias" que abalaram o mundo repercutiu de maneira calorosa, incutindo na massa operária a convicção de que a revolução russa era o primeiro passo do proletariado internacional no caminho da libertação pela qual lutavam os trabalhadores de todos os países do mundo.





Dos Dias

de Outubro

à Era

Dos

Sputniks

O Dnieper estava domado. As turbinas giravam céleres e da grande central a energia era distribuída aos mais distantes pontos da Ucrânia. A estepe silenciosa era acordada pelo silvo da locomotiva que rumava ao longínquo Turquestão. As margens do Volga, entre o zumbido dos motores e o fragor das prensas, um hurra! era erguido ao primeiro trator para os campos da grande Rússia que começavam a se semear de colcosos e sovcoses. O socialismo dava seus primeiros frutos naqueles dias que marcaram o fim dos anos 20 e o início de um novo tempo de planos quinquenais e edificação acelerada da nova sociedade.

Quando eu,
resumindo o passado,
reviso nos dias de ontem,
procurando o mais vivo
recordo sempre
o vinte e cinco de outubro,
o primeiro dia
(Malacovski)

Um país extenuado por uma guerra que ainda continuava. A indústria desorganizada e produzindo a ritmos incrivelmente baixos. Os transportes paralisados. A desordem no campo. Fome, desemprego, miséria. A intervenção. A resistência furiosa dos exploradores — latifundiários e capitalistas — derrotados. Eis a Rússia dos primeiros dias e dos primeiros anos do Poder proletário.

AS SEMENTES

Em um breve lapso de tempo, de novembro de 1917 a 1918, os bolcheviques, apoiados na maioria esmagadora do povo, completaram rapidamente a revolução democrático-burguesa e iniciaram o cumprimento das tarefas socialistas.

O decreto da terra destruiu os restos feudais, arrancando pela raiz as sobrevivências da servidão da gleba, abolindo para sempre com a propriedade dos grandes latifundiários e entregando a terra em usufruto aos camponeses.

A paz com os alemães — a paz de Brest-Litovsk — assinada após uma dura luta de opiniões no CC do Partido Bolchevique, luta que terminou com a derrota da minoria "esquerdista", proporcionou ao governo soviético uma folga para iniciar a reconstrução do país, organizar o aparelho administrativo do novo Estado, assim como o Exército Vermelho, e, ao mesmo tempo, deu bases sólidas à aliança operário-camponesa. Neste aspecto, o significado da paz de Brest é inestimável, pois como afirmou Lênin, a continuação do conflito com a Alemanha levaria a que "o exército camponês intolavelmente extenuado pela guerra, depois das primeiras derrotas — e seria provavelmente questão de semanas, não de meses — derrubaria o governo socialista operário".

O alicercamento da aliança operá-

rio-camponesa, fruto destas sementes lançadas pelos bolcheviques, possibilitaram o fortalecimento neste período difícil da ditadura do proletariado, o que permitiu ao novo Estado enfrentar e derrotar no curso de uma luta de dois anos a intervenção estrangeira e a contra-revolução interna.

A guerra declarada dos brancos e não-declarada dos países da Entente (Inglaterra, França, EUA e Japão), o povo russo respondeu com um vigor, entusiasmo e heroísmo insuperável. Tratava-se, então, de defender as conquistas da Revolução, de impedir a tentativa de restauração do poder da burguesia, da ditadura dos latifundiários e grandes capitalistas. O Exército Vermelho, no outono de 1918, depois do criminoso atentado contra Lênin, tinha efetivos calculados em mais de um milhão de homens.

OS PRIMEIROS PASSOS

Em abril de 1918, encarregado pelo CC, Lênin elaborou as teses relacionadas com a economia do período de transição para o socialismo, depois magistralmente desenvolvidas no seu livro *As tarefas imediatas do Poder Soviético*. Assinalava que a economia do período de transição reúne em si elementos de socialismo e capitalismo, e que as formas e os processos de transição do capitalismo ao socialismo dependem das condições concretas em que começa em cada país o avanço para o socialismo.

No que se refere à Rússia, destacava que ali o período de transição começava com cinco tipos diferentes de economia: patriarcal (economia camponesa), pequena produção mercantil (a dos camponeses que vendiam cereais), capitalismo privado, capitalismo de Estado e socialismo. Conferia também importante significado ao capitalismo de Estado, ao qual, na sua opinião, deviam integrar-se as diversas sociedades anônimas soviéticas, nas quais participavam particulares com seus capitais, empresários e cooperativistas burgueses. Estas sociedades seriam controladas pelo Poder soviético.

Também em 1918, em julho, foi aprovada a primeira Constituição soviética (V Congresso dos Sovietes), que sancionou as primeiras grandes conquistas da Revolução: a ditadura do proletariado através dos Sovietes, a igualdade de direito das nacionalidades, a propriedade estatal sobre a terra, a nacionalização das fábricas e empresas, dos bancos, das estradas de ferro e do transporte marítimo e fluvial, o monopólio do comércio exterior. Consagrou também a Carta, os princípios fundamentais do Estado soviético: incorporação dos trabalhadores ao governo, os laços indissolúveis entre o aparelho do Poder e o povo e o asseguramento das garantias materiais que tornam realidade o usufruto dos direitos e liberdades autenticamente democráticos.



O desencadeamento da contra-revolução, a necessidade de mobilizar recursos para enfrentar a agressão interna e externa, a carência de meios, tudo isto levou a que se introduzissem modificações na política econômica formulada por Lênin. Passo a passo, o governo nacionalizou não só a grande indústria, como também a indústria média e até a pequena. O Estado soviético concentrou em suas mãos os meios de produção. A direção da indústria foi rigorosamente centralizada para poder satisfazer às necessidades da frente.

O mesmo ocorreu no setor do abastecimento. A lei aprovada em outubro de 1918 estabelecendo o imposto em espécie para os agricultores não pôde ser aplicada. Havia necessidade de abastecer ininterruptamente o Exército Vermelho, e isto levou o governo a decretar o monopólio dos cereais, proibir o comércio privado e a confiscar os excedentes de trigo.

Esta série de medidas, que per-

durou até 1921, ficou sendo conhecida como "comunismo de guerra", assim definido por Lênin: "O comunismo de guerra foi-nos imposto pela guerra e a ruína. Não foi nem podia ser uma política que respondesse às tarefas econômicas do proletariado. Foi uma medida provisória". (Obras, t. 32, p. 321).

"COMUNISMO DE GUERRA"

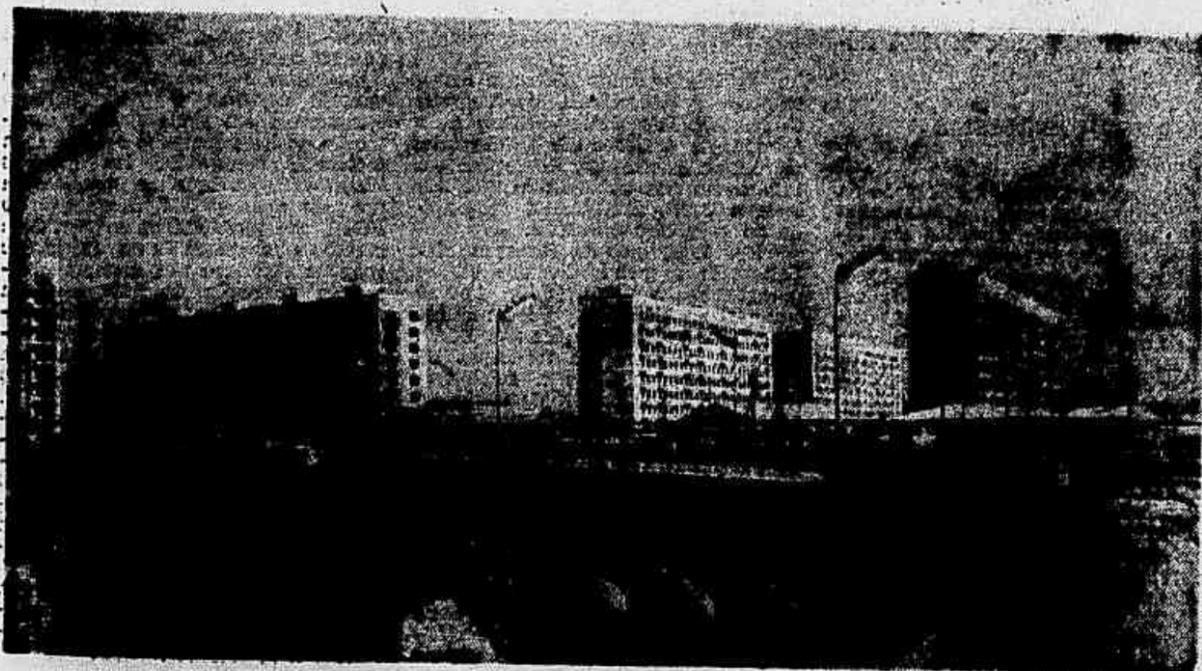
Em março de 1919, ao mesmo tempo que se intensificava, a luta contra os intervencionistas, reunia-se o VIII Congresso do Partido, que elaborou o novo Programa. Traçou este documento as tarefas do Partido para a edificação do socialismo na Rússia. Formulou ele como uma das tarefas fundamentais a unificação de toda a atividade econômica do país à base de um só plano de todo o Estado, e também destacou a necessidade de completar o processo de conversão dos meios de produção a distribuição em propriedade de todo o povo. No que se refere à agricultura, preconizava a criação dos sovcoses e colcosos, e, levando em conta o fato de que as pequenas propriedades individuais dos camponeses subsistiriam ainda durante longo tempo, assinalava a necessidade de auxiliá-las tendo em vista a melhoria da produção.

O Programa formulou proposições concretas no que se refere à proteção do trabalho e à previdência social, habitação, saúde e educação.

Na época em que foi aprovado o Programa, e depois, no IX Congresso do Partido (1920), a situação da Rússia era calamitosa. A economia encontrava-se no nível da economia da Rússia czarista na segunda metade do século XIX.

"A guerra imperialista — diz Kruschov — e a invasão dos intervencionistas destruíram a economia nacional da Rússia que, mesmo sem isso, no terreno econômico já estava com 50 a 100 anos de atraso, relativamente aos principais países capitalistas. Em 1919, a produção industrial do país foi cinco vezes menor do que em 1913".

(Conclui na 10.ª pág.)



Des Dias de

Outubro à Era

Des Sputniks

(Conclusão da Pág. 3)

Para se ter uma idéia mais exata sobre a situação naquela época, vejamos alguns números: a fundição de ferro em 1929 foi de 116.000 toneladas, 3% da de 1913; a extração de carvão correspondia a 1/3 e a de petróleo diminuía em duas vezes. A fabricação de tecidos de algodão correspondia a 1/20 da de 1913. A maioria das empresas estava parada por falta de combustível e matéria-prima. Produzia-se menos de um quilo de ferro fundido e menos de um metro de tecido de algodão por habitante. Em relação à agricultura, o panorama era o mesmo: estava arruinada. Em 1920, a colheita representava 65% da que se obtinha na época do tsarismo.

Portanto, foi diante desse quadro deplorável que os comunistas se propuseram a construir a nova sociedade. Foi diante desse quadro que aprovaram primeiro o Programa e, em seguida, em 1928, o plano GOELRO de eletrificação do país.

Os partidos, os políticos e os ideólogos burgueses receberam o plano de construção do socialismo na Rússia com um ódio feroz e sarcásticas comentários — de Kruschiev. Proclamavam em missão o inevitável fracasso da experiência bolchevique. Charebilh vaticinou "a mais completa decadência de qualquer forma de vida na Rússia, a falência total... das teorias socialistas e comunistas". Podíamos agora perguntar ao senhor Charebilh: afinal, de quem foi a falência? Nosso país, que no terreno econômico ocupava o último lugar entre os principais países do mundo, tornou-se imediatamente a segunda potência industrial e encabeça o progresso histórico. Enquanto isso a Grã-Bretanha, que era a primeira potência do mundo, perdeu irremediavelmente as suas posições".

A NEP

Em 1921 já havia sido liquidada no fundamental a contra-revolução, a guerra civil terminara. Impunha-se portanto ao país uma revisão da política do "comunismo de guerra", capaz de imprimir um curso mais adequado à obra que se reiniciava de reconstrução nacional, base para a posterior edificação em todos os setores da sociedade socialista.

A NEP surgiu exatamente num momento em que os sintomas de insatisfação em relação à política do "comunismo de guerra" começavam a se transformar em choques mais violentos, gerando inclusive levantes. "Defrontamo-nos — disse Lênin a esse respeito — com uma grande crise política interna — a maior, na minha opinião — da Rússia Soviética, que desconcentrou não só uma

parte considerável das empresas, como também dos operários". (Obras, t. XXXIII, p. 388).

No X Congresso do Partido, realizado em março de 1921, a Nova Política Econômica foi exaustivamente discutida. O Congresso examinou a questão ligando-a intimamente ao problema das relações entre as duas classes fundamentais: a classe operária e os camponeses. O descontentamento dos camponeses com o sistema de contingente nas condições de paz ameaçava romper a aliança operário-camponesa. Para evitar este perigo era necessário aplicar uma política que estimulasse o desenvolvimento da agricultura e das forças produtivas do país. Para iniciar a edificação do socialismo era necessário, antes de tudo, restabelecer a economia nacional, começando pela agricultura, que, em virtude de sua extrema ruína, não podia satisfazer as necessidades de pão e de matérias-primas que os centros industriais sentiam. E, sem isso era impossível restabelecer a indústria, principalmente a pesada, que constitui a base da economia socialista. Eis porque, o restabelecimento e o fomento da agricultura constituíram naquele período o elemento fundamental de todo o processo de edificação do socialismo.

A NEP, estabelecendo o imposto em espécie sobre uma parte dos excedentes de viveres dos camponeses estimulou a produção e possibilitou uma rápida recuperação da agricultura na Rússia.

Quanto aos perigos que tal política podia oferecer, com a reanimação da liberdade do comércio — perigo que foi assimilado por Lênin com a ressalva de que não colocava em perigo o Estado proletário, já que este conservava as posições dominantes na economia — os fatos posteriores mostraram a justeza do pensamento do grande chefe da Revolução.

RUMO AOS QUINQUÊNIOS

Os anos posteriores à aplicação da NEP registraram uma rápida recuperação da economia soviética em todos os setores, ao passo que avançava também a construção das bases para a edificação da sociedade socialista. Lênin morreu em 1924, deixando em seus últimos artigos uma fundamentação mais minuciosa do plano de edificação do socialismo na URSS.

Em fins de 1925 os êxitos alcançados pelo povo soviético haviam sido enormes. Restabelecera-se no fundamental a economia nacional. A agricultura do país proporcionava então 87% da produção de antes da guerra. A área cultivada, 92,5% da de 1913. O rublo ultrapassara os índices de 1924. Em um ano, de 1924 a 1925, o número de cooperativas agrícolas se elevou de 1.700.000 para 5.000.000.



A produção da indústria alcançou a 3/4 da de antes da guerra. A indústria do Estado e das cooperativas proporcionava então 81% da produção global. A privada, 19%. Entretanto, a indústria metalúrgica encontrava-se bastante atrasada em relação ao nível de pré-guerra.

O plano GOELRO de eletrificação cumpria-se com êxito. Cinco centrais elétricas tinham sido construídas. Duas estavam em construção.

O salário real dos trabalhadores melhorara. Aumentara em grau considerável o consumo de produtos alimentícios essenciais. O número de analfabetos, que em 1926 era de 68%, baixara para 6%. Levava-se a cabo com êxito a decisão de X Congresso do Partido de superar definitivamente as desigualdades nacionais levando a cabo a edificação da indústria nas repúblicas socialistas mais atrasadas.

A NEP justificava-se inteiramente. Com os êxitos alcançados em 1926, o país soviético preparava-se para a era dos quinquênios.

SOCIALISMO EM MARCHA

As três grandes obras: a construção da hidrelétrica de Dnieper, da ferrovia Turquestão-Sibéria e da fábrica de tratores de Leningrado, marcaram a viragem. Começava em 1927 a era dos quinquênios que iria levar a União Soviética à vanguarda do progresso universal.

Em 1928, quando começou efetivamente o período dos planos quinquenais, a produção de ferro fundido na URSS era de 4 milhões de toneladas (48 milhões nos EUA), o que a colocava no 5.º lugar. No campo, desenvolvia-se a coletivização massiva. A partir de então, a URSS cumpria seus planos quinquenais. No transcurso dos três primeiros planos (1928-1941), converteu-se numa grande potência e alcançou a independência absoluta em relação aos países capitalistas. O quarto plano (1946-1950), foi consagrado inteiramente à reconstrução do país devastado pela guerra, pela Síria árabe. Ao término do quinto plano quinquenal (1955), a indústria soviética produziu 20 vezes mais do que em

1928. A produção dos meios de produção aumentou em 39 vezes e a de artigos de uso e consumo em nove vezes.

Em 1951, o nível da produção soviética multiplicara-se por 42 em relação a 1928. Hoje, as cadeias de montagem das fábricas soviéticas, sem a cada 7 minutos um trabalhador, a cada seis minutos uma secadora mecânica e uma segadora, e cada sete minutos uma colheitadeira de cereais.

Vencendo todos os obstáculos, a passos de gigante, o povo soviético, em curto prazo histórico, alcançou a maioria dos seus oponentes capitalistas e está nos calcanhares do maior. Já provou com exatidão a superioridade do socialismo sobre o capitalismo. Transformou num curto prazo histórico um país atrasado na segunda grande potência econômica mundial. A primeira em muitos ramos, notadamente na ciência e na técnica. Os valores morais do socialismo afirmam-se como os mais humanos.

O país de analfabetos transformou-se no país de engenheiros, cientistas, artistas e escritores. Antes da revolução, mais de 2/3 da população eram analfabetos. Hoje, na URSS não há analfabetos.

Quarenta e seis anos depois do Grande Outubro, o povo soviético encontra-se em plena fase da construção da base material e técnica da sociedade comunista. As grandes transformações que se verificaram no país após o XX Congresso do PCUS, que restabeleceu a legalidade socialista e permitiu o início de grandes reformas nos diversos setores da economia do país, abrem amplas possibilidades para o desenvolvimento pleno de todos os recursos da nação soviética. Permitiram completar com êxito a construção do socialismo e abrir a marcha para a conquista das bases materiais e técnicas à construção da sociedade comunista. O Plano de 20 anos aprovado no XXII Congresso do PCUS abre as perspectivas mais gloriosas que a humanidade já presenciou para o desenvolvimento da sociedade nova.

O homem soviético no espaço é a situação presente do futuro de todos os homens, um futuro sem sofrimentos nem covices.

Ajuda Soviética: Uma Alternativa Para os Países Subdesenvolvidos

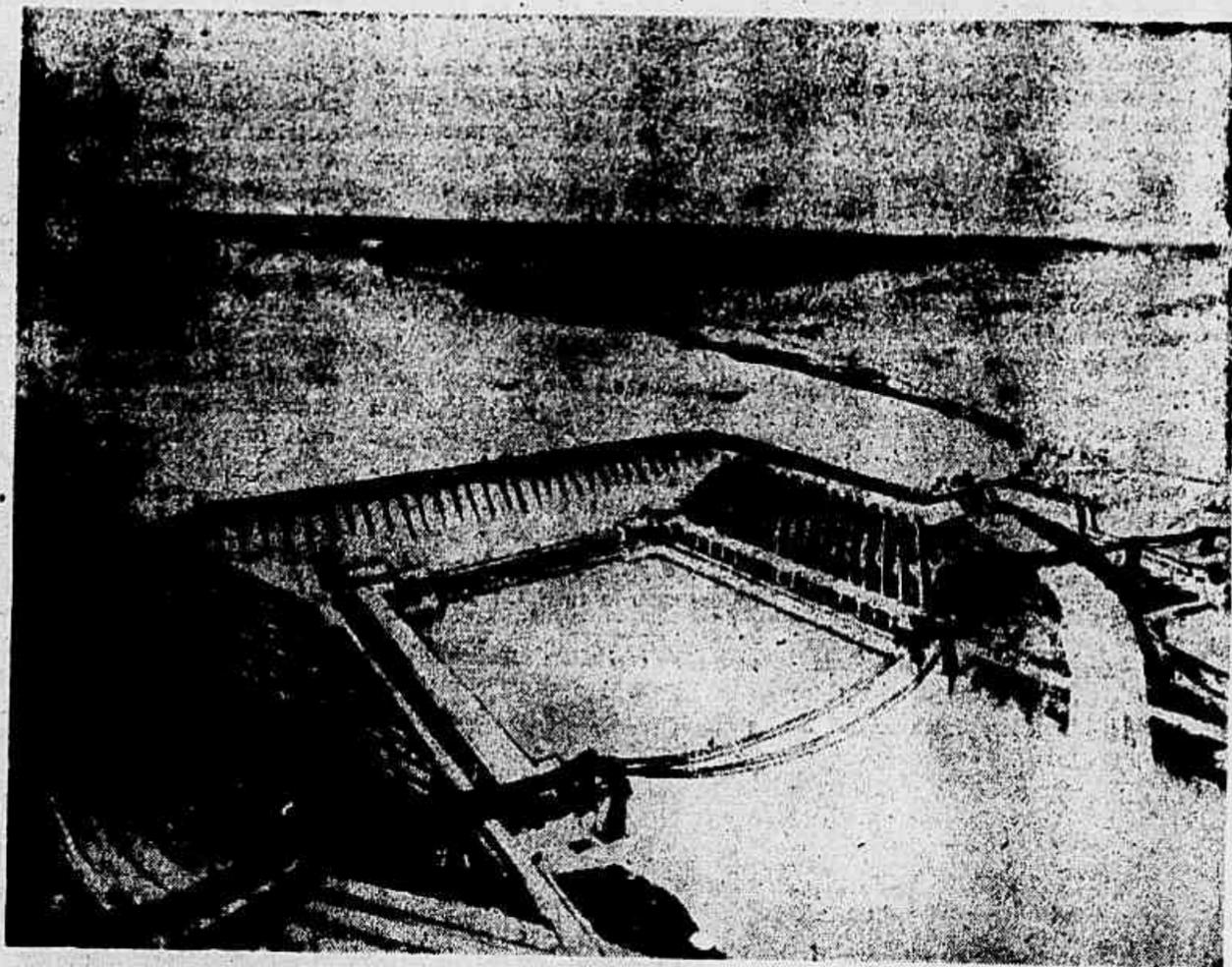
H. HOFFMANN

Embora estejam hoje desmoralizadas as afirmações de estilo Ibadiano sobre os "micróbios vermelhos" que chegariam junto com os equipamentos ou o petróleo soviético com o objetivo de "comunizar o País", continuam se divulgando na imprensa de aluguel especulações sobre supostos objetivos maquiavélicos do programa soviético de ajuda aos países subdesenvolvidos. Ainda recentemente, por ocasião da visita do presidente Tito, da Iugoslávia, o jornal "O Estado de S. Paulo" encheu toda uma página tentando argumentar que a União Soviética, com sua ajuda aos subdesenvolvidos, embora "dando-lhes, pela possibilidade da escolha, a tão desejada e fascinante sensação de independência econômica", tem, como "fim último", "estabelecer uma verdadeira dependência dos países beneficiários de sua ajuda". ("O Estado de S. Paulo", 27/9/63).

APOIO A INDUSTRIALIZAÇÃO

O engraçado é que o próprio articulista de "O Estado" reconhece que o grosso da ajuda soviética é dirigido para a criação de indústrias básicas, enquanto os "Estados Unidos só raramente concedem ajuda em bens de capital". Toda uma artificiosa e ridícula ginástica mental é empregada para explicar que o primeiro tipo de ajuda leva à dependência ("a industrialização — diz o articulista — contribui para o crescimento da classe operária em que o partido comunista procura seu eleitorado e seus militantes"), enquanto o segundo tipo, que "dá ênfase à assistência em alimentos, habitação, educação", "embora sendo lento e orgânico, respeita mais a independência e as características nacionais do país beneficiário e se executa no espírito cristão da subsidiariedade".

Como pode trazer dependência um empréstimo ao governo dum país subdesenvolvido para construir usinas hidrelétricas ou siderúrgicas? Qual o esqueminha teórico que inventaria o articulista de "O Estado" se lembrasse que uma usina hidrelétrica quase não emprega mão-de-obra (não atendendo, pois, à intenção de "criar militantes comunistas")? Como pode ser mais vantagem desperdiçar ajuda estrangeira em atividades para as quais, em geral, são suficientes os recursos internos dos subdesenvolvidos, como é típico o caso da construção, que praticamente não usa recursos importados?



Assuã

UMA ALTERNATIVA

Na realidade, quem não olha o mundo com as viseiras Ibadianas, percebe que a ajuda soviética e dos países socialistas, depois de ter dado condições para a queda definitiva do colonialismo tradicional, tem representado um grande apoio ao desenvolvimento econômico independente dos países da área subdesenvolvida; ela representa uma alternativa para os países que até algumas décadas atrás estavam totalmente na dependência das condições de "ajuda" impostas pelos Estados Unidos e pelo Ocidente, e funciona como uma garantia contra as represálias da metrópole que sofrem os países subdesenvolvidos sempre que decidem romper, total ou parcialmente, com a espoliação econômica neocolonialista.

Os soviéticos estão ajudando a construção de hidrelétricas na Índia (de mais de 500.000 kw de capacidade instalada), no Egito (na represa de Assuã), na Indonésia, no Afeganistão, no Nepal, em Gana; ao todo estão ajudando a construir na Ásia e na África mais de 20 centrais elétricas. E para nenhuma delas existe qualquer exigência semelhante à que os Estados Unidos fizeram a Gana, para con-

ceder um empréstimo para a construção da usina hidrelétrica de Volta: 60% da produção dessa usina (para cuja construção o governo de Gana forneceu 50% dos recursos) se destinará à empresa VALCO, subsidiária do truste norte-americano Kaiser Aluminium Company, que exportará alumínio (e que, aliás, já tentou aplicar o mesmíssimo esquema no Brasil, em relação à Cia. Hidrelétrica do S. Francisco).

AJUDA AOS GOVERNOS

A URSS está ajudando a exploração e a construção de refinarias de petróleo na Índia e em Mali e, ao todo, na Ásia e na África, de mais de 20 fábricas de produtos químicos e refinarias de petróleo. E em nenhum caso existe uma contrapartida como a que os norte-americanos conseguiram em troca da "ajuda" que concederam ao Irã depois da derrubada de Mossadegh: a transferência de 40% das concessões petrolíferas antes em poder dos ingleses para companhias norte-americanas.

Trinta e quatro usinas siderúrgicas e de elaboração de metais não-ferrosos, na Ásia e na África, se constroem

com créditos e assistência técnica soviética, particularmente na Índia, Indonésia e Cênia. Instala-se um porto em Iêmen e um reator atômico em Gana.

Trata-se de créditos e assistência para instalar ativos produtivos que ficarão no país, em poder dos governos locais, e não de empréstimos a curto prazo para comprar concessionárias estrangeiras que já se amortizaram ou para garantir a continuidade das remessas de lucros dos investimentos estrangeiros e dos juros dos empréstimos anteriores, remessas que são freqüentemente bem maiores que os próprios empréstimos.

LONGO PRAZO E JUROS BAIXOS

Em geral, precisamente porque se destinam a financiar empreendimentos básicos, de longo período de maturação, os créditos soviéticos são de longo prazo, na maioria superiores a 10 anos. O prazo de pagamento do empréstimo ao Afeganistão é de 22 anos, iniciado 8 anos após a utiliza-

(Conclui na pág. 12)

Ajuda Soviética: Uma Alternativa...

(Conclusão da pág. 11)

ção do crédito; o da Argentina de 10 anos, com prazo de carência (prazo entre o término da obra e início do pagamento) de 3 anos.

Uma usina siderúrgica, uma represa ou uma hidrelétrica demoram anos a serem construídas e, por isso mesmo, não é possível exigir que os governos iniciem o pagamento desses empréstimos antes que o empreendimento comece a produzir. Essa é justamente uma das dificuldades da instalação de uma indústria pesada: o prazo de financiamento tem que ser maior. Algumas vezes surgem dificuldades na construção, e o prazo tem que ser adiado, como ocorreu recentemente com a Indonésia.

Quanto aos juros desses empréstimos vale a pena transcrever o citado articulista de "O Estado", que diz, apesar de toda a sua má vontade:

"Comparadas com as taxas de juros ocidentais, as juros soviéticos — 2,5% — são relativamente baixos, apenas um pouco superiores aos dos empréstimos concedidos como assistência aos países membros do campo comunista e aproximadamente iguais aos que o Banco do Estado soviético costuma exigir por empréstimos domésticos concedidos a curto prazo." ... "Juros entre 3 e 4% são mais típicos do que os 6% do empréstimo tchecoslovaco à Argentina. Permanece, porém, como verdade que os juros dos empréstimos soviéticos são menos pesados do que os ocidentais, pois o Banco Mundial cobra 5,75%, o Banco de Exportação e Importação 5,75%, os Estados Unidos e o Banco Internacional de

Reconstrução e Desenvolvimento, entre 4 e 5% e o Development Loan Fund, em certos casos, 3,5%."

COMERCIO

Embora o comércio exterior não se possa incluir, teoricamente, no item "ajuda", na realidade, o comércio dos países socialistas com a área subdesenvolvida significa um importante fator de desenvolvimento. Para os países com tradicional escassez de divisas, significa a possibilidade de obter equipamento e matérias-primas através de acordos de troca direta de mercadorias, sem utilização de dólares. Para os governos de muitos dos países subdesenvolvidos representa a possibilidade de romper com a resistência norte-americana, que perdura até hoje, em vender equipamentos e conceder empréstimos a empresas estatais, já que a ajuda norte-americana é notoriamente condicionada ao fortalecimento da "livre empresa" nos países que solicitam essa ajuda.

Mais do que isso, a possibilidade de comércio com os países socialistas e os seus programas de ajuda têm funcionado sobretudo, como garantia contra a repressão. Os soviéticos compraram o algodão egípcio, o arroz birmanês, o póze irlandês e o açúcar cubano quando surgiram para esses países dificuldades ou boicotes no mercado capitalista tradicional. O caso cubano é o exemplo mais recente de como funciona esse comér-

cio como alternativa ao boicote ocidental.

Mais ou menos do mesmo modo tem funcionado a assistência técnica. Na construção do combinado metalúrgico de Bhilai, na Índia, prepararam-se mais de 5.000 técnicos e operários especializados. No Afeganistão se prepararam para o início de 1963 cerca de 20.000 operários qualificados. Montaram-se Institutos Tecnológicos na Índia, Birmânia, Guiné, Tunísia, Camboja, Mali, Egito. A preparação dos especialistas no próprio país se combina com estágios e bolsas na União Soviética.

UMA ESPECULAÇÃO NOVA

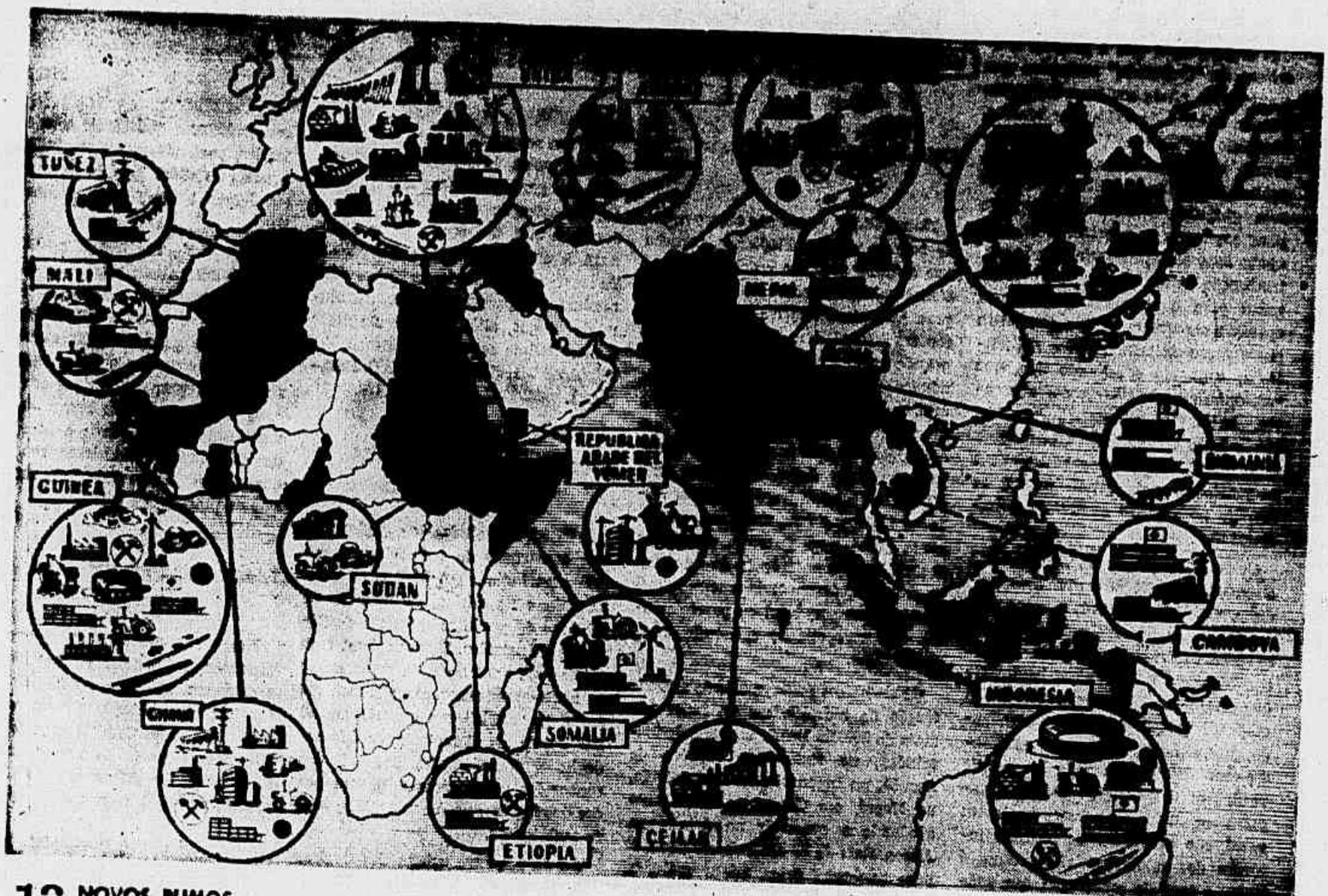
Recentemente tem aparecido na imprensa um novo tipo de especulação contrária à ajuda soviética em que se misturam a hipótese de que "as capacidades soviéticas de prosseguir em seus programas de comércio e de ajuda aos países subdesenvolvidos podem chegar, dentro em breve, a seu limite" com outras hipóteses absurdas sobre um acordo, secreto entre os presidentes Krushchov e Kennedy dividindo áreas de influência, e que significaria uma ausência de garantia da ajuda soviética aos novos países que tentassem sua libertação econômica no caso de repressões dos países capitalistas desenvolvidos.

Tenta-se de uma argumentação, como tantas outras, que leva a concluir principalmente pela fatalidade da dependência econômica da América Latina em relação aos Estados Unidos,

BARGANHA

Na verdade, entretanto, não tem ocorrido qualquer modificação nos programas de ajuda soviética. Quanto ao acordo americano-soviético, sua execução, ao contrário, aumentaria as possibilidades de ajuda, na medida em que libertasse recursos que hoje a URSS é obrigada a dedicar ao armamento. Não há, portanto, qualquer perspectiva de que se realize a previsão do irritado articulista de "O Estado": "o esgotamento das possibilidades de barganha tão cara a certos líderes do mundo subdesenvolvido". Para os brasileiros isso ficou mais uma vez claro muito recentemente: depois que o Relatório do americano Walter Link, em agosto e novembro de 1960, fez uma avaliação pessimista e negativa sobre as nossas possibilidades petrolíferas, o relatório dos técnicos soviéticos Bakirov e Tagiev, em agosto de 1962, apresentava uma conclusão inversa da primeira. Continua inteiramente válido o que disse uma vez o jornalista norte-americano Walter Lippman sobre a ajuda soviética:

"Os países subdesenvolvidos já não dependem de nós, pois recebem de outra fonte a maquinaria fundamental e a ajuda técnica. O surgimento da União Soviética como competidora é um dos acontecimentos históricos mais transcendentais de nossos tempos. Muda radicalmente a situação dos Estados Unidos e de seus aliados e multiplica em alto grau a força dos povos locais."



Da Revolução de Fevereiro às Teses de Abril

O problema da linha política seguida pela direção do partido bolchevique e pelo seu órgão central, *Pravda*, logo depois da revolução de fevereiro de 1917 que derrubou o tsarismo, e até a chegada de Lênin a Petrogrado, é ainda hoje objeto de discussões e indagações devidas talvez também ao fato de que nem todas as documentações relativas já foram publicadas, ou publicadas na sua íntegra.

É fora de dúvida que houve, entre os dirigentes e nos trabalhos publicados pelo órgão central, hesitações e opiniões equivocadas não coincidentes com as opiniões por Lênin quando de seu retorno. O debate refere-se à importância que tiveram e aos camaradas por elas responsáveis.

E a este propósito foram formuladas, em discussões ocultas e por diferentes autores, opiniões divergentes, das quais é bem estar-se informada. A importância do problema está também na parte que cabe a Stalin naquele momento na determinação da linha do Partido; pois os camaradas não raras vezes, hoje pode também considerar-se problema secundário, enquanto prevalece o interesse pelo fundo político das questões que então se colocaram e que se referem à maneira como o partido revolucionário da classe operária deve conduzir-se no curso, nem sempre rotineiro, ao contrário às vezes tortuosas, de uma revolução.

Na primeira redação da *História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS*, redigida por uma comissão presidida pelo próprio Stalin, os fatos são recordados com uma certa largueza. Depois de descrever a situação surgida com a instauração do governo provisório, é dedicado à situação do Partido e à sua linha o seguinte parágrafo:

"Depois da revolução de fevereiro, as organizações do Partido bolchevique que tinham trabalhado clandestinamente, nas difíceis condições do tsarismo, saliam da situação de ilegalidade e começavam a desenvolver publicamente sua atividade política e organizativa. Essas não contavam então com mais de 10-15 mil membros, mas se tratava de quadros forjados na luta. Reorganizados os quadros do Partido na base do centralismo democrático, decidiu-se que todos os seus órgãos fossem eleitos de baixo para cima.

"Tornando-se o Partido legal, as divergências existentes em seu seio revelam-se abertamente. Kamenev e alguns inscritos na organização de Moscou, por exemplo, Rikov, Bubnev, Noghin, tinham uma posição semi-menchevique, isto é, eram favoráveis a um apoio condicionado ao governo provisório e à política dos bolchevistas. Stalin, que retornara havia pouco da deportação, Mikotov e outros, juntos com a maioria do Partido, preconizavam uma política de desconfiança em relação ao governo provisório, lutavam contra os bolchevistas e chamavam as massas à luta ativa pela paz, à luta contra a guerra imperialista. Um certo número dos militantes do Partido vacilava, exprimindo dessa forma o próprio atraso político, devido a um longo período nos cárceres ou no exílio.

É notável, neste trecho, embora falta de referências e menções a indicações de divergências que somente a passagem à legalidade tornou manifestas, e que eram, naturalmente, pré-

-existent. Para qualquer referência a posições erradas de Stalin e, de modo bastante sumário, dificilmente aceitável, as coisas são impostadas a um quadro muito político, de militantes. Tratou-se certamente, de coisas muito diferentes. Nos dirigentes, de insustentação a respeito da perspectiva geral; mas bases, de influência de outros partidos, etc.

Na segunda redação da *História*, elaborada por uma comissão presidida por B. N. Ponomarev e, com referência à primeira, completamente renovada, ao ponto de constituir uma obra totalmente diferente, vem amplamente esclarecida a grande balança positiva das atividades desenvolvidas pelo Partido bolchevique chamado e dirigido ao mesmo à luta pela paz, pela constituição da revolução e contra o governo provisório, e assim por diante. Sobre as posições

erradas, essas são expostas da seguinte forma:

"Depois da revolução de fevereiro, esse (o Partido) encontrou-se em uma situação, muito rara na História, caracterizada por um dualismo de poder. Nem todos, porém, compreendem logo a importância de classe e o valor dos Sovietes. Era preciso organizar milhões de pessoas, desmascarar a política do governo provisório e a traição dos conciliadores. Estas tarefas gigantescoas não ficaram claras logo para todo o Partido.

"Mas novas condições alguns comitês bolcheviques e diversos membros do Partido tomaram uma posição errônea em face do governo provisório. Esses conclamavam o proletariado a estabelecer um controle sobre todos os passos do governo provisório, a desmascarar qualquer tentativa sua de sufocar o desenvolvimento da revolu-

ção na defesa dos interesses das classes dominantes. Tal posição equivalia a afirmar que o poder seria mantido nas mãos do governo provisório e a criar nas massas a ideia errada de que o governo provisório poderia agir segundo os interesses da revolução.

"A tese errada, segundo a qual era preciso fazer pressões sobre o governo provisório para exigir uma abertura para negociações de paz, foi expressa por Stalin que, entretanto, logo renunciou a ela para unir-se a Lênin.

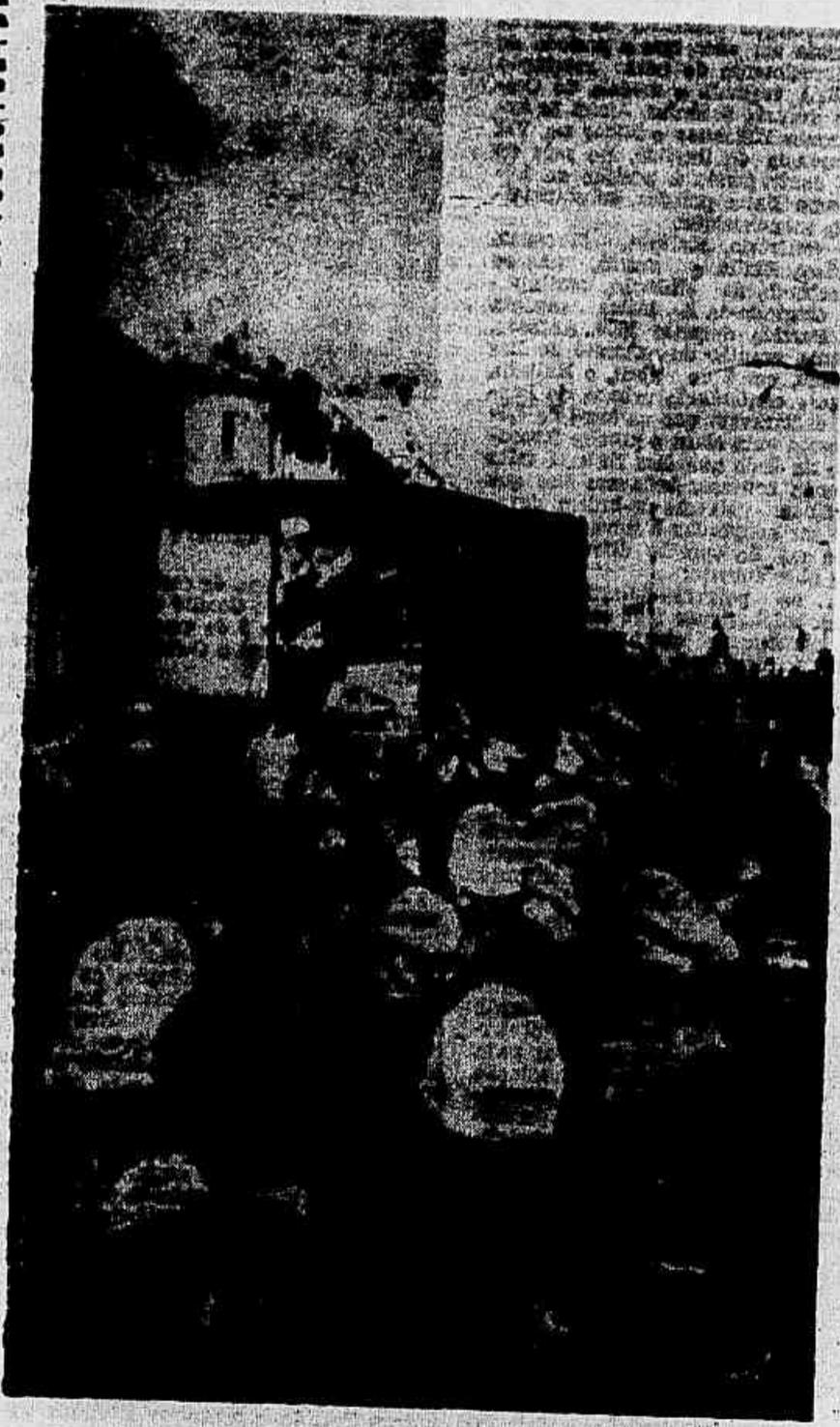
"Kamenev, de volta do exílio, tomou uma posição menchevique. Ele escreveu em *Pravda* artigos nos quais defendia a fórmula "tanto-quanto" (apoiar o governo quando realiza atos a favor da revolução — *W.E.R.*). Sobre o problema da guerra, Kamenev, sem lembrar que a guerra continuava imperialista, mesmo no governo provisório, conclamava os soldados a responder "golpe por golpe, bomba por bomba", isto é, a continuar a guerra. A posição de Kamenev era a lógica continuação da sua precedente linha oportunista.

O próprio Stalin, em 1924, durante as polémicas contra Trotski, ocupara-se da questão em um discurso pronunciado perante o Grupo Comunista do Conselho Central dos Sindicatos. A sua polémica é bastante dura contra Trotski, que ele acusa de menosprezar e negar a obra realizada pelo Partido bolchevique em todo o curso da revolução. Recorda que a velha plataforma pré-revolucionária de derrubar diretamente o governo não era mais adaptada às novas condições, nas quais o governo era ligado aos Sovietes, nem se podia lutar ao mesmo tempo contra o governo e contra os Sovietes, e assim continua:

"Era necessária uma nova orientação do Partido nas novas condições de luta. O Partido (a sua maioria) seguiu às cegas para esta nova orientação. Ele aplicou a política da pressão dos Sovietes sobre o governo provisório quanto ao problema da paz e não se decidiu de imediato a dar um passo avante, da velha palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses à nova palavra de ordem do poder aos Sovietes. Com essa política não nitidamente definida procurava-se permitir aos Sovietes discernir, a respeito das questões concretas da paz, a verdadeira natureza imperialista do governo provisório e a afastar-se assim deste último. Mas esta foi uma posição profundamente errada, uma vez que seguia ilusões pacifistas, levava água ao moinho do defensismo e punha obstáculos à educação revolucionária das massas. Compartilhei então com outros camaradas uma posição errada, e dela renunciamos completamente só em meados de abril, aderindo às teses de Lênin."

Não se pode ocultar que este trecho de Stalin é bastante estranho. Trata-se de uma autocritica e uma critica muito decidida de uma posição política; primeiramente, porém, esta posição vem defendida, e defendida com um argumento bastante válido, isto é, com a necessidade de agitar as massas à base de uma experiência feita por elas próprias. Fica, assim, a impressão de que Stalin fazia a autocritica por exigência da luta interna do Partido que, então, em 1924, estava

(Continua na pág. 14)



Compreendendo jornais em Petrogrado de séculos da Revolução

Da Revolução de Fevereiro às Teses de Abril

(Continuação da pág. 13)

va-se processando, mas que no fundo não estava convencido dela.

CHEGAM AS "CARTAS DE LONGE"

Depois do XX Congresso do PCUS, as revistas soviéticas de História voltaram ao assunto várias vezes. De início houve uma tendência a dar maior importância aos erros cometidos, antes da chegada de Lênin, por Stalin, Molotov e todo o grupo dirigente. Em seguida, a crítica é atenuada e a tendência a não avaliar de modo adequado os elementos positivos da política do Partido naquele período e dar excessiva ênfase aos erros cometidos é condenada em uma resolução do CC.

Sobre isto tem certo interesse um trabalho aparecido em *Kommunist*, no qual se volta ao problema, e algumas circunstâncias novas de fato são postas a claro. É muito estreito, de resto, o vínculo entre este grupo de problemas e aqueles que se apresentaram logo depois da Revolução de Outubro e que também causaram sérias divergências entre os dirigentes.

É um fato que os militantes que estavam à frente das organizações do Partido de Petrogrado e do secretariado russo do Comitê Central, assim como os camaradas que se achavam em Petrogrado nos primeiros dias da revolução, não souberam de imediato perceber a situação que se criava. Esses ainda estavam vinculados às palavras de ordem de 1905/1907 e se esforçavam por aplicar as normas táticas elaboradas por Lênin para aquele período. Entre esses camaradas recorda-se Salutski, Molotov e Sliapnikov; em 7 e 8 de março, passaram a fazer parte do secretariado antes citado Ieremeiev, Svedchikov, Kallinin, Saifetchki, Olminski, M. I. Ulianova, A. I. Ulianova, Slisarova, Schiltko e Khakarev. Em 12 de março voltaram do exílio na Sibéria, Muratov e Stalin.

Com enorme atraso chegavam a essas camaradas os conselhos e as indicações que Lênin se esforçava em mandar-lhes. Por exemplo, as famosas *Cartas de Longe*, escritas por Lênin, em Zurique, baseando-se em notícias disponíveis e expedidas da Rússia pelos meios mais diversos, não eram do conhecimento do Partido. Somente a primeira delas, escrita em 7 (20) de março, foi levada a Petrogrado, pela Kollontai, em 19 e publicada em *Pravda* nos dias 21-22. Além disso, a redação, da qual faziam parte Kallinin, Muranov, Olminski, Stalin e outros, espantou-se com as novas idéias que ali eram expostas e deformou a carta, deixando de lado três parágrafos que tinham um grande valor de princípio, definiam o caráter contra-revolucionário do governo provisório e a traição dos chefes mencheviques que o apoiavam. Eis alguns dos trechos não publicados:

"Não calamos no erro daqueles que como alguns (do comitê de organização) ou como os mencheviques, que oscilam entre as tendências de G. Vosdev Potresov e o internacionalismo, debandando muito amíúde para o pacifismo pequeno-burguês, estão prontos ora a exaltar o acordo do partido operário com os cadetes, o apoio a estes últimos por parte do primeiro, etc. Estes, a favor da sua velha e surrada (e absolutamente não marxista) doutrina baixam um véu sobre o conluio dos imperialistas anglo-franceses com Gutchkov e Millukov com o fito de privar de meios o guerreiro em chefe Nikolaj Romanov e de substituí-lo por *guerretros* mais enérgicos, jovens, mais capazes..."

"Esse governo no qual os outubristas e os restauradores da paz, Lvov e Gutchkov, ontem cúmplices de Stolipin — o carrasco — ocupam cargos efetivamente importantes, cargos de luta, cargos decisivos, o exército, a burocracia, esse governo do qual Millukov e os outros cadetes fazem parte mais que tudo por decoração, de fachada, para pronunciar melífluos discursos professorais, enquanto o *trudovique* Kerenski desempenha o

papel da balalaica para enganar os operários e os camponeses..."

"Quem diz que os operários devem apoiar o novo governo no interesse da luta contra a reação do tsarismo (e o dizem evidentemente os Potresov, os Gvozdev, os Skhenkell e também Scheidze não obstante toda a ambigüidade), é um traidor dos operários, um traidor da causa do proletariado, da causa da paz e da liberdade."

As outras cartas só foram publicadas em 1924, depois da morte de Lênin.

Em 6 de março, Lênin enviou a Petrogrado, onde foi recebido, o seguinte telegrama:

"Nossa tática: plena desconfiança, nenhum apoio ao novo governo, suspeitamos particularmente de Kerenski, armamento do proletariado, única garantia eleições imediatas da Duma de Petrogrado, nenhuma fusão com outros partidos."

Este telegrama foi lido na reunião do secretariado do CC de 13 de março, mas as geniais indicações de Lênin não foram compreendidas a fundo.

Na elaboração da linha política do Partido vieram à luz, no secretariado do CC e na redação de *Pravda*, vacilações e se cometeram erros. Esses erros não eram de único gênero. Kamenev, Rikov, Platakov e alguns outros, por exemplo, partiam da tese de que a revolução democrática burguesa não terminara e por isso a tarefa de passar à revolução socialista não podia ser realizada; tal passagem atribuiria encargos muito pesados à Rússia, enquanto no Ocidente "não havia nada". Donde concluíam: levar a cabo a revolução democrática burguesa e esperar pela revolução socialista no Ocidente, tendo em vista que o período de amadurecimento de uma revolução socialista segundo o modelo do Ocidente duraria decênios. Assim se expressaram Kamenev e Rikov na VII Conferência do Partido, no mês de abril, contrapondo à posição de Lênin uma linha política substancialmente menchevique.

Ao contrário, Kallinin, Muranov, Sverdlov, Stalin e outros, não se apercebendo da situação, continuavam cingindo-se à tática seguida pelo Partido durante 1905. Antipov, em uma reunião do Comitê de Petrogrado, em 6 de abril, e Kallinin, em uma conferência urbana do Partido, declaravam que as teses de Lênin eram uma clara e precisa formulação de tudo que eles tinham feito de modo confuso. Achavam eles que as velhas palavras-de-ordem deviam ser adaptadas à nova situação. Lênin era de opinião diferente e o disse abertamente:

"... as palavras-de-ordem e as idéias bolcheviques têm sido em geral plenamente confirmadas pela História, mas concretamente as coisas têm andado de modo diferente do que qualquer um teria podido esperar, de modo mais original, mais característico, mais variado."

A orientação do Partido resulta com evidência, ainda que nos seus aspectos débeis, mas sobre uma linha fundamentalmente justa, dos documentos políticos da época. A partir de 28 de fevereiro, em um manifesto publicado com a assinatura do Comitê Central (e altamente apreciado por Lênin especialmente pelo apelo à necessidade da união com os proletários de todos os países beligerantes na luta pela paz), no volante "Camaradas", no projeto de diretrizes para os deportados eleitos para o Soviete de Petrogrado, na resolução do bairro de Viborg, na do secretariado do CC de 4 de março e em outras, o governo provisório era definido como um governo burguês e contra-revolucionário e se apresentava a proposta da formação de um novo governo provisório revolucionário. Resulta particularmente clara esta posição na resolução, já lembrada, de 4 de março, publicada em *Pravda*, de 9 de março. Nela se diz:

"O atual governo provisório é, em substância, contra-revolucionário porque é formado por representantes da grande burguesia e da nobreza, e porque com ele não se pode fazer nenhum acordo. O dever da democracia revolucionária é a forma-



Comício em Petrogrado

ção de um governo provisório revolucionário de caráter democrático (ditadura do proletariado e dos camponeses)".

Essa resolução era, de certa forma, uma resposta à do Comitê de Petrogrado, aprovada a 3 de março e publicada a 7, na qual o Comitê declarava:

"... não se opor ao poder do governo provisório na medida em que as suas atividades correspondam aos interesses do proletariado e das grandes massas democráticas do povo."

A idéia, profundamente errada, do apoio condicionado ao governo burguês foi ainda apresentada no dia 7 de março pelo jornal dos bolchevistas de Moscou (*O Social-Democrata*) em um editorial intitulado "O Nosso Programa". O Partido não o aprovou, mas nos sucessivos documentos do secretariado do CC (resoluções de 9 de março e depois, de modo mais completo, de 22 de março "Sobre o Governo Provisório", publicada no n.º 18 de *Pravda*), enquanto se refuta o apoio ao governo provisório e se demonstra a sua natureza de classe contra-revolucionária, apresenta-se a tese da necessidade de um controle das suas atividades, exercida pelo Soviete. Esta tese do controle, defendida com particular tenacidade por Kamenev, admitia a idéia de que se poderia obter qualquer coisa para o povo de um governo definido como contra-revolucionário, levando assim água para o moinho de quem era pelo apoio ao governo.

Mesmo em *Pravda*, que teve uma participação de primeiro plano em unir o Partido e organizar a classe operária, apareceram artigos que continham sérios erros, que Lênin qua-

lificou, mais tarde, como oscilações no sentido das posições de Kautsky e que exprimiam vacilações existentes nas fileiras do próprio Partido. Em seu número 9 foi publicado um artigo abertamente oportunista de Kamenev. Os componentes da redação, conforme se desprende da ata de uma reunião do CC de 15 de março, não tinham porém tomado conhecimento do referido artigo antes de sua publicação, mas somente depois. O próprio Kamenev, de resto, fora admitido na redação por decisão e sob a responsabilidade de Muranov, sem uma decisão do secretariado. O artigo de Kamenev (intitulado "Sem Diplomacia Secreta") foi condenado, criticou-se o fato de ter ele entrado daquela forma na redação, mas nela ele foi mantido e até apresentado como candidato ao Comitê Executivo do Soviete de Petrogrado, o que suscitou protestos no Partido e no Soviete.

Kamenev, no artigo, sustentava a tese da pressão sobre o governo provisório, a fim de levá-lo a entabular negociações com o fim de pôr término à guerra; se alinhava contra a mobilização do exército e por uma "solução organizada" da própria guerra.

O Partido tinha sobre a guerra uma posição bem precisa. Definia-a como guerra imperialista e de rapina, era pela paz imediata sem anexões e sem indenizações e pela confraternização nas frentes de luta. Mas em nenhum documento do CC e em nenhum artigo de *Pravda*, o problema da guerra era ligado de modo imediato ao problema do po-

(Conclui na pág. 15)

Da Revolução de Fevereiro...

(Continuação da pag. 10)

ter, admitiu-se, pelo comitê a possibilidade de uma reunião entre o governo provisório e o partido a partir de agora. Stalin, por exemplo, no início de 19 de março, publicava um trabalho "Sobre a União", no qual manifestava a mesma posição de Kamenev:

"Onde está a união?" perguntava e respondia: "Não há reunião entre o governo provisório e o partido a partir de agora, mas a união deve ser feita imediatamente".

A posição do secretariado do CC a favor da união é exposta de forma mais ampla em uma resolução "Sobre a União e o Partido" de 23 de março (Prouda, 2.º 11), que, junto com uma resolução "Sobre o Governo Provisório", foi o plano da reunião de conciliação para a assembleia convocada para o fim de maio de março, da qual participaram representantes de ambas as partes. O trabalho de conciliação foi feito em uma reunião de 23 de março e 2 de abril de 1917, durante muito tempo não se fez menção ao Partido do Trabalho e a ele só se falou de 1.º de abril, no qual, inclusive, Stalin opôs-se às propostas de Lenin, até que ele não se deu a palavra. E de se declarar tal fato, uma vez que não poderia julgar-se as tentativas apenas de uma conciliação de situação de revolução, depois de tudo, em uma reunião que deveria levar ao fim o trabalho do Partido.

A assembleia não deu um passo à frente na direção de uma união entre as duas partes, mas a resolução apresentada pelo secretariado.

No comitê de conciliação, em uma reunião de 23 de março, de que se falava, com o objetivo de se poder estabelecer, após a reunião, um programa comum de trabalho a partir de agora. Não é necessário a união de conciliação para a união de conciliação, mas a união de conciliação para a união de conciliação. O trabalho de conciliação foi feito em uma reunião de 23 de março e 2 de abril de 1917, durante muito tempo não se fez menção ao Partido do Trabalho e a ele só se falou de 1.º de abril, no qual, inclusive, Stalin opôs-se às propostas de Lenin, até que ele não se deu a palavra. E de se declarar tal fato, uma vez que não poderia julgar-se as tentativas apenas de uma conciliação de situação de revolução, depois de tudo, em uma reunião que deveria levar ao fim o trabalho do Partido.

Stalin a questão das relações com outros partidos e organizações em uma reunião de conciliação, de 27 de março, que diz:

"O Secretariado etc., comitê de conciliação a proposta de união das duas partes a partir de agora, mas a união deve ser feita imediatamente".

Stalin desta decisão, que a união de conciliação com os mencheviques, que não se chamavam "Internacionalistas", não estava unida. A união de conciliação, no momento em que se fez, as condições, mencheviques, inclusive os membros do Comitê, apoiavam o governo provisório, era considerada por Lenin um passo já em direção à união de conciliação, em uma carta a Skliansky, colacionada entre as tentativas de conciliação de conciliação, mas o CC a união com as tendências à conciliação:

"A tendência à conciliação e à união é uma das principais para o Partido operário na Rússia. Não é uma ilusão, mas uma regra para o Partido. Por que de fato a "união" (ou conciliação ou coisa semelhante) com Scheidte e Skobolev está é o ponto decisivo, porque não é uma que se chamam "Internacionalistas" que dão "união" com o Comitê de organizações (centro dirigente dos mencheviques -- v.d.r.) e através dele com Potresov & Cia. e por isso devemos lutar com os social-democratas de Trotski & Cia. não o compreendem, pior para eles."

A TENDÊNCIA À CONCILIAÇÃO

As tentativas de união de conciliação, em uma reunião de conciliação, de 23 de março e 2 de abril de 1917, durante muito tempo não se fez menção ao Partido do Trabalho e a ele só se falou de 1.º de abril, no qual, inclusive, Stalin opôs-se às propostas de Lenin, até que ele não se deu a palavra. E de se declarar tal fato, uma vez que não poderia julgar-se as tentativas apenas de uma conciliação de situação de revolução, depois de tudo, em uma reunião que deveria levar ao fim o trabalho do Partido.



O Soviet está reunido

Na decisão sobre Indicações para a União, em uma reunião de conciliação de conciliação, de 23 de março e 2 de abril de 1917, durante muito tempo não se fez menção ao Partido do Trabalho e a ele só se falou de 1.º de abril, no qual, inclusive, Stalin opôs-se às propostas de Lenin, até que ele não se deu a palavra. E de se declarar tal fato, uma vez que não poderia julgar-se as tentativas apenas de uma conciliação de situação de revolução, depois de tudo, em uma reunião que deveria levar ao fim o trabalho do Partido.

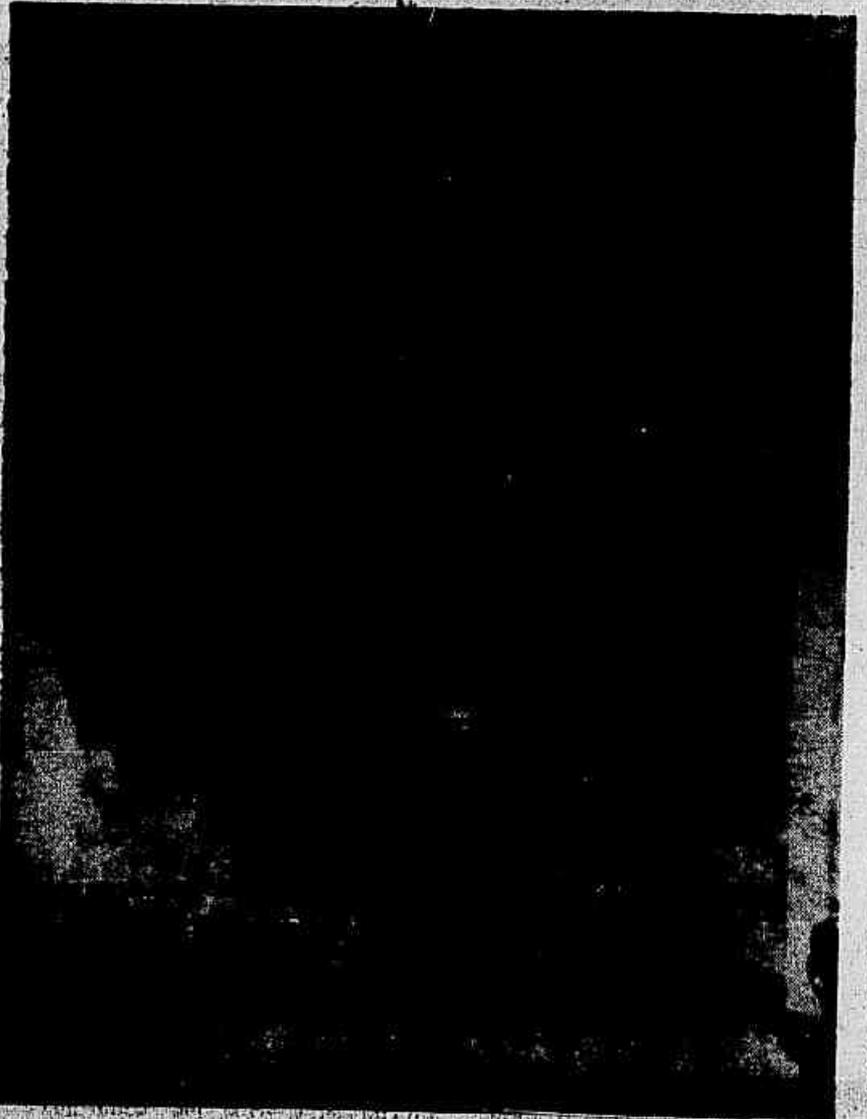
em relação, embora com as indicações de Lenin. Independentemente a questão de Skripski, de Skliansky e de alguns outros, a união de conciliação, de 23 de março e 2 de abril de 1917, durante muito tempo não se fez menção ao Partido do Trabalho e a ele só se falou de 1.º de abril, no qual, inclusive, Stalin opôs-se às propostas de Lenin, até que ele não se deu a palavra. E de se declarar tal fato, uma vez que não poderia julgar-se as tentativas apenas de uma conciliação de situação de revolução, depois de tudo, em uma reunião que deveria levar ao fim o trabalho do Partido.

que não compreenderam logo. Ele o reconheceu, mas quis atribuir esta hesitação a todo o Partido. "Houve então no Partido divergências com Lenin? — escreveu ele mais tarde. — Sim, houve. Mas quanto duraram? Não mais de duas semanas". A verdade é que as duas semanas foram necessárias para Stalin, que modificou as suas posições na conferência urbana de Petrogrado, que aprovou as teses leninistas. O Partido como tal, ao contrário, adotou-as logo depois da chegada de Lenin.

É significativo o fato de que onde as vacilações foram menores foi nas organizações de base, mais ligadas às massas. Por exemplo, o Comitê de Petrogrado, em uma sessão de 8 de abril repete as teses de Lenin; no entanto, aprovaram-nas plenamente as reuniões de base dos bairros de Porkhovski (9 de abril), de Vassilostrovski (10 de abril), de Petrogrado (11 de abril) e assim por diante. Os delegados à conferência urbana (14-22 de abril) conquistaram por isso o direito de votar por estas teses, e elas foram aprovadas com uma maioria esmagadora. Nos dias 16-17 de abril o mesmo acontece na conferência do Báltico setentrional (representando 5 mil inscritos); no dia 22 de abril em Voronez. Mesmo em Moscou, apesar da resistência de alguns camaradas, as teses foram aprovadas, embora o camarada Smidovitch fizesse introduzir na resolução um trecho relativo ao controle sobre o governo provisório. Em Kiev, foi recusada uma resolução, apresentada por Piatakov e contrária às teses de Lenin. Nos Urals, não tendo chegado notícias dessas teses, foi aprovada, segundo relatório de Sverdlov, uma resolução que continha todos os erros da reunião de março. Que posição assumiu Lenin em relação a essas divergências? Ele considerou necessário superá-las com uma discussão aberta, para ajudar todos os que erravam a corrigir-se e para saber quais eram as divergências da linha do Partido.

"As minhas teses e o meu relatório — escreveu — suscitaram divergências entre os próprios bolcheviques e na própria redação de Prouda. Depois de uma série de reuniões chegamos unanimemente à conclusão de que o mais oportuno era discutir abertamente, para proporcionar desta forma uma documentação aos presentes à conferência pan-russa de 20 de abril de 1917".

Esta observação contém preciosas indicações a respeito do modo de dirigir a vida interna do Partido. No que se refere à substância dos debates, sobre os quais um julgamento definitivo já foi dado pela História, é apenas de saudar e desejar que a documentação a eles relativa seja providenciada da forma mais ampla, como é necessário, a fim de que a própria História seja conhecida e exposta com espírito de verdade.



«A vitória será dos explorados, pois com eles está a vida, a força do número, a força das massas, a força das inesgotáveis fontes de tudo o que há de abnegado, ideal e honrado, que impele para adiante, que transborda para a construção do novo, a força de todo o gigantesco reservatório de energias e talentos das chamadas «pessoas simples, dos operários e camponeses.» (Lênin, Obras, t. XXVI, 364).

